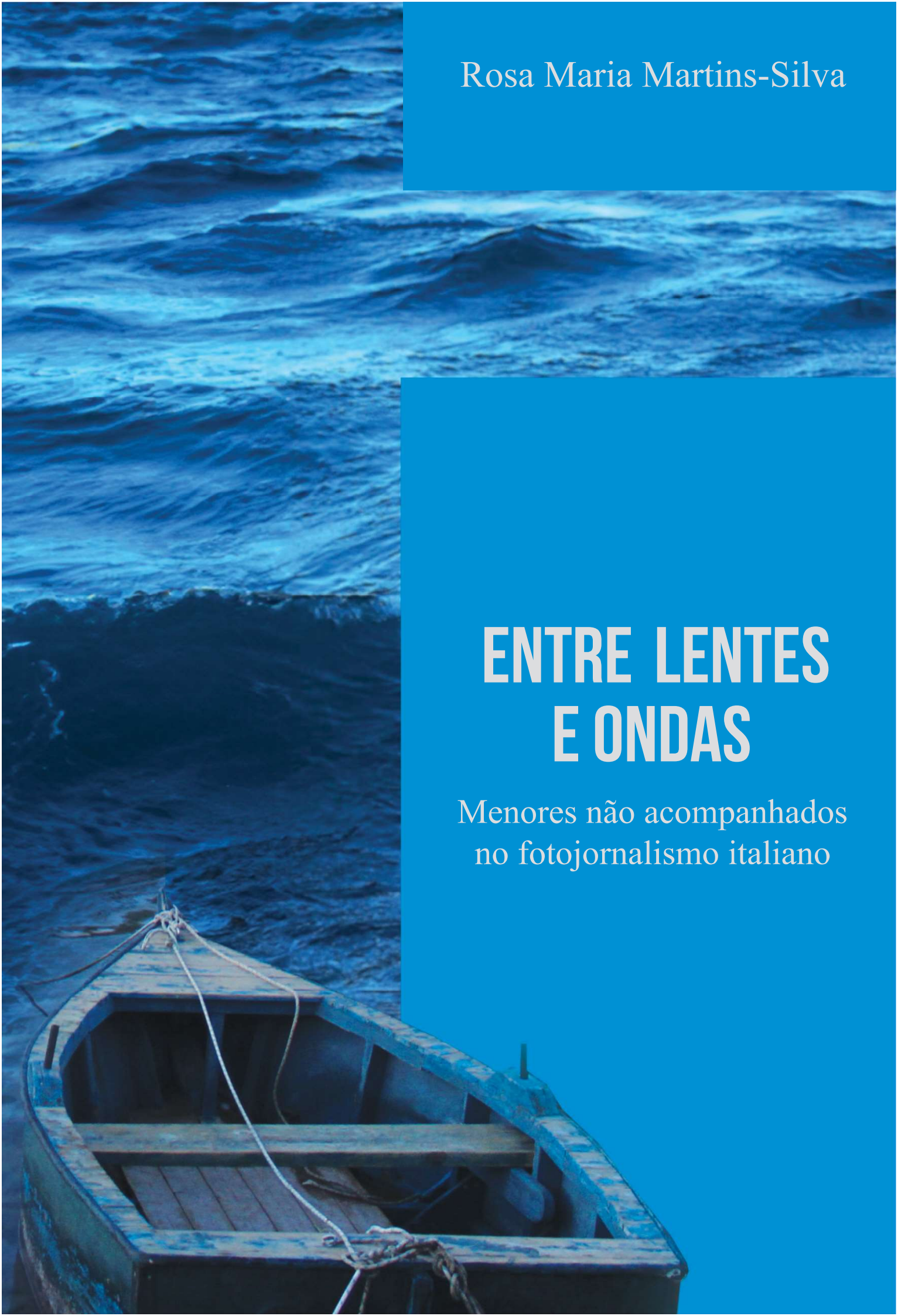
Rosa Maria Martins-Silva



ENTRE LENTES E ONDAS

Menores não acompanhados no fotojornalismo italiano

Série Migrações – 27

ENTRE LENTES E ONDAS

Menores não acompanhados no fotojornalismo italiano

CSEM

Brasilia
2025

Série Migrações da Editora CSEM

26. Roberto Marinucci (Org.). *Life and agency at the borders. Advocacy for the right of migrants and refugees to have rights*, 2024. Disponível também em espanhol.

25. Neide Lamperti. *Ser mulher e refugiada. Desafios de inserção no mercado laboral angolano*, 2024.

24. Ronaldo Munck, Tanja Kleibl, Maria do Carmo dos Santos Gonçalves, Petra Daňková (Orgs.). *Migración y transformación social. Perspectivas comprometidas*, 2023. Disponível também em inglês.

23. Tuila Botega; Delia Dutra; Igor B. Cunha (Orgs.). *Movilidad en la frontera: Tijuana como espacio de (re)construcción de la vida,* 2020.

22. Marlene E. Wildner (Org). *Reconstruindo vidas nas fronteiras: desafios no atendimento junto a migrantes e refugiados,* 2019. Disponível também em inglês.

21. Paulo Inglês. *Angola é a nossa casa: Reintegração de retornados angolanos no Uíge vindos da República Democrática do Congo,* 2017.

20. *Migrações internacionais - Abordagens de direitos humanos,* 2017.

19. *Política migratória e o paradoxo da globalização*, 2015.

18. *Vidas em trânsito: conhecer e refletir na perspectiva da mobilidade humana,* 2014.

17. *Migração internacional e trabalho doméstico. Mulheres peruanas em Brasília*, 2013.

16. *Entre dois mundos: a igreja no pensar e no agir de Giovanni Battista Scalabrini*, 2011.

15. CSEM e Redi ESI (Orgs.). *Mobilidade Humana: Componente curricular da educação Scalabriniana,* 2011.

14. *Mídia e migração contemporânea: estudo sobre o uso dos meios de comunicação pelos migrantes,* 2011.

13. *Vidas em trânsito. Mudanças no percurso migratório de migrantes urbanos*, 2011.

12. *Trajetórias interrompidas: cidadãos brasileiros deportados e não admitidos*, 2009.

11. *Povo em itinerância. Israel nos caminhos da migração*, 2007.

[...]

Rosa Maria Martins-Silva

ENTRE LENTES E ONDAS

Menores não acompanhados no fotojornalismo italiano

CSEM

Brasília
2025

Capa: Rosa Maria Martins-Silva
Colaboração: Editora Gênio Criador
Revisão textual: Heliomar Andrade Ferreira
Diagramação: Dirce Perini/Traço Diferencial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Martins-Silva, Rosa Maria
Entre lentes e ondas [livro eletrônico] : menores não acompanhados no fotojornalismo italiano / Rosa Maria Martins-Silva. – Brasília, DF : Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios, 2025. – (Série migrações; 27)
[PDF]

ISBN: 978-65-85775-25-0
DOI: doi.org/??????????????????

1. Crianças e adolescentes. 2. Emigração e imigração. 3. Fotojornalismo. 4. Itália – usos e costumes. I. Título. II. Série.

25.2644845 CDD: 070.49

Índices para catálogo sistemático:
1. Fotojornalismo 070.49
Aline Graziele Benitez – Bibliotecária – CRB 1/3129

CSEM
Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios
SRTVN 702 – Conj. P – Ed. Brasilia
Rádio Center – Sobrelojas 01/02 70719-900 Brasilia / DF – Brasil
Tel.: +55 9 9924 8062 E-mail: csem@csem.org.br www.csem.org.br

@csembrasilia @csembrasilia @csem_brasilia @csembrasilia CSEM

Direitos reservados
É permitida a reprodução se citada a fonte original.

GRATIDÃO

A Deus que me amou por primeiro, me deu a vida, me dotou de inteligência e esteve comigo sempre.

A meus pais, Maria das Dores Martins Silva e Agenor Caetano da Silva, que me geraram, me amaram, me educaram para a vida.

Aos meus irmãos e irmãs, no sangue, que sempre foram uma força no meu caminho.

Ao amigo Jaime Carlos Patias pelo incentivo e apoio no decorrer do mestrado.

À Irmã Romilda Cappellini (*in memoriam*), a grande mentora e idealizadora para que eu me tornasse jornalista e comunicóloga.

Aos menores estrangeiros não acompanhados que me acolheram e confiaram a mim suas experiências de vida, me tornaram mais humana e me ensinaram a viver com pouco e na gratidão.

Aos educadores e educadoras das casas de acolhida da Itália por terem me aberto o caminho.

A todos os meus professores (as) por terem me contaminado com a paixão pela pesquisa.

Ao então Governo Geral das Irmãs Missionárias Scalabrinianas por todo esforço para que esta pesquisa tivesse êxito.

Às Irmãs Scalabrinianas da Província San Giuseppe e ao povo italiano que com muita abertura e respeito me acolheram e me ajudaram a realizar esta pesquisa.

Ao Governo Provincial das Irmãs Scalabrinianas da Província Maria Mãe dos Migrantes por favorecer a publicação deste livro.

A Elena Baroni e a Lucia Del Chiaro por todo o esforço para que esta pesquisa se realizasse.

Ao então Arcebispo de Lucca, S.Exª Rev.ma Italo Castellani por me acolher no Palácio Episcopal e ter aberto as portas para a realização desta pesquisa na Diocese de Lucca, Toscana, Itália.

Ao meu sabiá Free, minha companhia diária no jardim, no bairro da Aclimação, SP, que durante a redação deste trabalho sempre me visitava e era uma companhia ímpar que me ensinava a liberdade.

Dedico esta obra à minha mamãe Maria das Dores
e ao meu papai Agenor Caetano (*in memoriam*),
que me favoreceram aguçar a
minha inteligência desde a infância,
me educaram na fé e me ensinaram a viver
a Lei de Deus; sempre caminharam comigo
como anjos da guarda e ainda o são na fé.
A eles respeito e gratidão sempre.

Este livro é uma homenagem a todos os menores,
meninos e meninas da travessia, que sonham,
que desafiam o mundo a ser um lugar de paz,
de justiça e de fraternidade
onde todos possam viver como irmãos uns dos outros.
Eles confiaram a mim suas
Histórias, fazendo com que este livro
se tornasse uma realidade.
A todos os menores imigrantes e refugiados,
meu respeito, minha reverência.

E Deus disse: "Haja a **luz**" e houve a luz.
E Deus viu que a luz era boa. [...] E disse:
"Façamos o homem à nossa **imagem**, como nossa
semelhança. Deus criou o homem à sua **imagem.**
Á **imagem** de Deus ele o criou,
homem e mulher ele os criou"

(Gn 1,26-27).

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO
MENORES ESTRANGEIROS NÃO ACOMPANHADOS. O papel do jornalismo intercultural / 11

INTRODUÇÃO / 15

1 O FENÔMENO (I)MIGRATÓRIO DE MENORES NÃO ACOMPANHADOS NA ITÁLIA / 23

1.1 Origem e rota / 25

1.2 O processo de acolhida e as tentativas de integração / 32

1.3 A importância da relação corporal no processo de integração e acolhida de menores em situação de vulnerabilidade / 39

2 NARRATIVAS MIDIÁTICAS: A FULANIZAÇÃO DO MENOR ESTRANGEIRO NA SOCIEDADE DO ESPETÁCULO / 51

3 A IMIGRAÇÃO DE MENORES ESTRANGEIROS NÃO ACOMPANHADOS NO FOTOJORNALISMO ITALIANO / 61

3.1 Uma câmera na mão e uma ideia na cabeça. Para uma estética do "Isto foi encenado" / 73

4 POR UMA ICONOGRAFIA DA TRAVESSIA E DA CHEGADA / 83

4.1 A fotografia no contexto da travessia / 88

4.2 A urgência de um Código Deontológico e o fotojornalismo italiano em questão / 99

4.3 O fotojornalismo: conceitos / 103

4.4 A imagem no processo de imigração como acesso para a memória / 109

4.4.1 Compreendendo o contexto em que estão inseridas as imagens na ANSA e no Corriere della Sera / 111

4.4.2 Resultados e análise da pesquisa de campo / 119

EPÍLOGO / 151

REFERÊNCIAS / 163

APRESENTAÇÃO

MENORES ESTRANGEIROS NÃO ACOMPANHADOS
O papel do jornalismo intercultural

Maurizio Corte*

Os menores estrangeiros não acompanhados na Itália são frequentemente retratados no fotojornalismo de maneiras que podem perpetuar estereótipos e preconceitos. Isso é o que nos diz o livro de Rosa Maria Martins-Silva, que nos leva a presumir, de forma fundamentada, três possíveis consequências dessa representação dos menores através da mídia: uma autorrepresentação enganosa e distante da realidade dos próprios menores não acompanhados; uma incompreensão, por parte da opinião pública, da realidade humana dos menores migrantes; e uma extensão de estereótipos e preconceitos também àqueles menores e jovens que, embora nascidos na Itália, de famílias estrangeiras, são considerados "estrangeiros" em relação à sociedade italiana.

É inegável que a mídia italiana ainda não assimilou e aceitou o fato de que a Itália é um país multiétnico e multicultural. A Itália sempre foi multicultural e multiétnica. Basta observar a disposição, desde os tempos antigos, dos diferentes povos ao longo de seu território em forma de bota: etruscos, lígures, sicanos e sardos, apenas para citar alguns. Eram povos dos quais muitos de nós,

* Jornalista profissional, educador de Mídia e escritor para mídia. Atua na área de Mídia, Jornalismo Intercultural e Inteligência Artificial. Coordenador didático e professor no Mestrado na UniVerona (Universidade de Verona, Itália).

italianos, descendemos, que não estavam todos relacionados nem linguisticamente, nem geneticamente.

A partir dos anos noventa, com os primeiros desembarques nas costas italianas, começou uma imigração do exterior como um fenômeno consistente. No entanto, os primeiros migrantes estrangeiros na Itália começam a chegar já nos anos sessenta; e a migração interna – do Sul agrícola da Itália para o Norte, que focava na industrialização – torna-se significativa já nos anos cinquenta.

Portanto, parece inacreditável o fato de que a mídia italiana nunca tenha sabido narrar as migrações em sua autenticidade e verdade, como fenômenos sociais, humanos e culturais que enriqueceram – além de, indubitavelmente, criarem problemas e desafios de convivência – as diversas comunidades na Itália.

Os estereótipos e preconceitos – que o livro de Rosa Maria Martins-Silva identifica na representação dos menores migrantes não acompanhados – também podem ser encontrados nos jornais italianos do Norte (nos anos cinquenta, sessenta e setenta do século XX) em relação aos jovens e adolescentes de origem meridional. Basta ver o início do filme *Il maestro di Vigevano*, com Alberto Sordi no papel principal e dirigido por Elio Petri, para ter uma demonstração disso. O filme é de 1963, e, a partir da divisão dos alunos entre os professores, podemos notar imediatamente como as crianças italianas de origem meridional são consideradas inferiores e problemáticas em comparação com as do Norte.

A pesquisa de Rosa Maria Martins-Silva nos leva, portanto, a temas que sempre acompanharam o fenômeno migratório na Itália, seja no caso de migrantes estrangeiros ou de migrantes internos entre o Norte e o Sul, ou entre o Leste e o Oeste do país.

A pesquisa nos mostra que os jornais italianos – inclusive no fotojornalismo – não conseguem dar visibilidade à real situação dos menores estrangeiros não acompanhados, fixando-os na invisibilidade e na etnização, negando suas histórias e seus sonhos. As notícias sobre os menores migrantes são, por vezes, transformadas em produtos de consumo dentro da lógica consumista do espetáculo, em que as relações sociais são cada vez mais mediadas por imagens. Esse processo contribui para reforçar

a invisibilidade dos menores, também considerados produtos do sistema social e econômico.

A conexão entre "migrantes" e "medo" se repete até mesmo para os menores não acompanhados. A mídia corre, assim, o risco de aumentar o medo, por parte dos nativos, de serem vítimas de crime e de favorecer a expressão do preconceito, contribuindo para distorcer a percepção da frequência com que os migrantes – sejam eles maiores ou menores de idade – cometem crimes.

A "síndrome da invasão", por sua vez, também se repete com os menores migrantes; e é transmitida por meio de imagens de massa que apagam a identidade dos sujeitos fotografados. O impacto visual é combinado com uma escolha de palavras que despersonaliza ainda mais os migrantes, reforçando os conteúdos mais perturbadores da mensagem midiática.

Observamos, ainda, a tendência da mídia de enfatizar o sensacionalismo e o drama, para exercer um maior controle sobre o público. Histórias fictícias e episódios que podem tocar o coração do leitor (como aqueles que envolvem crianças) ou comovê-lo (quando o imigrante está morto ou em dificuldades) são preferidos, em vez da apresentação de sua individualidade e de seu valor cultural.

Por fim, em nenhum momento as vozes dos migrantes e, neste caso, dos menores, são ouvidas.

O trabalho de investigação de Rosa Maria Martins-Silva destaca como essas modalidades de representação – fotográfica, no caso de sua pesquisa – contribuem para criar uma imagem distorcida e incompleta dos menores migrantes não acompanhados. Assim, os preconceitos sobre esses menores são alimentados, o que dificulta uma compreensão real de suas histórias e experiências.

O que fazer? Acredito que a solução – tanto para o fotojornalismo quanto para o jornalismo escrito, radiofônico e televisivo – esteja no "jornalismo intercultural", sobre o qual falo no livro *Comunicação e Jornalismo Intercultural na Era Digital* (Editora Cedam, 2014). O jornalismo intercultural tem suas raízes nos conceitos, no saber ser e no querer agir da educação intercultural. Coloca em prática uma série de ações para uma

representação dos migrantes – sejam eles adultos ou menores – que fuja dos estereótipos e preconceitos.

Ocorre disso, a necessidade de uma atenção à linguagem com a qual o migrante é representado, aos temas e aos quadros representativos (os "frames") sob os quais a imigração e seus protagonistas (adultos e menores) são retratados.

Desse modo, urge uma revisão das rotinas profissionais: não é verdade que se pode fazer jornalismo e fotojornalismo de uma única maneira, ignorando a humanidade e a singularidade da pessoa representada, para aprisioná-la em narrativas que, por costume, se repetem sempre da mesma forma. Além disso, o jornalismo intercultural também enfatiza a importância de uma formação contínua de jornalistas e fotojornalistas: afinal, só é possível representar fenômenos complexos – como a imigração, a sociedade multicultural, os efeitos da globalização – se estivermos preparados para isso. Por fim, mas não menos importante, é necessário destacar a relação do jornalismo com as fontes das notícias: aqui, é importante ressaltar a falta de fotojornalistas e jornalistas autônomos, em sua visão e em seu relato da verdade substancial dos fatos, em relação ao condicionamento que as fontes (especialmente as institucionais, políticas e do poder econômico) tentam exercer.

Sabemos que a imigração – seja de adultos, seja de menores não acompanhados – é um fenômeno social, cultural e humano. Para uma representação verdadeira dos migrantes e para a gestão de um fenômeno migratório que produz tanto recursos quanto problemas a serem resolvidos, é necessário, portanto, uma mudança de rumo na informação escrita e multimídia. Acredito que a escolha de um fotojornalismo e de um jornalismo interculturais – humanísticos (human centered journalism) – seja a mais eficaz para contar a história dos migrantes, adultos e menores, de maneira verdadeira e respeitosa da diversidade.

INTRODUÇÃO

Uma câmera na mão, uma ideia na cabeça.

Glauber Rocha

Empresto do memorável cineasta brasileiro, Glauber Rocha (1939-1981)[1], a famosa frase "uma câmera na mão, uma ideia na cabeça", para trazer ao mundo da fotografia o seu imortal ideal de que os meios de produção artísticos deveriam estar sempre a serviço da transformação social, porque "a arte não é só talento, mas sobretudo coragem".

Outrossim, o presente trabalho pretende introduzir o tema da representação[2] iconográfica do imigrante e do refugiado menor de idade na nova era da circulação (Soulages, 2018) pela qual passa a imagem na sociedade contemporânea.

> O que importa na fotografia digital, para mim, é a circulação. Isso quer dizer que chegamos a um terceiro momento da

[1] Glauber Rocha. In: WIKIQUOTE. Disponível em:<https://pt.wikiquote.org/wiki/Glauber_Rocha>.

[2] Conceito de Boris Kossoy. "A representação fotográfica é codificada, característica peculiar, também, a outras formas de representação visual. Sua desmontagem se faz na medida em que começamos a perceber os componentes técnicos, culturais, estéticos e ideológicos embutidos em sua construção. Com a fotografia construímos realidades , não apenas no plano político e ideológico, mas a partir da ideologia do próprio sistema de representação visual sobre o qual se apoia tradicionalmente a fotografia; isso é válido para as imagens convencionais de base química e também para as eletrônicas, digitais, posto que essas últimas seguem o mesmo padrão de representação fundado na perspectiva. Se a imagem fotográfica é construída técnica, estética, cultural e ideologicamente, como mencionado antes, o chamado testemunho fotográfico não é inócuo. A imagem fotográfica é antes de tudo uma representação a partir do real, segundo o olhar e a ideologia de seu autor" (Kossoy, 2008, p.31). Esse conceito será mais detalhadamente discutido no capítulo 3.

> imagem. Houve um primeiro momento com a imagem estática da fotografia. Um segundo momento, com a imagem em movimento do cinema. E um terceiro momento, agora, com uma imagem que circula, uma imagem que poderíamos chamar de futurista, a imagem da velocidade, a *imagem fluida* (Soulages, 2017).

Esta nova era da fotografia está inserida em um cenário de crises de paradigmas, de insegurança política, econômica e social seguido de um êxodo frenético mundial sistematizado pelas guerras, catástrofes naturais, governos ditatoriais, fome e violência e pelo capitalismo que incita o indivíduo moderno ao consumo, à produção e, consequentemente, a deslocamentos sem precedentes na história humana.

A grande novidade desse processo pode estar no fato de que a informação por meio da imagem digital e *online* se torna mais rápida e eficaz e, ao mesmo tempo, impõe aos meios de comunicação o desafio de conjugar imagem e escrita de forma mais eficiente para tocar, mobilizar e sensibilizar o receptor de maneira que ele se interesse e se importe com o momento histórico. Isso significa se libertar das amarras do sensacionalismo e da espetacularização (Debord, 1997) da notícia e dar real visibilidade à realidade dos fatos.

Para a professora de história contemporânea da Faculdade de Ciências da Formação da Universidade de Torino e autora do livro *Emigranti e immigrati nelle rappresentazioni di fotografi e fotogiornalisti*, Paola Corti, a sociedade contemporânea tem trocado a escrita pela fotografia. Ela pondera que:

> [...] ao considerar as fotografias como mensagens que chegam aos nossos dias, o historiador tem a tarefa de desvelar a trama dos signos que as compõem. Isso significa ter cuidado com a aparente "naturalidade" da informação transmitida. E, no entanto, ao interpretar o "significado" das imagens, parece necessário entender que elas são partes constituintes de uma mensagem muito complexa, também feita de palavras (Corti, 2010, p. 143).

Portanto, torna-se fundamental uma análise minuciosa das imagens relacionadas à imigração hodierna na Europa e de maneira especial na Itália, recorte desta pesquisa.

Situações de conflitos, guerras, totalitarismos, catástrofes naturais, fome e violência têm deslocado cerca de 28 milhões de crianças no mundo, segundo informações da Organização das Nações Unidas (ONU)[3]. Entre essas está um número significativo de Menores Estrangeiros Não Acompanhados (MSNA)[4] pelos pais ou sem a tutela de algum parente – como apresentaremos com maiores detalhes, denominados "separados", e ainda "desaparecidos" e "invisíveis". Essa investigação poderá ajudar a verificar o real lugar do fotojornalismo italiano na construção e disseminação de um modo de ver o fenômeno migratório de menores estrangeiros não acompanhados. Nessa construção, o fotojornalista e o fotografável têm um papel fundamental.

O fato de se ter uma câmera na mão e uma ideia na cabeça para captar e recortar o momento histórico da entrada e da permanência de centenas e milhares de imigrantes no território italiano, a princípio, parece causar e despertar a sensação de comoção e de solidariedade. Porém, em um dado momento, quando os jornais divulgam essas imagens e textos, fazendo visualizar a situação nas quais chegam e como chegam esses imigrantes e quais seus sonhos, as ideias que fluem de imediato no imaginário coletivo italiano, como consequência, são: "A Itália não tem mais recursos", "agora basta de assistência a menores não acompanhados", "basta de terrorismo psicológico", "diga aos seus conterrâneos que retornem aos seus países", "invadem e prejudicam os nossos países" , "faço você abortar, negra de merda[5]".

Uma leitura ideológica dos fatos retratados nas imagens fotojornalísticas, não permite uma averiguação da realidade na

[3] Disponível em: <ONU diz que há 65,3 milhões de refugiados em todo o mundo|Agência Brasil>.

[4] O termo *Minori Stranieri Non Accompagnati* (MSNA), em português, "menores estrangeiros não acompanhados", é usado pelo Ministério do Trabalho e das Políticas Sociais da Itália para designar o menor que não tem nacionalidade italiana ou de outros Estados da União Europeia que, não tendo apresentado um pedido de refúgio, está, por qualquer razão, no território do Estado sem assistência e representação de pais ou outros adultos legalmente responsáveis por ele; de acordo com as leis em vigor no sistema jurídico italiano (Art. 1, parágrafo 2, DPCM N. 535/99). Esses menores, mesmo se entraram em condição migratória irregular na Itália, são detentores de todos os direitos estabelecidos pela Convenção de Nova York sobre os Direitos da Criança, de 1989, ratificados na Itália e aplicados pela lei n.176/91.

[5] Disponível em: <https://www.liberoquotidiano.it/news/italia/13219308/rimini-nera-incinta-insultata-rapinata-bus-negra-ti-faccio-abortire.html>.

sua veracidade, impondo aos leitores e telespectadores uma visão deturpada e deturpadora do fenômeno em questão.

A decisão de tratar, neste livro, do tema dos menores estrangeiros não acompanhados e aqueles separados na Europa, deve-se aos dados referentes ao número de crianças que têm se refugiado no continente europeu no período da pesquisa. De acordo com relatório do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) de 2017, cerca de 161.087 menores estrangeiros não acompanhados e separados pediram refúgio na Europa (Alemanha, Itália, Grécia, França, Áustria, Suécia, Espanha, Reino Unido, Suíça, Bélgica, Países Baixos, Romênia e Hungria) entre janeiro e setembro daquele ano. Especificamente na Itália, a fundação *Iniziative e Studi sulla Mutietnicità* (ISMU)[6] revela que em dezembro de 2013 o país tinha 6.319 menores estrangeiros não acompanhados registrados e presentes e 2.142 não identificados; em 2014, 10.536 registrados e 3.707 não identificados; em 2015, 11.921 registrados e 6.135 não identificados; em 2016, 17.373 presentes e registrados e 6.561 não identificados; em 2017, 18.303 presentes e registrados e 5.828 não identificados. Em dezembro desse mesmo ano, a Itália contou com um total de 25.846 menores estrangeiros não acompanhados. Vale lembrar que, segundo dados da ONU, a Itália é o país europeu que mais tem acolhido menores não acompanhados depois da Alemanha. Ainda conforme a Organização, em 2023, o número de menores não acompanhados que fazem a rota de entrada na Itália pelo Mediterrâneo cresceu em 60%; as mortes e desaparecimentos durante a travessia na temporada de verão, na região, triplicaram em comparação com 2022. Esses imigrantes são alvo constante da imprensa, a qual tem reforçado na opinião pública estereótipos e preconceitos.

Outra motivação para abraçar essa investigação foi perceber que a maior parte desses menores é de países da África e América Latina, ambos continentes constituintes da minha etnia, da minha cultura e da minha vida.

Ademais, o fato de serem crianças e adolescentes me comove e impõe uma responsabilidade ética por trazerem mais esse elemento de vulnerabilidade em suas vidas.

[6] Cf.: <http://www.ismu.org/minori-stranieri-non-accompagnati/>.

Eu me empenhei na pesquisa desse fenômeno na tentativa de encontrar respostas para as seguintes perguntas: até que ponto a notícia – fruto de um contexto de espetacularização (Debord, 1997) – retrata, ou cria a realidade, e consegue dar visibilidade ao menor de idade estrangeiro? A notícia consegue, por meio do discurso fotográfico, fazer ver o menor não acompanhado e sua história real a ponto de perpetuá-la positivamente no tempo e transformá-la? A imprensa dá conta de informar adequadamente sobre a questão, ou tudo se resume à numeralização, à etnização e à fulanização do refugiado? Qual é a percepção do fenômeno migratório construído pela mídia italiana a partir do fotojornalismo?

Debrucei-me nesse processo, partindo do pressuposto que a imprensa, especificamente os jornais italianos, não conseguem dar visibilidade à real situação dos menores estrangeiros não acompanhados, fixando-os na invisibilidade, na etnização e na fulanização, negando suas histórias e seus sonhos. Parto, também, da prognose que nem sempre o discurso fotojornalístico narra e retrata fidedignamente a realidade, porque há um contexto que envolve a imagem e um processo de produção – que não é isento de ideologias (Chauí, 2008, p.73- 74)[7].

A pesquisa é sistematizada a partir da análise de notícias fotojornalísticas do *Corriere della Sera* e *Agenzia Nazionale Stampa Associata* (*ANSA*), no período de 2009 a 2017[8], época em que o assunto mais foi colocado em evidência. A escolha do *Corriere* se deve ao fato de ser um dos meios de comunicação mais antigos e de maior circulação na Itália desde sua fundação em fevereiro de

[7] "A ideologia burguesa, através de seus intelectuais, irá produzir ideias que confirmam a alienação, fazendo por exemplo, com que os homens creiam que são desiguais por natureza e por talentos, ou que são desiguais por desejo próprio, isto é, os que honestamente trabalham enriquecem, e os preguiçosos empobrecem. Ou, então, faz com que creiam que são desiguais por natureza, mas que a vida social, permitindo a todos o direito de trabalhar, lhes dá iguais chances de trabalhar – ocultando, assim, que os que trabalham não são senhores de seu trabalho, e que, portanto, suas chances de "melhorar' não dependem deles, mas de quem possui os meios e as condições de trabalho. Ou ainda, faz com que os homens creiam que são desiguais por natureza e pelas condições sociais, mas que são iguais perante o Estado, escondendo que a lei foi feita pelos dominantes, e que o Estado é instrumento dos dominantes" (Chauí,2008, p.73-74).

[8] Apesar do *Corriere dela Sera* anunciar desde 2005 e *ANSA* desde 2009 a chegada, em grande número, de menores não acompanhados na Itália, a Organização *Save the Children* considera que esse evento começa a partir da primavera árabe, em2011.

1876, em Torino, com tiragem de 296.005 cópias, na ocasião da pesquisa. A *ANSA*, por sua vez, por ser a maior agência de notícias da Itália, fundada em 1945, e a quinta maior agência do mundo depois da *Reuters*, *AP*, *France Press* e *EFE*.

No decorrer do caminho, averiguamos até que ponto a notícia, produzida em um contexto de espetacularização (Debord, 1997)[9] — que assegura a engrenagem do capitalismo — consegue dar visibilidade ao menor refugiado não acompanhado. Para isso, fez-se necessário conhecer a realidade na qual vivem os menores não acompanhados na Europa, especificamente na Itália; identificar e levantar as noções que os menores têm de si próprios e da própria história; analisar e avaliar os conceitos sobre o tema apresentado pela notícia fotojornalística, descrever e traçar, por meio de contato pessoal e de entrevistas, a realidade vivida por esses menores no país de destino e mais especificamente na cidade de chegada; e, por fim, por meio de rodas de conversa, convivência espontânea e trabalhos grupais, ouvir e captar dos próprios menores residentes no Norte e Sul da Itália, a sua percepção sobre a forma como a imprensa os representa através do fotojornalismo testemunhando, vendo, ouvindo e registrando suas histórias nos períodos de janeiro a março de 2017 e setembro a outubro de 2018.

Do ponto de vista teórico, dialogamos com o pensador e fotógrafo brasileiro Boris Kossoy, que tem dedicado sua pesquisa à leitura sociocultural da imagem fotográfica na busca da compreensão de suas tramas e, sobretudo, tentando entender como se dá a apropriação cotidiana da fotografia; com o filósofo francês e crítico da arte François Soulages, que discute em seu livro "Estética da Fotografia: perda e permanência" (2010) a ontologia da imagem fotográfica, desde o ato fotográfico até a recepção das imagens; e com o pensador francês Guy Debord, que ajudará a compreender, a partir do conceito de sociedade do espetáculo (1996), o universo no qual está inserida a construção da notícia e os meios de comunicação sociais na sociedade contemporânea. Pensadores italianos envolvidos com o tema da migração, mídia e fotografia, como o jornalista Maurizio Corte, do Departamento de Cultura e

[9] O conceito de espetacularização em Guy Debord (1997) será aprofundado no capítulo 3.

Civilização e professor da Universidade de Verona, e Paola Corti, professora de história contemporânea na Universidade de Torino e membro do Comitê Internacional e Europeu para as Migrações, enriquecerão o diálogo.

O eixo através do qual se movimenta a pesquisa é formado por quatro capítulos e o epílogo, a saber: O fenômeno (i)migratório de menores na Itália; Narrativas midiáticas: a fulanização do menor estrangeiro na sociedade do espetáculo; A imigração de menores estrangeiros não acompanhados no fotojornalismo italiano; Por uma iconografia da travessia e da chegada, e Epílogo.

Com o êxodo em massa de crianças e adolescentes e principalmente aquelas não acompanhadas, comecei a pensar sobre o lugar desses pequenos nas sociedades de origem e de destino no mundo, e qual seria o papel da imprensa no que se refere à visibilidade desse tema tão novo e desafiante, que é o menor se tornando protagonista da própria história, não obstante todos os riscos que venha a correr.

1

O fenômeno (i)migratório de menores não acompanhados na Itália

Não se esqueçam da hospitalidade;
foi praticando-a que, sem o saber, alguns acolheram anjos.
Hebreus 13,2

Se nos empenhássemos numa representação gráfica e fotográfica da trajetória dos menores estrangeiros não acompanhados na Itália, essa seria desenhada e traçada por histórias, sonhos, desejos, dor, alegria, sofrimento, longas caminhadas, desertos e asilos, perdas e ganhos, risos e lágrimas, vida e morte, carinho e colo, terra e mar. Essa história vivida e narrada se deve, segundo à organização não governamental de defesa dos direitos da criança *Save the Children*[1], à chamada Primavera Árabe[2], que, desde 2011,

[1] Disponível em: <https://www.Save the Children.it/cosa-facciamo/pubblicazioni/atlante-minori-stranieri-non-accompagnati-italia-2018>.

[2] Por Primavera Árabes entende a onda de protestos, revoltas e revoluções populares contra governos do mundo árabe que eclodiu em 2011, envolvendo países como Egito, Tunísia, Líbia, Síria, Iêmen e Barein, provocando agravamento da situação dos países, gerado pela crise econômica e pela falta de democracia. O povo enfrentava elevadas taxas de desemprego e o alto custo dos alimentos, clamando por melhoria das condições de vida. Essas revoluções tiveram como resultado a queda de governos ditatoriais da Tunísia e do Egito, que deixaram o poder sem oferecer grande resistência. Muammar Kadafi, da Líbia, foi morto por uma rebelião interna, com ação militar decisiva da Otan. No Iêmen, o presidente Saleh resistiu às manifestações por vários meses, até transferir o poder a um governo provisório. A Síria foi o único país que não conseguiu derrubar o governo do ditador Bashar al-Assad. Tunísia e Egito realizaram eleições em 2011, vencidas por partidos islâmicos moderados. A Tunísia é apontada como o país com as melhores chances de adotar com sucesso um regime democrático.

transportou para a Europa, e especificamente para a Itália – cenário desta pesquisa –, milhares de menores que, sem a tutela de pais ou parentes, fizeram a travessia do Mediterrâneo Central, fugindo da fome, miséria, violência, dos governos ditatoriais e guerras.

Entre aqueles que chegam pela travessia do mar, a maioria é formada por menores não acompanhados em situação de vulnerabilidade. Entre janeiro de 2011 e dezembro de 2016, desembarcaram, na Itália, 62.672 menores não acompanhados, vindos da Eritreia, Egito, Gâmbia, Nigéria, Somália e Síria, segundo a *Save the Children* (2017a).

A essa presença, conceituada pelas autoridades como estrutural, a resposta tem sido inadequada. Considera-se a crescente vulnerabilidade relacionada à sexualidade precoce e à idade. Isso significa que esses meninos e meninas estão sujeitos a todos os tipos de exploração e desafiados a se tornarem adultos imaturamente, devido à nova situação sociocultural na qual se encontram e obrigados a romper com a infância.

Ainda segundo *Save the Children*, em fins de 2016, 81% dos menores não acompanhados nas casas de acolhida na Itália tinham entre 16 e 17 anos. Houve um aumento significativo e progressivo de pré-adolescentes e crianças entre 0-14 anos, que de 698, em 2012, passaram para 2.050 em 2016, com uma presença de 717 nigerianos e 440 eritreus, os quais não hesitavam em contar as suas experiências de terem sido vítimas da violência sexual.

Dentre essas crianças e adolescentes, encontram-se aquelas denominadas "invisíveis", pelo fato de estarem em situação de trânsito, ou seja, terem a Itália como local de passagem, pois pretendem chegar a outros países da Europa, onde se encontram familiares, amigos, compatriotas com os quais mantêm constante contato. São invisíveis, e ainda mais vulneráveis, porque sujeitas a todo tipo de exploração e tráfico.

Segundo a Organização, entre 2011 e 2016, o Egito enviou para Itália 8.281 menores com idades muito precoces, que variam entre os 12 e 16 anos. Em cidades como Roma e Milão, eles

---

No Egito, os militares comandam o conturbado processo de transição, e a população pede a sua saída imediata do poder. Disponível em:<https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/primavera-arabe-resumo/>.

correm o risco da exploração no trabalho, prostituição e atividades ilegais, porque pesam em seus ombros a dívida da viagem e a responsabilidade em ajudar a família que deixaram para trás.

1.1 Origem e rota

A migração dá ao homem como pátria o mundo.
Scalabrini

De acordo com a *Save the Children* (2017a), a maioria dos menores estrangeiros não acompanhados têm entrado na Itália via mar desde 2011. Desses, 17,8% são eritreus, seguidos dos egípcios (13,2%), gambianos (10%), somalis (9,1%), nigerianos (7,9%) e sírios (5,2%), entre outros países da África Ocidental, como Guiné (4,7%), Mali (4,3%), Costa do Marfim (3,6%), Senegal (3,3%) e Gana (1,8%); e do Oriente Médio, como Afeganistão (2,8%) e Palestina (1,7%), ou da Ásia (Bangladesh, 2,8%).

Aqueles oriundos do Chifre da África (Somália, Eritreia), fogem da desnutrição e da fome, que afetam duas em cada três crianças, que vivem em situação de extrema pobreza, além da tortura e da violência.

A experiência contada pela menor não acompanhada da Eritreia, Bietelihem Berhane, respaldada pelos dados apresentados pela *Save the Children* (2017a), impõe revelar o contexto sociopolítico e econômico no qual vivem os eritreus, permitindo compreender melhor a fuga de tantos menores. Ela narra:

> querida mamãe, eu parti contra a sua vontade e deixei você em prantos. Sem conseguir enxugar as suas lágrimas, desta vez a deixo para sempre. Eu me enveredei por um caminho difícil e tortuoso. Encontrei muitas dificuldades. Aimé foi roubada, violentada e torturada. Seus gritos me cortavam o coração. Eles me forçaram a assistir tudo e, impotente, desolada e destruída, vendi todos os seus pertences [...].[3]

[3] Bietelihem Berhane. Lacrima sul tuo volto. Disponível em: <http://minoristranieri nonaccompagnati.blogspot.com/2014/10/lampedusa-uomini-donne-e-bambini-tante.html>.

Por serem – durante o período desta pesquisa – os que mais buscam a Europa à procura de melhores condições de vida, vale a pena relatar um pouco a situação na qual vive a população da Eritreia. Dessa forma, pode-se justificar esse processo emigratório em massa e aquilo que pode ter favorecido a tomada de conhecimento mundial dos problemas sociopolíticos e econômicos que fazem do povo desse país o mais triste do mundo, segundo Guadi Calvo[4].

> Hoje o número de refugiados por conta de guerras no Afeganistão, Iraque, Líbia e Síria têm superado os que abandonam seus países por situações de fome perene, como o Sudão do Sul, Etiópia, República Centro-Africana, ainda que também sejam numerosos os que saem de seus países por causa de conflitos de baixa intensidade, como os que ocorrem no Mali ou na Somália. Mas existe um pequeno país, com menos de 7 milhões de habitantes, que está gerando 12% do total de pessoas que hoje buscam um lugar na Europa: a Eritreia. Na última década, 365 mil eritreus, 5% da população, saíram do país. A Eritreia está na posição 177 no que diz respeito aos índices de desenvolvimento, ou seja, é um dos países mais atrasados do mundo, e está entre os primeiros em relação à falta de liberdade de expressão. Para muitos, uma sucursal do inferno no Chifre da África. Para outros, como o intelectual etíope Mohamed Hassan, especialista em geopolítica e no mundo árabe, uma nação independente em busca de seu próprio caminho para a autodeterminação (Calvo, 2015).

A guerra independentista entre a Eritreia e a Etiópia, no período de 1962 a 1993, levou ao poder o general Isaias Afwerki – integrante do único partido político do país, a Frente Popular para a Democracia e a Justiça (PFDJ) –, o qual, aclamado como herói, ocupa a presidência desde 1991 e tem governado com mão de ferro: cada cidadão eritreu passa por treinamento militar; os jovens (homens e mulheres) são obrigados a estudar em acampamento, obrigatoriedade esta que pode durar até 20 anos.

No ambiente militar, os cidadãos vivem em condições subumanas, com carência de condições básicas de sobrevivência: água, alimentação, instalações sanitárias, alojamentos; além de

4 Guadi Calvo é um escritor argentino, jornalista e analista internacional especializado em África, Oriente Médio e Ásia Central.

torturas, espancamentos e estupros. Além do mais, o trabalho escravo em vista de empreendimentos estatais nos setores da mineração, pontes, rodovias e infraestrutura, castigam a população.

De acordo com informações da Organização das Nações Unidas (Calvo, 2015), aquele que abandona o país é considerado traidor e, se encontrado na fronteira, a ordem de Afwerki é atirar para matar. Conforme os dados da *Save the Children* (2017a), no que se refere à manifestação religiosa, o governo permite apenas quatro expressões: o Islã na versão sunita, a Igreja Ortodoxa da Eritreia, a Igreja Católica e a Igreja Luterana.

No país se encontram, de forma discreta, os israelenses, com a missão de fornecer material bélico em troca de serviços de monitoramento do Mar Vermelho e do Estreito de Bab- el-Mandeb.

Com o constante enrijecimento das leis, desde 2008, de três a quatro mil pessoas deixam – por mês – o país rumo à Etiópia e ao Sudão, países de passagem em destino à Suécia. Esse, por sua vez, é o único país que prioriza os refugiados eritreus, segundo a ONU. Em 2012, Tel-Aviv construiu um muro na fronteira sul depois de entrarem 90 mil eritreus no país vizinho. Em 2014, cerca de 50 mil eritreus solicitaram refúgio em 40 países europeus (Calvo, 2015).

Os menores que deixam o Egito e rumam para a Itália, fogem da crise econômica e agrícola que obrigou famílias inteiras a sair da zona rural em direção aos centros urbanos, deixando-os sem a mínima condição de subsistência. Seus sonhos são de encontrar emprego imediato, pagar as dívidas da viagem e ajudar os familiares. A viagem, que inclui embarque na Líbia, tem um percurso de cerca de 2.500 quilômetros de deserto entre o Sudão, Líbia e Egito – custa entre 5 e 6 mil dólares. Nesse caminho, muitos são extorquidos e sequestrados. Uma parte significativa desses menores é enviada sozinha pelas famílias, como no caso dos meninos de Bangladesh que, entre 2016 e 2017, eram mais de mil, em número crescente, desembarcando na Itália.

Também aqueles da África Ocidental, por exemplo, Costa do Marfim e Guiné, são menores não acompanhados filhos de famílias rurais que vivem em situação de extrema pobreza (73,8% da população). Além do mais, a epidemia Ebola de 2013, que dizimou milhares, deixou mais de seis mil crianças órfãs. Em Costa do Marfim,

somente 25% dos meninos frequentam a escola, muitos são vítimas das violências, e a maioria deles é forçada ao trabalho. Os mais de 3.000 menores não acompanhados nigerianos que deixaram o país têm as suas razões justificadas nos 50,9% da população que vive em pobreza extrema e 41% das crianças abaixo de 5 anos sofrendo desnutrição crônica. A taxa de mortalidade infantil chega a 109 óbitos a cada mil nascimentos. Os países do Nordeste da África (Sudão, Sudão do Sul, Argélia, Líbia, Marrocos, Egito e Tunísia) viveram sete anos de conflito, que causou 20 mil mortes e obrigou cerca de 2 milhões de pessoas a abandonar as próprias casas (Save the Children, 2017a). Conforme relata a Organização *Save the Children*, desses milhares ou milhões de crianças, centenas delas se tornam vítimas de tráfico no Estado de Edo[5], particularmente na região de Benin. Muitas são transferidas e exploradas sexualmente na Itália ou em outros países europeus.

De qualquer lugar da África que partam, os menores fazem a tentativa de chegar em Agadez, no Níger. São obrigados a pagar cada fronteira que cruzam e são expostos ao risco do sequestro ou de serem forçados a se alistar nas milícias. Quem faz o caminho de Agadez reafirma que viaja pelo "caminho do inferno", no deserto, e chega a Sabha na Líbia, outro inferno, onde muitos são explorados por longos períodos em troca do dinheiro necessário para continuar em direção a Trípoli e atravessar a fronteira África/Itália. Muitos são espancados, torturados e sequestrados para obter um resgate das famílias, como regra para continuar a viagem, e muitos morrem nesse lugar pela violência sofrida.

O adolescente K. M., de 15 anos, menor não acompanhado do Chad, residente na casa de acolhida *Luna Rossa*, em Lamezia Terme (Calabria, Itália), contou:

> Para chegar aqui na Itália, a gente tem que passar pela Líbia. Lá é um "inferno". A gente sofre muito. Negro sofre muito na Líbia. Eu estava preso em uma sala, tentando fugir deles para pegar o barco e chegar à Itália. Vi líbios atirando em pessoas que pediam água ou comida e diziam: "Negro tem que morrer". Naquelas salas ficam amontados e ali dormem

[5] Edo é um estado do Centro-Sul da Nigéria, cuja capital é Benin. O Estado de Edo foi formado em 27 de agosto de1991, a partir do extinto estado de Bendel.

> dias a fio, homens, mulheres, crianças, tudo. Eu consegui fugir pela janela à noite e caminhei rumo ao mar à luz da lua com mais de 100 pessoas que viajaram comigo para a Itália. Eu pensei que fosse morrer.[6]

Nesse mesmo período, eu viajava de trem de Reggio Calabria para Lamezia Terme, (Calabria, Itália). Um imigrante jovem, do Quênia, de nome Vincent e com cerca de 25 anos de idade, ofereceu-se para carregar minhas malas e, como eu deveria permanecer por alguns minutos na estação em Messina, onde Vincent também desceu, nós nos sentamos em um banco e começamos a conversar. Ele relatou: "A Líbia é um inferno. Eles maltratam demais os negro/s que passam por lá. Não temos outro caminho. Atravessamos o deserto e, para chegar à Itália, temos que passar pela Líbia". O jovem tirou o boné e me mostrou ao longo de sua testa, rumo à cabeça, um vergão em relevo significativo. Explicou-me que trabalhou vários dias para um líbio como servente de pedreiro e quando terminou o serviço, percebeu que o senhor não mencionou pagamento, cujo salário deveria servir para continuar sua viagem. Ao cobrar-lhe, o empregador pegou uma barra de ferro e o golpeou na testa aos xingos.

A Organização *Save the Children* confirma esses relatos, quando afirma:

> quase todas as rotas para chegar à Itália obrigam os menores a atravessarem o mesmo "inferno", como eles mesmos dizem, a Líbia. Um território em grande parte sem nenhum controle, onde, segundo as previsões, a presença de migrantes é estimada em mais de 256 mil (OIM). Com a única esperança de sobreviver todos os dias para poder embarcar para a Europa, crianças sozinhas, mulheres e homens, sofrem por semanas ou meses espancamentos, estupros ou tortura por traficantes, ou são arbitrariamente presos e encarcerados nos centros de detenção, em promiscuidade e condições desumanas, sem acesso a cuidados médicos, água potável, saneamento ou alimentação suficiente. Dos 34 centros de detenção conhecidos, apenas 15 são realizados pelo ACNUR (Save the Children, 2017b).

[6] Entrevista realizada em fevereiro de 2017. Todos os sobrenomes e alguns nomes são, na realidade, pseudônimos. Alguns nomes foram ocultados para preservar os menores. Nesses casos, as iniciais serão utilizadas parareconhecimento dos jovens.

Segundo o Serviço de Proteção Civil e algumas religiosas católicas, da Congregação das Missionárias de São Carlos Borromeo Scalabrinianas, que trabalham no porto de Augusta, na baía de Augusta, na Sicília, as prisões arbitrárias, encarceramentos em centros de detenção, em meio à promiscuidade, maus tratos, falta de saneamento básico e água potável, são uma constante na vida de centenas de crianças não acompanhadas, mulheres e homens que precisam passar meses na Líbia tentando conseguir passagem para a Itália. No que se refere às meninas, 80% das garotas menores de idade, acompanhadas ou não, que chegam à Itália estão grávidas ou perto de dar à luz.

Giuseppe Latina que, à época desta pesquisa, atuava no Porto de Augusta-Siracusa como membro da Proteção Civil há vários anos, muito antes desse processo migratório, e que tem acompanhado todas as chegadas e saídas de imigrantes do Porto, assim me relatou:

> pense comigo: cerca de 100 meninas adolescentes chegaram há sete meses na Líbia; a maioria chega aqui no porto grávida de quatro ou cinco meses. Onde elas engravidaram? Na Líbia, certamente. Lá elas são obrigadas a se prostituir para conseguir passagem para a Itália. Chegam aqui no porto em prantos e aos gritos: "eu não quero esse filho, esse filho não me pertence".[7]

Geralmente, essas mulheres são auxiliadas pelo serviço de proteção ou, outras vezes, com a ajuda de um parceiro, conseguem alugar um quarto onde vivem em condições subumanas e, com o auxílio da comunidade local, conseguem criar o filho que não esperavam[8].

A maioria dos jovens e das jovens que entra na Itália chega via mar pela região Sul. Em 2016, 17.177 entraram pela Sicília, 4.752 pela Calabria, 1.841 pela Puglia, 1.800 pela Sardenha e 276 pela Campagna (Save the Children, 2017a).

[7] Conversa informal no Porto de Augusta-Siracusa durante visita a imigrantes, em fevereiro de 2017.

[8] Informações obtidas em entrevista com mulheres imigrantes na Itália.

TRAVESSIA

Se em casa me sentia gente
Nas estradas, mais que um menino
No deserto do Saara
Não passo de um peregrino
Mas quando chego na Líbia
Ali dependo da sorte
Para atravessar para Europa
Caio nas garras da morte

Pois traficantes de gente
Por causa da cor da pele
Da noite ao amanhecer
Batem, roubam, estupram
Torturam até morrer

Se não nos matam ali
Pedem nosso dinheiro
Em troca da liberdade
Devo vender a casa
A família, o que não tenho
Para viver de verdade

Mas acredite se podes
Tudo é enganação
Nos põem em botes de plástico
Parece uma maldição
Nos lançam aos montes no mar
Não suportando o peso
Em pouco tempo de viagem
Começam a afundar

Você caro leitor
Compreende a minha dor?

(Rosa M. Martins, 05.01.25 – Itaici, SP, 00h40)

UMA ODE ÀS MENINAS

As meninas da migração?
Onde estão?
Só ouço falar
Dos estupros violentos
Das travessias no mar
No porto de Siracusa me sento
Escuto duras histórias
Uma delas me doeu,
Trago viva na memória
Michelin era seu nome
Depois de atravessar o mar
Ao pisar em terra firme
Esperneou, pôs-se a gritar:
"Eu não quero essa criança
Esse filho não é meu
Pois criança ainda sou
Me ajude meu Deus do céu".
O que posso fazer? Me pergunto
Saídas, juro não vejo
Me assusto
Arrepio
Me indigno...
Lacrimejo

[Uma homenagem às meninas da travessia, adolescentes estupradas na Líbia e que chegam grávidas na Europa]

(***Rosa M. Martins, 15.01.2025***)

1.2 O processo de acolhida e as tentativas de integração

Nós podemos aprender a viver juntos como irmãos
ou perecer juntos como tolos.
Acolher o estrangeiro é um passo essencial para a paz.
Martin Luther King

Um sistema de primeira acolhida foi instalado em onze regiões da Itália com estrutura para acolher até mil menores: Basilicata (100), Calabria (150), Campânia (150), Emilia-Romagna (100), Ligúria (50), Piemonte (50), Puglia (100), Sardenha (50), Sicília (250), Toscana (50) e Marche. Por primeira acolhida, entende-se aquela emergencial, para proteção do menor. Uma segunda acolhida supõe a distribuição dos menores em casas de acolhida de organizações não governamentais ou privadas.

Porém, a lacuna deixada pelo sistema de primeira acolhida tem levado ao desaparecimento de um grande número de menores, conforme mostram dados da própria estrutura de acolhida (Save the Children, 2017a). Cerca de 6.561 menores desapareceram, a maioria eritreus (1.381 menores, dos quais 440 mulheres), somalis (1.251, dos quais 183 mulheres) ou egípcios (1.468). Muitos deles passam somente pela primeira acolhida, porque têm como objetivo chegar ao Norte da Europa, indo ao encontro de amigos e familiares, ou, ainda, esperam encontrar maior facilidade de integração nessa região.

No ano de 2016, agentes da *Save the Children* (2017a) encontraram em Roma 2.471 menores, entre 10 e 17 anos, dos quais 78% eram eritreus que pretendiam rumar para o Norte.

Na Itália, o Programa Nacional para a Proteção de Menores tem enfatizado a inserção social por meio de programas e iniciativas destinadas à superação do período emergencial em vista da melhoria do acolhimento, porém, na prática, os desafios são grandes, e essa inserção quase sempre não acontece. De acordo com informações da jornalista Patrizia Venturini[9], do *Altalex*[10], 40% de todos os menores não acompanhados, aceitos nos centros de hospitalidade, fogem. Para o pastoralista e missionário Scalabriniano Alfredo Gonçalves[11], muitos centros de acolhida do governo se tornam entulhos humanos, onde os meninos vivem em condições subumanas, o que os leva à fuga.

[9] Disponíveis em: <https://www.altalex.com/documents/news/2013/03/07/minori-stranieri-non-accompagnati-negli-stati-dell-unione-europea>.

[10] Primeiro jornal cotidiano de informação jurídica na Itália de acordo com o site. Cf.: <https://www.altalex.com/>.

[11] Informações obtidas em entrevista, em maio 2018.

Consoante com o programa, o recebimento do menor que chega à Itália se dá por etapas: a primeira (de hospedeiro por 90 dias) inclui abrigo imediato e temporário, a identificação e o início do processo de pedido de refúgio, com o auxílio do Comitê de Menores Estrangeiros da polícia, do Tribunal de Menores e com supervisão jurídica; a segunda prevê o encaminhamento para uma casa de acolhida, assistência social e escola.

Em viagem ao Sul da Itália e à cidade de Lucca, na Toscana, nos meses de fevereiro e março de 2017, foi possível observar que as reais condições nas quais chegam e vivem os menores estão muito aquém daquilo que informam os jornais e as propostas dos governos na teoria. Não obstante, se percebe um grande esforço no que se refere a um trabalho emergencial: de salvar as vidas e prestar os primeiros socorros nos portos de chegada – como nas cidades de Lampedusa, Augusta, Catania e Reggio Calabria – porém, depois dessa fase, os menores são recebidos em uma casa de acolhida, onde ficam superprotegidos, distantes de curiosos e da imprensa. Eles permanecem na casa de acolhida até os 18 anos e, nesse período, têm direito a aulas de italiano, à escola e à busca de emprego (alguns conseguem se empregar rápido). Após esse período, devem deixar o abrigo, devido à superlotação e à demanda de acolhida intensa.

Encontram-se, também, casas de acolhida em boas condições, como a *Luna Rossa*, na cidade de Lamezia Terme, na Calabria. O local oferece todas as condições para o bem-viver dos rapazes, que recebem desde comida e material escolar a ajudas financeiras. Lá eles são educados para a vida, no sentido de aprenderem a lavar a própria roupa, a fazer a própria comida, a limpar a casa etc. De acordo com informações do educador e coordenador da casa de acolhida *Luna Rossa*, Simone Grasso[12], inseri-los nesses trabalhos domésticos é algo desafiador, porque nos países africanos, de onde são originários, tais serviços são parte das responsabilidades das mulheres. No entanto, Grasso garante que é gratificante quando os jovens percebem que não têm outra saída e acabam se adaptando ao novo ritmo de vida.

[12] Obtidas em entrevista durante a pesquisa.

Já em um dos departamentos do porto de Reggio Calabria, visitamos uma casa de primeira acolhida, na qual não tivemos nenhum acesso aos adolescentes e pudemos constatar ao longe a sujeira da casa, o amontoado de gente, causando mal-estar.

O trabalho realizado pela Igreja Católica e por algumas instituições particulares de Lucca (na Toscana) nos encheram os olhos pela qualidade das instalações, pelo grande número de educadores e pela dedicação de padres, freiras e leigos na educação e acompanhamento dos jovens. A casa de acolhida conta com um número significativo de funcionários e voluntários italianos, muitos deles jovens. Os menores devem permanecer na casa até os 18 anos, mas se por acaso não puderem sair, por uma razão justificável, permanecem nesses locais até conseguirem organizar a vida e se sentirem seguros.

A Itália conta, também, com casas de acolhida para menores que sofreram traumas psicológicos durante a travessia. São reais os casos de fuga, desaparecimento e exploração sexual. Menores que vagam pela Itália e dormem nas marquises por não terem conseguido alcançar o destino almejado. Em Siracusa, pudemos andar pela cidade no frio de dois graus negativos, em 17 de fevereiro de 2017, em busca dos menores que dormem nas ruas, para oferecer-lhes um pouco de pão, cobertores e carinho.

Os menores que a Itália tem acolhido são na maioria provenientes de países da África (Egito, Eritreia, Guiné Conacri, Costa do Marfim, Guiné Bissau, Angola, Chade, Níger, Nigéria, Angola, Quênia, Tanzânia, Etiópia, Senegal, Marrocos e Tunísia), da Ásia (Afeganistão, Paquistão, Bangladesh), da Europa Oriental (Geórgia) e um número significativo da Albânia (Sudeste Europeu), por estar entre um dos países mais pobres do continente.

Vale lembrar que essa travessia tem custado a vida de muitos indivíduos, que não conseguem chegar ao outro lado do oceano porque foram brutalmente – e, muitas vezes, covardemente – assassinados na Líbia ou morreram no mar. O Cemitério de Armo, na Reggio Calábria, tem centenas deles ali enterrados.

Figura 1: A autora coloca flores no túmulo de Mohamed Liban, da Somália, morto no Mar Mediterrâneo aos 6 meses de idade e encontrado, enterrado e visitado todos os anos por um velejador da Alemanha. Cemitério de Armo, na Reggio Calabria, dedicado a imigrantes mortos durante ou após a travessia no Mediterrâneo.
Foto: Lina Guzzo, 2016.

ENTRE ONDAS, O AMOR E A MORTE

A história de Mohamed
Prestem bem atenção
Tem tudo a ver com
Um velejador alemão
Ao marear pelo Mediterrâneo
Bateu forte o coração
Viu boiar longe nas ondas
Algo muito diferente
Olhou, se aproximou e pensou:
Parece um corpo de gente

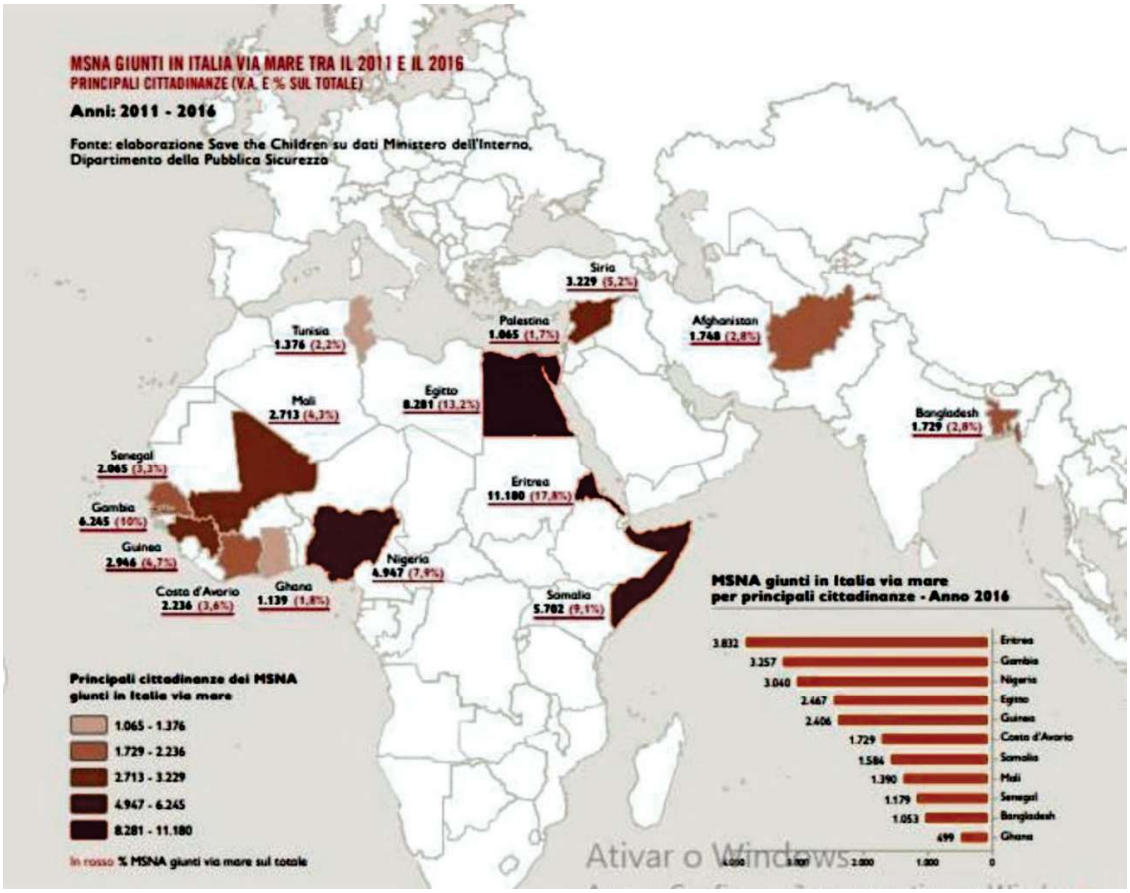
E do alemão
Qual não era o seu destino?
Recolher em meio ao mar
O corpo de um pobre menino
Mohamed, na Somália, foi batizado
E no cemitério de Armo
Pelo alemão enterrado

Ainda nos dias de hoje
Do alemão, o maior prazer?
Vir ao monte Armo a cada ano
Para o túmulo rever

Ato de tamanha grandeza
Está em falta no mundo
Precisamos de mais humanos
Com sentimento assim profundo.

Entre ondas do mar,
Velejar, escutar
Observar,
Marear
Entrar em si
Sair de si
Sentir amor
Ver Deus no mar
E amar

(Rosa M. Martins, jan. 2025)



Mapa 1: Menores Estrangeiros que entraram na Itália via mar entre 2011 e 2016. **Fonte:** <https://www.Save the Children.it/sites/default/files/AtlanteMinoriMigranti 2017.pdf>.

VALEU, VIDA!

No meu país nem minha roupa lavava
Na Itália lavo até louça
Na Alemanha vou cozinhar?
Nos States, capinar?
No Brasil, passar?
Pode ser
O que importa é que cheguei ao destino
Melhor do que eu era antes
Valeu vida!

(Rosa M. Martins, nov. 2024)

1.3 A importância da relação corporal no processo de integração e acolhida de menores em situação de vulnerabilidade

As pessoas podem esquecer o que você disse,
mas nunca esquecerão como você as fez sentir.
E isso começa com a forma como seu corpo fala.
Maya Angelou

Eu me chamo Manuchar Beridze (pronúncia: má nu t'iar) e tenho 18 anos. Saí da Geórgia aos 15 anos e fiquei um curto período de tempo na Grécia com minha irmã. Não me adaptando lá, decidi vir para a Itália, em 2015. [...] Quando cheguei à casa de acolhida, encontrei as Irmãs que me ajudaram. Duas dessas freiras me marcaram muito: Irmã Bárbara, uma esplêndida Irmã de coração muito grande, e Irmã Ana, na qual encontrei uma irmã, uma mãe e uma avó que foi minha fortaleza do ponto de vista emocional, porque ela me compreendia, era muito disponível. Coisas simples que ela fazia me deixavam feliz, como, por exemplo, arrumar minha gola, dobrar a minha calça, me dar atenção, afeto e amor. Ela era a base de tudo.[13]

Eu me chamo Amadou K.e vim da Guiné. Tenho 17 anos e estou há seis meses aqui. Para chegar em Lucca, passei pelo deserto do Saara. Na Líbia as coisas não vão bem, porque eles são maus, feios, não são gentis. Cheguei a Reggio Calabria com a ajuda da guarda costeira. Permaneci aqui para estudar, mas quero voltar para o meu país. Falo com meus pais todos os dias pela internet. Ricardo[14] é como um pai para mim. Ele me ajuda a ir à escola, ele me ajuda em tudo. Eu ensinei o Ricardo a fazer arroz, "café com gengibre" (risadas), tantas coisas. E o Ricardo me ensina a fazer a pasta italiana.[15]

[13] Manuchar é um garoto georgiano que vive ainda hoje na casa de acolhida *Gruppo Accoglienza Immigrati*, em Lucca, na Toscana. Entrevista feita em março de2017, na cidade de Lucca, Itália.
[14] Ricardo P., a quem o garoto faz referência, é educador e voluntário na casa de acolhida de menores *Odisseia*, em Lucca, Itália.
[15] Entrevista feita em março de 2017com Amadou Konate, 17 anos, na Casa de Acolhida *Odisseia* em Lucca, Itália.

As histórias de vida de Amadou e Manuchar nos remetem ao pensamento de Boris Cyrulnik (1997) a partir da temática do corpo, essencial para o estabelecimento do ser humano como tal no espaço universal. A dimensão corpórea é fundamental para se inserir na realidade e estabelecer relações de comunicação e convivência com o meio ambiente e as pessoas.

O corpo conta com uma variedade de sentidos: visão, audição, olfato etc. O paladar e olfato, partes do sistema sensorial, são responsáveis por enviar as informações obtidas para o sistema nervoso central. Esse, por sua vez, analisa e processa a informação recebida, tem uma função fundamental para as relações interculturais, para o diálogo, de maneira específica no caso de menores estrangeiros não acompanhados que perderam os vínculos familiares e se introduziram em uma nova forma de se comunicarem e criarem relações de sobrevivência. Para Baitello Junior, "toda comunicação começa no corpo e nele termina" (2008, p. 95).

É o corpo que permite ao ser humano em geral – e nesse caso àqueles que se veem em uma situação extrema de imigração ou refúgio – reconstruir a própria história, por meio de experiências vivenciadas, que se dão nas práticas sensoriais (tato, olfato, visão, paladar, gestos etc.).

> O encantamento do mundo é um produto da evolução: os animais são enfeitiçados quando percebem sensorialidade de um outro, o odor, a cor, a postura, que os governa servindo-se dos cinco sentidos. E os homens, única espécie que possui seis sentidos, vivem no duplo encantamento dos sentidos e do sentido que a historicidade cria. Nunca vemos o mundo dos outros, mas representamo-lo pelos sinais das palavras e dos seus gestos, que enfeitiçam ainda mais (Cyrulnik, 1997, p. 8).

São as transformações sociais, biológicas e culturais que vão ocorrendo ao longo do tempo, que levam o indivíduo a fazer novas experiências, adaptar-se e inserir-se em uma nova cultura, aprender uma nova língua, engajar-se em uma nova realidade etc. Por isso, Cyrulnik chama o corpo humano de "corpo vivo", um corpo capaz de encantar-se, de enfeitiçar-se com o novo.

O pensador também afirma que, mudando ou não de ambiente, o corpo estará disponível para receber informações diversas, como se o meio mudasse.

> O corpo, visto que é vivo, nunca é passivo dentro do meio estruturado. O desenrolar de um processo biológico, do nascimento à morte, indica que um organismo não para de procurar aquilo que, para ele, será acontecimento. Não é, pois, sensível às mesmas informações de acordo com a fase da sua evolução. O que significa que, mesmo se nada mudar no meio ambiente, o simples desenrolar de um processo biológico torna o corpo sensível a informações diferentes, de tal forma que tudo se passa como se o meio mudasse. Um mesmo corpo não vive no mesmo meio em todas as fases da evolução individual (Cyrulnik,1997, p. 12).

Essa premissa remete às variadas possibilidades de mudança e conhecimento que poderá adquirir um indivíduo que se coloca obrigatoriamente em situação de deslocamento contínuo. É essa dinamicidade do corpo, sempre aberto a aprender, que favorecerá a possibilidade ou não de adaptação ao novo.

Com apenas 15 anos, o georgiano Manuchar, partiu da sua terra rumo à Itália com disposição e abertura para aprender e se ajustar a um novo ambiente. A audição, o tato, o olfato e a visão foram elementos sensoriais indispensáveis para ajudá-lo, enquanto ainda indefeso e vulnerável, a chegar ao destino desejado e se adaptar a uma nova cultura. Ele mesmo narra:

> eu me recordo que quando cheguei na estação de trem disse que queria vir para Lucca (eu tinha apenas 15 anos), mas não me compreendiam, não falavam minha língua, nem o georgiano, nem inglês ou francês. Eu me recordo de um senhor que se compadeceu de mim, fez gestos me chamando para aproximar. Pegou um pedaço de papel e desenhou o caminho que eu deveria fazer para chegar a Lucca. E assim eu fiz. Não posso me esquecer daquele senhor.[16]

Ao chegar em uma terra estranha, sem nenhuma referência, Manuchar foi desafiado a expressar seus sentimentos, a comunicar

[16] Manuchar, menor estrangeiro não acompanhado da casa de acolhida *GVAI* (*Gruppo Volontari Accoglienza Immigrati*), em Lucca, Toscana, Itália. Entrevista feita em março de 2017 na cidade de Lucca, Itália.

o desejo de chegar ao destino e precisou fazê-lo de maneira elaborada, organizada, para se fazer entender. Nesse sentido, Boris afirma que:

> a evolução elaborou um conjunto de comportamentos, de gritos, de posturas e de gestos que permite a cada animal moldar o seu comportamento social. A ordem reina muito antes da verbalidade, mas é governada pela maneira com que os corpos exprimem as emoções (Cyrulnik, 1997, p. 26).

As primeiras experiências de vínculos com outras pessoas se dão após o nascimento, no colo da mãe, segundo Cyrulnik. Ao ser dado à luz, a primeira experiência externa do ser humano será o mamilo. É por meio dele que se criam os primeiros vínculos, que se começa a explorar o novo mundo ao seu redor. Com o passar do tempo, a tendência é a ampliação de elementos que formarão o seu mundo fora do vínculo materno (Cyrulnik, 1997).

> No pequeno homem, o processo de afastamento ou de triangulação está no auge, pois, durante a ontogênese, o bebê passa, em poucas semanas, da orientação para o mamilo, que dá o leite, à percepção de uma figura de apego, que dá o alimento. Ainda vai precisar de alguns anos para encenar a ficção que consiste em brincar às refeições com a mãe, uma outra criança ou boneca. Dois decênios mais tarde, utilizará essa pulsão, e irá teatralizá-la ao convidar uma pessoa para jantar (Cyrulnik, 1997, p. 33).

Desse modo, a boca se torna um dos primeiros veículos de comunicação do ser humano com o mundo, que se dá por meio do fenômeno da amamentação. É uma das primeiras formas que a criança encontra para começar a explorar o mundo ao seu redor.

> É na região que cerca a boca que o embrião humano responde pela primeira vez a uma estimulação tátil. Portanto, não surpreende descobrir que as primeiras comunicações com o mundo de fora sejam realizadas pelo bebê através dos lábios e que isso seja feito de modo tão graduado. Está demonstrado que estimular o recém-nascido na região do lábio desencadeia a reflexão de orientação oral, ou seja, abrir a boca e girar a cabeça em direção do estímulo. Isso acontecerá quando somente um dos lábios for estimulado unilateralmente. Quando ambos forem estimulados ao

> mesmo tempo, acontecerá o componente de compreensão do estímulo, mas cessa a rotação de orientação e se inicia o movimento de sucção. Normalmente esse estímulo é o mamilo e, a seguir, a auréola do seio materno. Essa conduta de esquadrinhar, como se diz – quer dizer, procurar com o nariz e a boca até encontrar o seio – acontecerá daí por diante toda vez que o bebê for posto em contato com o corpo da mãe ou com qualquer coisa que lembre seu seio (Montagu, 1988, p. 124).

De acordo com o pesquisador Waldemar Antônio da Silva Júnior, da Universidade do Rio Grande do Norte,

> a boca, principalmente em seus hábitos alimentares, constrói no sujeito um campo sensorial que permite o aparecimento dos laços afetivos com o seu semelhante, assim como a cultura, que simbolizam encontros oportunos de convivência, por exemplo, durante as refeições diárias (Silva Júnior, 2014, p. 31).

Por isso, quando sentados na sala de TV da casa de acolhida *Odisseia*, em Lucca, Amadou fez referência ao educador, Ricardo, e falou sobre o prazer que lhes causava cozinhar um para o outro. A situação demonstra a importância da comida para a criação de vínculos e adaptação a uma nova cultura.

As expressões de Amadou "eu ensinei o Ricardo a fazer arroz", "café com gengibre", "(risadas) tanta coisa"; e "o Ricardo me ensina a fazer a pasta italiana", revelam uma abertura em direção do outro, do novo, carregada do imperativo de criar vínculos por amizade, por necessidade ou até mesmo pelas condições nas quais se encontra o menor ou o educador. Fato é que, tomar o "café com gengibre" de Amadou ou comer a pasta italiana do Ricardo, são atitudes que vencem barreiras de "pré-conceitos", de não aceitação. Abre possibilidades de inserção e integração a uma nova cultura.

> A comida pode ser vista como um importante meio para se comunicar valores, sentidos e identidades. Comer é um ato simbólico que não está restrito à necessidade de se suprir nutrientes. As profundas transformações em nível global vêm alterando profundamente os padrões alimentares; a intensificação das trocas culturais, reconfigura os repertórios alimentares e também o seu consumo. Nesse contexto,

> assim como um elemento-chave para a constituição de identidades, a comida pode ser pensada como um meio de comunicação (Rocha, 2010, p. 4).

Cria-se, a partir da pasta italiana ou do arroz e café africanos, uma sensação agradável de amizade, cumplicidade e respeito, entrelaçadas e criadas a partir do ritual, dos gestos, do tato, do olfato, da visão e do paladar. Um vínculo forte, sincero, gerado a partir do corpo e seus sentidos. Essa relação criada a partir do paladar dará formas a uma comunicação proativa que favorecerá as relações entre educador e adolescente, e vice-versa.

Outros elementos fundamentais para a criação de vínculos entre menores estrangeiros e as pessoas que os acolhem parece ser o elemento corpóreo-sensorial, o tato, a audição e a visão. A atenção expressa na escuta, no toque, no olhar das educadoras que cuidavam de Manuchar geraram nele a confiança e a certeza de que ele não estava só, que estava seguro, mesmo em terra estrangeira, porque havia encontrado alguém que o amava e fazia papel da mãe.

No ato de acolher Manuchar, as Irmãs se puseram no exercício de preencher um vazio causado pela ausência da mãe e de seus familiares. Novos laços se criaram, gerando segurança. Para Baitello Júnior (2008), são os ambientes afetivos marcados pelo excesso, pela carência e pela negação que dão origem aos vínculos. O comportamento misterioso e enigmático dos corpos é que desperta a possibilidade do vínculo, quando abertos à escuta um do outro.

A psicóloga cultural, Barbara Rogoff, salienta que

> as diferenças culturais geralmente consistem em variações em temas de natureza universal, em diferentes ênfases ou valores atribuídos a certas modalidades de aprendizagem que mudam de país para país; no entanto, todas as crianças aprendem assistindo ou participando diretamente de atividades sociais (Rogoff, 2004, p. 60).

Manuchar ainda relatou que foram as educadoras (Irmãs Scalabrinianas) que o ajudaram a aprender o italiano. Elas usavam o método da associação, com materiais da cozinha, como garfos, facas etc. "Ela pegava o garfo e dizia: '*forchetta*, repita comigo: *forchetta*',

ou 'calças: *pantaloni'*. Dessa maneira fui me introduzindo na nova cultura e aprendendo a língua", contou Manuchar.

No processo de integração à nova cultura, o idioma se torna fundamental e indispensável. Faruk, 17, veio do Paquistão. Ele conta que quando eles chegam à Líbia, os líbios exigem que falem o árabe, caso contrário, passam por torturas por não conseguirem se comunicar. A tortura sempre acontece.

> Eu saí do Paquistão de avião até Dubai, Baharim, Stambul, Líbia. Fiquei na Líbia e cheguei na Itália com a barca. A vida na Líbia é mesmo muito difícil. Não se come, não se bebe água, não se pode dormir. É uma sala com muitas pessoas, 30, 40. Eles ligam para a família para que lhes enviem dinheiro. Mas não falaram com minha família. Nem eu tenho contato com eles. Eu vim para cá porque tem muitos problemas no Paquistão. A viagem foi muito, muito difícil, porque era uma barca pequena com 120 pessoas dentro. Foram 12 horas de viagem nesse bote aberto. A Líbia é muito difícil para nós, porque não falamos árabe, e eles só falam em árabe. Eles não falam inglês. Era difícil entender o que falavam. E quando você não entende, eles te batem. Um primo meu, que agora vive em Pisa, ficou quatro anos na Líbia e me ajudou.[17]

Nesse sentido, Cyrulnik assegura que:

> Para um filho de homem, tentar a aventura da palavra é antes de tudo uma maneira de encontrar, uma maneira de fazer gestos, mímicas e vocalizações que possibilitem amar, trocar afetos e agir sobre a pessoa amada. Adquirir uma língua é aprender um código, mas é, sobretudo, ocupar seu lugar afetivo em uma cultura já estruturada por essa língua (Cirulnik, 2007, p.72).

[17] Entrevista com Faruk,17 anos, natural do Paquistão que vive na Casa de Acolhida em Massa Macinaia,Toscana, em fevereiro de 2018.

Mapa 2: Trajeto feito por Faruk para chegar à Itália.
Cartografia: Luís Augusto Pereira Lima

De fato, a compreensão da nova língua tem um lugar também efetivo no processo de integração do estrangeiro. Na maioria dos casos, o primeiro passo a dar quando se chega em um novo país é o aprendizado da língua, fundamental para a comunicação, inserção no mercado de trabalho e resolução dos mais variados problemas, como os de saúde, estadia e satisfação das necessidades básicas.

Do segundo andar da casa onde estava hospedada em Lucca, bem no centro da majestosa cidade toscana mediada por muros, vi uma cena que me comoveu: no jardim da casa, uma mulher alta, de tez bem clara, cabelos loiros, estava sentada em uma mesa, em meio a cinco jovens africanos de tez bem escura, assim como a minha. Não me contive, fiz uma foto do alto e desci, interrompendo o encontro deles e pedindo licença para tirar fotos. Um dos jovens se levantou imediatamente e disse que não gostaria de ser fotografado. Porém, o mais interessante em tudo isso foi o testemunho de Veronique, a mulher de tez clara, que já sentiu na pele o que é ser estrangeira em uma terra diversa, razão suficiente para que abraçasse a causa. Para ela, o aprendizado do idioma no

país de destino é fundamental, tanto para a inserção quanto para a integração da pessoa. De origem francesa, filha de lituanos, ela resume aquilo que a motiva a atuar como voluntária no serviço aos adolescentes:

> a primeira coisa a fazer quando se está em um país estranho é aprender a língua, porque sem a língua não se tem autonomia, não se tem independência, não se faz nada. Para sobreviver em um país estrangeiro, aprender a língua é um modo para se integrar, para conhecer as pessoas. Sem a língua não se pode fazer nada. É algo fundamental para sobreviver no país que acolhe você. Se não falo italiano na Itália, como faço para conhecer as pessoas, para trabalhar, para ir à escola? Não posso me integrar, não posso conhecer ninguém, independentemente da cor, se branco, negro, muçulmano. Poder falar é poder se fazer conhecer. Se eu falo italiano posso dizer quem sou. Se não falo, como faço? Cada pessoa humana tem o direito de saber escrever, ler e falar. Tem tantos meninos que não sabem nem ler, que nunca foram à escola. Poder ler, escrever é ser uma pessoa livre. A liberdade se faz também, graças à educação. Eu tenho como missão, sendo filha de pais estrangeiros e sendo estrangeira, ensinar a língua italiana. Sinto de verdade, sobre a minha pele, o quanto é importante saber a língua de um país. Sendo estrangeira, eu entendo melhor o que se deve saber rápido.

Outro aspecto que a dimensão corpórea evidencia são os estereótipos relacionados à cor, etnia e país de origem. Trago na lembrança um fato que me marcou. Durante as entrevistas – em uma das casas de acolhida, no vilarejo de Porcari, distrito de Lucca –, sentada em uma roda, com menores estrangeiros não acompanhados de Bangladesh, Albânia, Chad e Síria, um menor sussurrou em meu ouvido a pergunta: "Por que os italianos não gostam de negros?" Confesso que as palavras não me vieram à boca, meus lábios ficaram imóveis, os olhos em lágrimas e o coração partido.

Ou seja, a diversidade de tons da tez do corpo é, ainda no século XXI, empecilho para a criação de vínculos interculturais saudáveis e merece um estudo mais aprofundado. A esse respeito, Cyrulnik enfatiza:

> A não ser que uma cultura invente um bom código no qual o homem ainda pode se exprimir, falar e governar sem destruir o próximo, esse código tem um nome: tolerância. É preciso aprender a se descentrar do próprio pensamento, admitindo não haver apenas uma maneira de ser humano. Pois, enquanto desprezarmos os outros, oscilaremos entre a violência da desordem e a de uma única ordem (Cyrulnik, 2007, p. 143).

Os estereótipos e preconceitos podem interferir de maneira decisiva na relação entre quem acolhe e quem chega a um país estrangeiro. A comunicação se dá, porém, com algumas interferências.

Podemos argumentar que o fenômeno da imigração, com suas características próprias, como a saída em massa de crianças em tenra idade em busca de melhores condições de vida em outros países, alerta para a reflexão sobre a importância da criação de vínculos positivos para o bom desenvolvimento e as boas relações interculturais. É preciso criar ambientes que propiciem o estabelecimento de vínculos, porque é deles e a partir deles que vivemos, movemo-nos e somos enquanto indivíduos. Saber acolher é a garantia de uma boa inserção em um ambiente social diverso.

A criança e o adolescente, de maneira geral, trazem consigo uma facilidade maior de aprendizado, de se adaptar ao novo, o que também propicia a formação de vínculos duradouros. Corpos abertos ao encontro permitem a comunicação, o que facilita o processo de adaptação e integração em um ambiente pluricultural e multiétnico. Por outro lado, os educadores são desafiados a se deixarem moldar por esse novo contexto, no qual a presença de estrangeiros é uma realidade. Vínculos positivos só podem ser criados e fortalecidos por meio da abertura e cumplicidade.

Nesse contexto, interessa-nos averiguar o lugar que a imprensa tem ocupado no processo de deslocamento humano que vem marcando a história contemporânea. Pretendemos discorrer sobre a relação da mídia – especificamente os jornais, com maior foco no fotojornalismo – com o êxodo infantil e sobre os efeitos dessa forma de representação. A partir da consciência do papel fundamental da mídia na representação da realidade, a ideia é perguntar como a situação de migração e refúgio, na qual se encontram esses menores, é transformada em discurso midiático.

NO AUGE DOS MEUS QUINZE ANOS

Cheguei à Itália
Com a coragem e a cara lavada
Onde queria chegar
Não tinha claro a estrada
Mas num pedaço de papel
Foi traçado o meu caminho,
Por um italiano bondoso
Carinhoso
Um velhinho
No auge dos meus quinze anos,
Menino
Cheguei ao destino
Até um dia, Geórgia!
De Lucca nunca me esqueço
A família scalabriniana
A atenção, o afeto, o amor
Da minha querida Irmã Ana
Fui um garoto sortudo
Ela me dava colo, arrumava as golas
Era um pouquinho de tudo

(Rosa M. Martins, 03.11.2024)

2

Narrativas midiáticas: a fulanização do menor estrangeiro na sociedade do espetáculo

Nosso tempo, sem dúvida... prefere a imagem à coisa,
a cópia ao original, a representação à realidade,
a aparência ao ser... O que é sagrado para ele,
não passa de ilusão, pois a verdade está no profano.
Ou seja, à medida que
decresce a verdade, a ilusão aumenta.
Feuerbach[1]

A sociedade capitalista neoliberal produz mobilidade humana e, ao mesmo tempo, utilizando-se dos meios de comunicação – um dos seus principais atores –, produz e vende a notícia de forma espetacular. Um conceito importante para a nossa temática é o da sociedade do espetáculo, desenvolvido pelo pensador francês Guy Debord e seus companheiros, no Internacional Situacionista, nos anos 60 do século XX – movimento de cunho político e artístico que influenciou as várias teorias contemporâneas sobre sociedade e cultura.

Ao analisar o capitalismo, o autor constata um acúmulo de imagens que dá origem à sociedade do espetáculo, uma das marcas da contemporaneidade, na qual se dá uma predominância da coisa em detrimento da essência, a representação substitui o real e a aparência prevalece sobre o ser (Debord, 1997). Ao parafrasear

[1] Prefácio à segunda edição de *A essência do Cristianismo*.

Marx, Debord parece convicto que "toda a vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção se anuncia como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era diretamente vivido afastou-se em uma representação" (Debord, 1997, p. 13).

Debord destaca as características do espetáculo, que "não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens" (Debord, 1997, p. 4); é também uma cosmovisão, resultado e projeto do capitalismo, o "modelo atual da vida dominante na sociedade", a "afirmação onipresente da escolha já feita na produção e o consumo que decorre dessa escolha" (Debord, 1997, p. 6).

Na sociedade do espetáculo, não vivemos mais as nossas próprias experiências, "tudo o que era vivido diretamente torna-se uma representação" (Debord, 1997, p. 1). As relações humanas passam pelo intercâmbio mercantil, e a mercadoria ocupa totalmente a vida social. O próprio espetáculo está se tornando um dos principais organizadores da política, economia, comunicação, religião e da vida cotidiana. O espetáculo passa a ser um meio de divulgação, reprodução, circulação e venda de mercadorias.

Ao analisar as notícias fotojornalísticas sobre menores estrangeiros não acompanhados no contexto da lógica espetacular, observamos várias características que reforçam e legitimam a lógica do sistema capitalista vigente, no qual, conforme preconiza Debord, as relações sociais são cada vez mais mediadas por imagens e espetáculo. A vida real dos meninos é transformada em notícia com características de produto de consumo. Assim, a espetacularização da notícia vendida como representação da realidade reforça a invisibilidade dos menores, também eles produtos do sistema.

Como ressalta a professora Linda Bentivegna, da Universidade de Gela, na Itália:

> existe muito espetáculo na mídia e nas redes sociais sobre o fenômeno da imigração. As pessoas falam e escrevem sobre os seres humanos como se fossem números. O tema é muito controverso e caminha com tendências ao populismo e ao emotivismo desenfreados, que contribui para intensificar o quadro de medo não só nos cidadãos italianos, mas também nos europeus (Bentivegna, 2018).

Todos os dias, assiste-se na imprensa à fulanização dos imigrantes, e isso, na maioria das vezes, acontece sem questionamentos. Nos dicionários de língua portuguesa Infopedia e Priberam, o verbete "fulanizar" significa "desvio de atenção de uma questão ou situação para um indivíduo relacionado ou identificado com ela, com perda de objetividade". Ou, ainda, "atribuir nome ou identificação a pessoas com partidas indeterminadas ou cuja identificação não interessa para discutir uma questão",[2] ou seja, denominar pessoas como números e com adjetivações como "imigrante", "refugiado". Expressões como "100 mil entraram na Europa este ano", "era uma legião de refugiados" (Burnier, 2017), "um bando de refugiados invadiu", distanciam o ser humano do real, carecem de objetividade e acabam invisibilizando o indivíduo e negando sua realidade e sua história.

O verbo fulanizar – atribuído à forma como a imprensa trabalha com o tema da imigração e do refúgio – foi usado pela primeira vez por Luiz Cláudio Ferreira, mestre em jornalismo, professor do Centro Universitário de Brasília e chefe de reportagem da Agência UniCEUB. Ferreira afirma:

> os imigrantes e os refugiados são vistos e descritos pelos jornais a partir de preconceitos alimentados nos profissionais e nas empresas quando a tarefa é escrever sobre o assunto. Os estrangeiros são "fulanizados". A cobertura é sazonal e ocasional, dependente de mortes, do afundamento de um barco. Quando o tema é tratado assim com contagem de mortos, uma enumeração de vítimas, não estamos tratando o assunto com a seriedade, com a complexidade que isso exige (Ferreira, 2016).[3]

Ainda sobre expressões pejorativas que geram afastamento dos migrantes por parte da sociedade, como "crise migratória" (Ferreira, 2016), "drama da imigração" (Prado; Ortiz, 2016), Ferreira defende que "podemos considerar como superficial e errado esse termo 'crise migratória', porque imigração sempre houve e sempre haverá. Estamos em um mundo sem fronteiras" (Ferreira, 2016).

---

[2] FULANIZAR. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://www.priberam.pt/dlpo/fulanizar>.

[3] Disponível em: <https://www.conic.org.br/portal/noticias/2033-jornalista-critica-cobertura-de-imprensa-brasileira-sobre-refugiados>.

Se por um lado a mídia permite conhecer mais esses deslocamentos, suas causas, a situação na qual se encontram os deslocados e como se deram suas travessias, também reforçam, por outro lado, estereótipos, negações da alteridade, atos de xenofobia e preconceitos dos mais variados, quando, longe da verdade, representa, encena e edita essas situações em vista do entretenimento. Para Ciro Marcondes Filho, "no fundo, a imprensa sensacional trabalha com as emoções da mesma forma que os regimes totalitários trabalham com o fanatismo, também de natureza puramente emocional" (Marcondes Filho, 1986, p. 90).

Como série ideológica instituída, a mídia tem se tornado um terreno próprio para ser investigado. Margarethe Born Steinberger-Elias, ao tratar sobre os discursos geopolíticos da mídia, faz referência ao discurso midiático aplicado ao jornalismo.

> Nos discursos jornalísticos, a produção de sentidos resulta, de imediato, de recortes que o profissional faz na substância da atualidade e de suas decisões na composição formal do texto (sonoro, visual etc.). O efeito de sentido da noticiabilidade, no entanto, depende de alguns fatores sociais, como, por exemplo, a informação que é de interesse público, que é nova, que é atual, que apela aos sentidos, à curiosidade etc. (Steinberger, 2005, p. 75).

Nesse sentido, o jornal diariamente tem apresentado notícias desse teor sobre as crianças em situação de refúgio – acontecimento que ganhou destaque nos últimos cinco anos. A forma discursiva da mídia tem causado curiosidade, estranheza e medo, enfatizando a invisibilidade, como mostraremos a seguir.

A notícia *L'esercito di invasione è già qui: i milioni di minori stranieri*, publicada em junho de 2017 no informativo italiano *Vox News*, trata o fenômeno como um "exército de invasores", como um "tumor cancerígeno a ser combatido", uma "invasão silenciosa e aparentemente pacífica". A reportagem nos direciona ao pensamento de Michel Foucault, de que "o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar" (Foucault, 1996, p. 10):

Figura 2: Foto do Vox News
Fonte: < https://voxnews.info/2017/07/22/lesercito-di-invasione-e-gia-qui-1-milione-di-minori-stranieri/ > .

é uma serpente que estamos levantando no peito. Ou, se preferirem, um tumor que, ao invés de combater como um organismo saudável faria, ajuda na sua difusão. Menores estrangeiros na Itália são mais de 1.085.734, enquanto, em 2011, havia 933.228. Eles aumentaram 16% em quatro anos. Quase metade (42%) tinha menos de cinco anos de idade. Na Itália, 13% das crianças de 0 a 5 anos são estrangeiras. Uma invasão silenciosa e, aparentemente, "pacífica". Por isso, mais perniciosa e que terá um efeito devastador a médio e longo prazo. Como os desastres franceses e ingleses mostram [...] (Texto da matéria do referido Periódico).

Figura 3: Foto publicada pelo Vox News, site italiano faz alusão negativa sobre a acolhida do que chamam de "menores invasores na Itália."
Fonte: <https://voxnews.info/2017/07/22/lesercito-di-invasione-e-gia-qui-1-milione-di-minori-stranieri/>.

A pesquisadora italiana Giada Frana, em tese sobre a questão migratória na mídia italiana, afirma que os canais de mídia que influenciam o preconceito exercem seu efeito graças à ativação de alguns processos psicológicos do leitor ou do telespectador, que acabam por confirmar estereótipos.

> [...] Os canais aumentam o medo de serem vítimas de um crime nos usuários mais frequentes; tornam a expressão do preconceito mais socialmente aceitável e, em última análise, contribuem para distorcer a estimativa da frequência com que os imigrantes cometem crimes, criando um círculo vicioso: quanto mais pessoas estão convencidas de que os imigrantes são responsáveis pela maioria dos crimes cometidos no território, mais se sentem justificados em expressar uma atitude negativa decidida em relação a eles (Frana, 2014, p. 18).[4]

Portanto, podemos afirmar que a mídia possui um poder simbólico e persuasivo devido à sua capacidade de controlar, por

[4] Disponível em: <https://www.cartadiroma.org/wp-content/uploads/2014/04/La-tesi-completa.pdf>.

meio das diversas representações sociais divulgadas por ela, a forma de pensar de seus interlocutores.

Ela retrata claramente essa espetacularização (Debord, 1997) da situação do imigrante, de maneira específica das crianças e dos adolescentes. Títulos de matérias divulgadas, também, em jornais brasileiros, como G1 e outros, reforçam estereótipos com as expressões "legião", "refugiados", "desesperados". Nessa direção, Freire e Carvalho refletem sobre a importância e a influência da mídia na concepção de mundo da sociedade.

> Às vezes me ponho a pensar que "o fora" da filosofia pensado por Foucault é atualmente um dos mais importantes instrumentos sociais, no sentido de produzir esquemas de significação e interpretação do mundo. Os meios de comunicação nos indicam o que pensar, o que sentir, como agir. Eles nos impõem certas questões e nos fazem crer que esses é que são os problemas mais importantes sobre os quais devemos pensar e nos posicionar (Freire; Carvalho, 2008, p. 156).

Pode-se perceber uma espetacularização da vida humana por meio do discurso traduzido pelas imagens de menores refugiados à beira dos portos, em casas de prostituição, nas fronteiras, em navios superlotados, de corpos estirados pelo chão nas áreas de desembarques, enfim, das vítimas das travessias. Não se percebe uma preocupação por parte da imprensa em dar visibilidade a essas pessoas e às suas histórias de vida.

Ao fazer uma análise dos meios de comunicação italianos, Marinella Belluati, Giorgio Grossi e Eleonora Viglongo assinalam que:

> encontramo-nos diante de uma informação muito deformada sobre eventos contingentes – e sobre aqueles mais sensacionais e emocionais caracterizados por conflitos e marginalização etc. – e pouco inclinada para a investigação e o aprofundamento do fenômeno da imigração, mas também para a sua simples problematização de acordo com diferentes pontos de vista (Viglongo; Grossi; Belluati, 1995, p. 52).[5]

5 Disponível em: <https://www.peacelink.it/migranti/a/121.html>.

A imprensa, em geral, não se ocupa das relações entre autóctones e imigrantes, das questões de convivência, de integração, de projetos e esforços de acolhida. Segundo o *Observatório da Imprensa*,

> [...] a imprensa mundial parece estar fechada naquilo que o professor de direito da Universidade de Chicago, Cass Sunstein, chama de 'bolhas informativas'. O autor do livro "Infotopia", lançado no final de 2017, define a bolha como um ambiente onde pessoas e instituições só ouvem e publicam o que lhes agrada (Castilho, 2007).

Em sua pesquisa sobre a imagem da imigração e dos imigrantes nos meios de comunicação de massa italianos, o jornalista e professor de comunicação intercultural da Universidade de Verona, Maurizio Corte, explica as razões pelas quais o sensacionalismo, a espetacularização e o drama exercem controle sobre o público (Corte, 2003). Para ele, a primeira está ligada ao fato desses meios tenderem a entreter, e seu componente de entretenimento aproximar mais o rádio e a televisão do teatro do que dos meios de comunicação social adultos. A segunda, a exercerem uma influência sobre uma audiência que não tem conhecimento direto e real dos eventos, e que é, portanto, vulnerável e sujeita a manipulações. Ele assegura que:

> a influência exerce-se sobretudo em certas seções da população: as menos educadas e/ou mais avançadas em idade, que não possuem as ferramentas conceituais e a cultura para filtrar as notícias. Esses são leitores, ouvintes, espectadores que sequer têm meios para diversificar as fontes de informação, procurar diferentes canais de informação para comparar. Esses leitores, esses ouvintes não podem lidar com diferentes jornais, ouvir tópicos de aprofundamento da televisão por satélite e dispor de jornais *on-line* disponíveis. E eles sequer têm a oportunidade de se basear em conhecimento direto e leituras documentadas sobre as questões abordadas pelos meios de comunicação de massa (Corte, 2003, p. 10).

A forma como a notícia é dada esconde a alteridade, que se revela nesse fenômeno com todo o seu protagonismo e toda a sua capacidade de renovação da história dos povos do lugar de

destino. Segundo relatório da ONU de 2015[6], os imigrantes mais desenvolvem os países de destino do que recebem algo deles.

Os conglomerados de mídia são peças fundamentais no sistema neoliberal de espetáculo e consumo. A notícia transformada em produto obedece, salvo exceções, a essa mesma lógica consumista e espetacular. Temas em evidência, como a novidade do fenômeno da emigração de menores – que, aos milhares e milhões, têm deixado seus países em busca de melhores condições de vida –, não têm sido tratados pela mídia com a devida magnitude que merece. Inseridas nesse contexto, crianças até 17 anos se sentem adultas o suficiente para enfrentarem, sem a tutela de nenhum parente, os desafios da migração em países diversificados e abraçarem sozinhas a nova realidade.

Nesse cenário, a imprensa tem ocupado um papel singular no sentido de realçar o êxodo infantil, porém, a partir do ponto de vista de seus aliados, tem também enfatizado os aspectos negativos e criado estereótipos, gerando discriminação, xenofobia etc. O discurso midiático é monológico, no sentido que não há espaço de fala para esses emigrados. Quando "ganham voz", sua fala serve apenas para manter o ponto de vista de quem os interroga, espetacularizando-os e fulanizando-os como se não fossem portadores de sonhos e projetos.

ENTRE AS LENTES DA REPORTAGEM

Ponha minha vida em suas lentes, seu moço
Desenhe-a como bem entender
Como bandido, como invasor, como errante
Mas não se esqueça, por favor, seu moço
De nas suas lentes acrescentar
A verdade que carrego
Sou pessoa de fibra, não nego
Sou muito homem, sou muito mulher
Sou imigrante

[6] Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultnot/internacional/2009/10/05/ult1859u1595.jhtm>.

Eu sei amar
Sei rezar
Da vida sou um poeta
Rimo dor com amor
Alegria com sabedoria
Rimo desafio com meta

Não sou daqui, não sou de lá
Sou o menino Francisco
A Maria, o Mohamad, o Edmundo
Assim como o amor, sou garoto sem fronteiras
Meu chão, minha terra firme é o mundo.

(Rosa M. Martins, 21.12.2024 – 13h45)

3

A imigração de menores estrangeiros não acompanhados no fotojornalismo italiano

Quando o mundo se tornar confuso,
eu me concentrarei em fotografias.
Quando as imagens se tornarem inadequadas,
eu me contentarei com o silêncio.
Ansel Adams

Neste capítulo, pretendemos contar, a partir de fotografias publicadas no jornal italiano *Corriere della Sera*e na agência de notícia italiana, *Agenzia Nazionale Stampa Associata* (*ANSA),* a história da imigração de menores nos últimos dez anos. Vale justificar a ausência das menores neste estudo. O contato com elas não foi possível por três razões principais: a dificuldade de acesso às casas de acolhida por causa da proteção; a diminuição do fluxo de imigração das menores no decorrer da pesquisa devido aos riscos atrelados a gênero; a intimidação do grupo de meninas acompanhadas, por parte do parceiro, suposto marido ou parente, para não falarem sobre suas vidas.

O capítulo pretende fazer uma espécie de iconografia da imigração dessas crianças e adolescentes oriundos de países emergentes ou subdesenvolvidos, que buscam melhores condições de vida na Europa, especialmente na Itália – foco desta pesquisa. Analisamos, por meio das imagens divulgadas pela imprensa, aqueles aspectos menos trabalhados em relação ao fazer fotojornalístico e à travessia em massa retratada nos jornais, de 2009 a 2017. Ademais, refletimos sobre aspectos até então não

mencionados em relação à representação fotojornalística, como a questão da visibilidade – dada ou não a esses menores –, do papel e do lugar do fotojornalismo nesse fenômeno e, ainda, a visão que provavelmente têm esses imigrados sobre o país que os acolhe, procurando tornar visível a posição desses menores no campo político-cultural da Itália.

A isso se somará uma outra reflexão sobre o papel desempenhado através do olhar e da perspectiva do fotógrafo na representação visual da realidade, ou seja: o que veem? Como veem? Há uma dramatização da realidade? De que forma os cenários são esteticamente aproveitados? Há alguma alteração no realismo físico da natureza e das coisas? Há omissão ou alteração de detalhes importantes? Manipulação da verdade dos fatos em seu agir fotográfico? As novas tecnologias de comunicação têm favorecido a exposição do ser humano de maneira mais pontual por meio da imagem. O fácil acesso a um dispositivo fotográfico tem facilitado a visibilidade do indivíduo por meio das imagens publicadas nas redes sociais ou nos jornais *online*.

A disseminação de imagens na sua fluidez e rapidez antecipa o conhecimento de fenômenos multiculturais e multiétnicos como o de menores em situação de refúgio, por meio da rede mundial de computadores.

Nem sempre o discurso fotográfico e fotojornalístico narra a realidade de forma fidedigna, pois há um contexto histórico, cultural e social que envolve a imagem e todo um processo de produção da fotografia que não é isento de ideologias. No ato de fotografar, a narrativa sempre estará aquém do objeto e do real, pois o objeto, como afirma François Soulages (2010), é "infotografável". Ele alega em entrevista à *Revista Zum*:

> quando tiro uma foto com minha câmera analógica e olho pelo buraco, não estou olhando a realidade. O que está enquadrado já é uma imagem da realidade. Tanto que alguns fotógrafos, como Edouard Boubat, dizia: "Quando vejo em meu visor uma foto que se assemelha a Henri Cartier-Bresson ou a Robert Frank, não disparo, não faço a foto". Insisto que não *tiramos* [capturamos] uma foto, mas sim a *fazemos* [produzimos] (Soulages, 2017).

Partindo desse pressuposto, narrar as histórias dos sujeitos, deixando ecoar seu próprio discurso e representá-lo da forma mais fidedigna possível, na era da circulação, torna-se uma tarefa ímproba. Ademais, "não raro nos defrontamos com imagens que a história oficial, a imprensa ou grupos interessados se encarregam de atribuir um determinado significado com o propósito de criarem realidades e verdades" (Kossoy, 2016, p. 22). Os fatos noticiados tendem a convergir para a espetacularização, devido ao meio social e à parcialidade do sujeito que conta a história, seja de maneira escrita ou fotografada. Orlandi, ao tratar da análise do discurso, considera que:

> não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido. Consequentemente, o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por e para os sujeitos (Orlandi, 2002, p. 17).

O sujeito que fotografa está inserido em determinado meio e em um contexto histórico pessoal e social que influenciará, sem imparcialidades, o discurso expresso na foto revelada por ele. É nesse sentido que François Soulages afirma que em toda imagem está contido um "isto foi encenado" (2010, p. 75).

> [...] Ocorre um jogo dialético, na maioria das vezes inconsciente, entre seu *ego*, que visa dominar e prever, seu *id* que exprime maciçamente suas pulsões e suas tendências para com a exterioridade [...] e seu *superego*,que é habitado pela identificação problemática do fotógrafo com "grandes" fotógrafos e, portanto, com regras e modelos estéticos, estilísticos ou técnicos; todo fotógrafo é encenado e dirigido, atraído e paralisado por esses modelos, mesmo – e sobretudo – se quiser se distanciar deles (Soulages, 2010, p. 75).

A representação do real *a priori* de sua revelação é efetiva na mente do fotógrafo a partir de sentimentos, emoções, conceitos pré-estabelecidos e história pessoal. De antemão, todos esses elementos compõem uma cena sobre a reprodução do factual na mente daquele que fotografa algo. Sendo assim, "a fotografia implica uma transposição de realidades: é a transposição do fato visual do assunto selecionado no contexto da vida (primeira

realidade), para a realidade da representação fotográfica: segunda realidade" (Kossoy, 2016, p. 38).

A representação fotográfica não corresponde necessariamente à verdade histórica, mas apenas ao registro expressivo da aparência. Suas informações abrem portas para diferentes leituras que cada receptor faz dela em dado momento.

Isso, porque a "fotograficidade" não acontece de maneira autônoma e independente em vista da apreensão do ser do objeto a ser fotografado. Em cada ato de fotografar algo, a representação vem a se confirmar, pois aquele ou aquilo que se fotografa posa mais de uma vez: "pose fotográfica e afetação mundana, cultural e social" (Soulages, 2010, p. 71). Isso significa "encenação", pois nesse caso a foto não se constitui como prova do real, mas um encadeamento de dramas, desejos e tensões. É uma "encenação", porque a foto se torna uma decorrência do fotógrafo e de sua imaginação sobre o objeto a ser apreendido na imagem, ou seja, o que ele acredita ser. Nesse sentido, a fotografia se aproxima do teatro em essência. A fotografia é essencialmente uma representação.

O fotógrafo passa a ser, parafraseando Soulages, "o Deus de um instante", porque a encenação para ele pressupõe invenção, criatividade, autoria, composição, arte, técnica, ideologias. Nesse caso, "a ficção talvez seja o melhor meio de se compreender a realidade" (Soulages, 2010, p. 78).

Dessa relação entre fotógrafo e a coisa a ser representada, nascerão outras tantas relações quando a obra realizada, no caso a foto, for exposta. Kossoy considera que:

> a imagem enfatizada plasticamente – seja no seu todo, seja em algumas partes: a) no momento do registro; b) durante o processamento em laboratório (hoje, praticamente abandonado em função da fotografia digital) – [...], provoca nos receptores um determinado impacto ou impressão que ultrapassa o conteúdo, dramatiza a mensagem, cria uma atmosfera, serena ou tensa (conforme a intenção do operador), reforçando ou criando estereótipos, alimentando mitos no imaginário coletivo, contribuindo, assim, para a construção de uma outra realidade (Kossoy, 2014, p. 51).

A foto é linguagem, é código, que deve ser decifrada. E cada intérprete faz a interpretação que lhe compete a partir de seu arcabouço histórico, psicológico e vivencial. É nesse sentido que Soulages afirma a importância tanto do fotógrafo como do receptor. "[...] o receptor também o é, pois é ele que fará uma imagem a partir de tudo isso. A última imagem criada é a imagem que faremos em nossa cabeça" (Soulages, 2017).

Partindo da afirmação de Soulages, trazemos, a seguir, imagens fotojornalísticas de jornais italianos que retratam a situação de menores africanos chegando ao Sul da Itália e de crianças em situação de desespero em meio a um grupo de policiais. Essas imagens são estímulo para que o receptor crie outras imagens em sua memória a partir do seu arcabouço teórico, sociocultural e psíquico. Como tantas outras, essas são imagens que acabam reforçando estereótipos e preconceitos em relação às pessoas em condição de refúgio.

Ao analisar os meios de comunicação e sua relação com os imigrantes, em seu editorial *Noi e gli altri. L'immagine dell'immigrazione e degli immigrati sui mass-media italiani*, Maurizio Corte faz alusão ao artigo de Gian Maria Fara sobre a espetacularização da notícia italiana nos jornais:

> o sentimento é que os jornais se tornaram tão autorreferenciais que podem fazer mesmo sem a realidade que deveriam descrever. A história já não parte dos fatos, mas do que você quer dizer, e os fatos precisam se adaptar. Precisão, representação correta, totalidade, seriedade, forma, honestidade agora são experimentadas como inimigos. Triunfam, ao invés, a superficialidade, a negligência, a ignorância, a arrogância, o "triunfo" (Fara, 2002 *apud* Corte, 2003, p. 9)

Diversas fotorreportagens tendem a tratar os/as refugiados/as como grupo, todos amontoados, como se fossem mais vulneráveis e sofredores do que aquilo que já lhes impõe a própria história de deslocamento, o que, por sua vez, fortalece estereótipos e preconceitos.

Para a pesquisadora sobre os discursos geopolíticos da mídia, Margarethe Steinberger, isso acontece graças ao papel sociopolítico e institucional da mídia. Ela sustenta que:

> no espaço da mídia, desenvolvem-se práticas políticas e ideológicas. Seu discurso é instrumento de expressão e transformação de práticas políticas e ideológicas. A mídia desempenha um papel, nessa perspectiva de agente social que pressiona, mediante a formação da opinião pública, para que os fatos gerem os efeitos desejados pelos que dela se utilizam. Atua, portanto, como instrumento de práticas político-ideológicas. No plano internacional, por exemplo, a mídia tem o poder de construir a imagem de determinados países, governos ou organizações junto à opinião pública ocidental. É o caso da nova imagem do Iraque, da imagem de países africanos etc. (Steinberger, 2005, p. 210).

Figura 4: Imigrantes Rohingya, Myanmar (Reuters).
Foto: Luigi Piero Martina, 2016.

Partindo do pensamento de Steinberger, podemos observar que esse tipo de fotografia – vista aos milhares nas reportagens virtuais sobre refugiados africanos e sírios – favorece a "fulanização" do imigrante.

Essa forma de retratar as pessoas em situação de migração e refúgio distancia o leitor das reais histórias de vida, de origens, desejos, sonhos e experiências que esses migrantes portam consigo, passando a considerá-los "fulanos" ou "mais um" entre tantos milhões que superlotam embarcações para chegarem à terra firme. Steinberger vai mais além e enfatiza que:

> a mídia é o palco, portanto, de uma espécie de geopolítica da imagem internacional que sofre relativo grau de volatização [...]. Trata-se de um espaço onde se organizam imagens dos países do mundo segundo suas relações com os Estados Unidos e as principais potências do mundo, ou segundo sua situação com respeito aos Direitos Humanos, ou ainda dependendo de seu grau de imunidade à crise econômica internacional etc. Essa pequena geopolítica da imagem internacional faz parte de uma outra, muito maior, que estrutura as relações sociais e os comportamentos humanos do ponto de vista de como eles são representados pela mídia. É a 'geopolítica da mídia'(ou lógica social da mídia) (Steinberger, 2005, p. 212).

Figura 5: A imagem, tirada pelo fotojornalista macedônio Georgi Licovski, da Agência EPA, foi escolhida como vencedora do concurso *UNICEF Foto desJahres*(Foto do Ano), em 2015.
Fonte: https://www.annenbergphotospace.org/person/georgi-licovski/

Boris Kossoy acena para o poder da fotografia sobre a concepção de mundo, do outro, quando alega:

> a fotografia estabelece em nossa memória um arquivo visual de referência insubstituível para o conhecimento do mundo. Essas imagens, entretanto, uma vez assimiladas em nossas mentes, deixam de ser estáticas; tornam-se dinâmicas e fluidas e mesclam-se ao que somos, pensamos e fazemos. Nosso imaginário reage diante das imagens visuais de acordo com nossas concepções de vida, situação socioeconômica, ideologia, conceitos e pré-conceitos (Kossoy, 2014, p. 46).

A interpretação do discurso fotográfico (contido na foto) dependerá da abertura, como também da história, dos sentimentos e das emoções de quem vê ou interpreta. Kossoy considera, ainda, que:

> estamos diante de um constante exercício de decifração [...], necessitamos ir além quando falamos em desmontagem da representação, em busca do circunscrito, do subcutâneo à face externa da imagem. [...] O significado das imagens reside exatamente nesse seu passado, isto é, em sua história própria, nas finalidades que motivaram a sua existência, em suas condições de produção, nos fatos que marcaram sua trajetória ao longo do tempo (Kossoy, 2014, p. 53).

A saber, nem tudo sobre o indivíduo ou situação fotografada pode ser lido e traduzido naquela imagem, pois ela é um recorte no tempo e no espaço, um pedaço da história do sujeito. Esse recorte, feito por meio da foto revelada, é o que faz parte dessa história permanecer no tempo.

Para Kossoy, nenhum fotógrafo está isento da interferência pessoal na arte de fotografar:

> as possibilidades de o fotógrafo interferir na imagem – e, portanto, na configuração própria do assunto no contexto da realidade – existem desde a invenção da fotografia. Dramatizando ou valorizando esteticamente os cenários, deformando a aparência de seus retratados, alterando o realismo físico da natureza e das coisas, omitindo ou introduzindo detalhes, o fotógrafo sempre manipulou seus temas de alguma forma. [...] Entre o assunto e sua representação ocorre uma sucessão de interferências ao nível da expressão, que altera a informação primeira (Kossoy, 2016, p. 32).

Toda representação é marcada pela influência da forma de ver, ou seja, da percepção de seus autores. Com a fotografia não é diferente. Para Kossoy, "a imagem fotográfica é antes de tudo uma representação a partir do real, segundo o olhar e a ideologia de seu autor"(2016, p. 32). O ato de fotografar é, assim, perpassado pelo modo de ver do fotógrafo, de enxergar e interpretar a realidade. Para se ter o sentido, isto é, "a relação determinada do sujeito – afetado pela língua – com a história" (Orlandi, 1999, p.46), é

preciso interpretar; e a interpretação, por sua vez, requer um sujeito, e não há sujeito sem ideologia. Eni Orlandi em análise do discurso enfatiza:

> [...] não há sentido sem interpretação e, além disso, diante de qualquer objeto simbólico o homem é levado a interpretar, colocando-se diante da questão: o que isso quer dizer? Nesse movimento da interpretação, o sentido aparece-nos como evidência. [...] podemos começar por dizer que a ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer (Orlandi, 1999, p. 46).

Embora Orlandi esteja se referindo ao texto, seu conceito pode ser aplicado à fotografia. Outrossim, também o profissional da fotografia é afetado pela forma como a própria sociedade encara e vê uma determinada realidade. O trabalho realizado pelo fotógrafo, imerso em um determinado contexto, revelará, também, a visão da sociedade sobre aquele determinado assunto.

O professor e pesquisador da Universidade de Torino, Peppino Ortoleva, em sua obra *Una fonte difficile. La fotografia e la storia dell'emigrazione*, reflete:

> quando os autores da fotografia não são os mesmos sujeitos a serem fotografados – para se autorrepresentar e para exibir a própria imagem em um álbum familiar – mas, ao contrário, são os profissionais que observam o mundo da imigração de fora, as imagens resultam profundamente influenciadas pelo modo com o qual é percebida a diversidade do imigrante (Ortoleva, 1991, p. 122 -123).

Ou seja, o jornalista registra e documenta uma realidade e passa a difundi-la como verdadeira e real. Nesse sentido, Kossoy assegura:

> o documento fotográfico não pode ser compreendido independentemente do processo de construção da representação em que se originou. A materialização da imagem ocorre enquanto etapa final e produto de um complexo processo de criação técnico, estético, cultural elaborado pelo fotógrafo. Temos na imagem fotográfica um

> documento criado, construído, razão pela qual a relação documento/representação é indissociável (Kossoy, 2016, p. 33).

Diante de um fenômeno com tamanha relevância, como é o caso dos imigrantes e dos menores estrangeiros não acompanhados que chegam em massa constantemente na Itália – e têm se tornado pauta da imprensa mundial, dada a sua relevância, a partir do seu lugar de fala, próximos da chegada desses imigrados, mas distantes de seus sonhos, desejos e razões pelas quais deixaram sua terra natal –, o fotógrafo que pretende registrar o fato é um sujeito de uma outra cultura, que está em uma outra posição, observando a alteridade. Acompanham de perto a rota desses imigrantes antes, durante e depois da chegada e, talvez, até aprovem as medidas tomadas pelas autoridades em termos de rejeição do processo migratório, os quais, embora sejam seres humanos, pertencem a culturas totalmente diferentes.

Corti (2010, p. 12) enfatiza que os fotojornalistas no passado, ao fotografarem os imigrantes italianos nos Estados Unidos (EUA) "nutriam uma profunda desaprovação para com a política da Itália pós-bélica e, por isso, alimentavam um profundo pessimismo sobre a adaptação dos italianos no novo contexto" (Corti, 2010, p. 12).

Em seu artigo acadêmico *Caminhos para uma estética da fotografia cultural*, Giovana Mendes Brandão ressalta que, com a chegada do periódico ilustrado, oriundo do entrelaçamento histórico entre o jornalismo e a fotografia, tomou forma o que hoje é conhecido como jornalismo moderno (Rouillé *apud* Brandão, 2014, p. 19):

> [...] imagem e texto passaram a coexistir nas páginas jornalísticas, sendo que, hoje, ambos desempenham funções que são inerentes à sua própria natureza e, ainda assim, complementares. Essa noção é corroborada por Roland Barthes (2007), que afirma que, na fotografia de imprensa, a convergência entre texto e imagem é responsável por formar a mensagem que é transmitida ao leitor (Brandão, 2014, p. 19).

Pesquisadores que tratam de migração e meios de comunicação de massa italianos, como Maurizio Corte, Giada Frana, dentre outros, têm dado ênfase e chamado a atenção para a forma como a imprensa e, consequentemente, o fotojornalismo, têm tratado os imigrantes – vistos e representados como 'um bando', sem levar em conta a sua individualidade, seus projetos pessoais, seu ser humano, suas histórias de vida; e quando estes têm a voz na mídia é para reforçar a ideologia dominante e confirmar seus argumentos preconceituosos.

Em seu artigo, *Noi e gli altri. L'immagine dell'immigrazione e degli immigrati sui mass-media italiani*, Maurizio Corte enfatiza:

> a mídia de massa considera os imigrantes como um todo. As pessoas diferentes são tratadas como um bloco de indivíduos indistinguíveis que pressionam as fronteiras: não há impulso para conhecer as diferentes culturas, as necessidades das quais os migrantes são portadores, até a gravação de suas opiniões. Por outro lado, quando as lentes dos jornais se aproximam para observar os imigrantes individuais, muitas vezes só o fazem com o objetivo de espetacularizar as notícias. O que lhes interessa são histórias de ficção, episódios que podem abrandar o coração do leitor (quando os protagonistas são crianças) ou movê-lo (quando o imigrante está morto ou em falência, perseguindo um sonho de redenção). Os "outros", os imigrantes não são apresentados em sua particularidade, em sua singularidade, em seu valor como portadores de cultura, de diferentes identidades. Em vez disso, eles são canalizados de acordo com uma rotina da mídia em que o que apenas conta é o programa de notícias-espetáculo (Corte, 2003, p. 12-13).

O imigrante, segundo Viglongo, Grossi e Belluati (1995), de fato "é notícia, especialmente se estiver envolvido em episódios de crime ou se for objeto de ação institucional; raramente se torna protagonista da reportagem jornalística como expressão de um mundo, de uma cultura, de uma vida diferente que entra em contato com a nossa realidade" (Viglongo; Grossi; Belluati, 1995, p. 52).

A proposta deste capítulo é mostrar como as imagens de chegada dos menores estrangeiros não acompanhados têm sido utilizadas pelos jornais desde 2009 de maneira contínua – possibilitando

uma leitura fotográfica em sequência, quando, segundo dados da imprensa, a chegada de menores no país se intensificou.

Do ponto de vista da pesquisa, uma análise do fotojornalismo sobre a imigração de crianças, que se colocam sozinhas, sem a tutela de nenhum parente ou conhecido, é uma grande fonte documental sobre esse fenômeno tão novo no século XXI.

Nesse processo queremos visualizar como os jornalistas e a imprensa têm gestado e contribuído para enfatizar mensagens alarmistas e preconceituosas na comunicação midiática sobre o tema em questão.

A pesquisadora e escritora Rossella Lodigiani considera que a percepção da imigração atual é bem diversa daquela dos tempos de outrora devido ao jogo de espelhos, que são comuns entre a política e a mídia. A imprensa, segundo a autora, é capaz de antecipar a percepção de uma sociedade inteira sobre a imigração contemporânea.

> Nesta representação, a síndrome da invasão é transmitida ao leitor em imagens de massa, que cancelam de várias formas a identidade dos sujeitos fotografados. Isso é analisado com a ajuda de *layouts*,nos quais o impacto visual é conjugado à difusão verbal que despersonaliza ainda mais os migrantes, reforçando os já inquietantes conteúdos da mensagem comunicativa (Lodigiani, 1996, p. 94).

Maurizio Corte (2003) elucubra que, no contexto da imigração em massa para a Itália, o jornalismo italiano não tem tratado com a devida importância o tema, favorecendo a discriminação e a invisibilidade. Uma pesquisa feita no Centro de Estudos Interculturais da Universidade de Verona (1998 e 1999), de acordo com Corte (2003, p. 200), revelou um jornalismo parcial, que dois, três anos mais tarde manteve o mesmo discurso em relação ao imigrante.

A imprensa italiana, de fato, não mudou a forma de se relacionar com o imigrante "Outro". É verdade que, com algumas exceções, os jornais não associam mais a imigração com o crime, como aconteceu no início de 1999; no entanto, nos jornais e na TV, existem alguns estereótipos e preconceitos contra o "Outro" imigrante, especialmente quando ele é de uma religião diferente (Corte, 2003, p. 1).

Cammisotto, por sua vez, enfatiza o lugar da imprensa no contexto da imigração:

> os meios de comunicação conseguem influenciar e constituir a opinião pública, transmitindo a ela um sentido imediato e irracional de medo: como consequência, os estereótipos se espalham. Os empreendedores morais nos fornecem uma imagem de migrantes como um "problema" ou "ameaça", um rótulo construído e comunicado pela mídia (Cammisotto, 2017, p. 68).

3.1 Uma câmera na mão e uma ideia na cabeça. Para uma estética do "Isto foi encenado"

Fabricar histórias é o meio para nos conciliarmos com as surpresas e estranhezas da condição humana, para nos conciliarmos com a nossa percepção imperfeita dessa condição. Histórias tornam o inesperado menos surpreendente, menos sinistro: elas domesticam a imprevisibilidade, dando-lhe um verniz de banalidade.
Jerome Bruner

Em uma perspectiva mais antropológica, filosófica e sociológica da fotografia, que permite pensar a possibilidade da permanência e do fotojornalismo como documentação histórica da imigração, vale envolver nesse diálogo François Soulages. O pensador francês poderá ajudar a pensar sobre o que, em relação ao fenômeno da imigração, poderá permanecer na história e o que se poderá perder nesse processo de produção de uma iconografia da travessia. Ou seja, fazer uma documentação histórica da imigração de menores será contar com o trabalho do fotojornalismo, permitindo-nos colocar a questão da estética do "isto foi encenado", para aprofundarmos até que ponto o fotógrafo deu conta de captar a essência da história da imigração de menores ou a fotografia permaneceu na encenação, na representação.

François Soulages (2010), em sua obra "Fotografia: perda e permanência", parece recorrer à filosofia e fazer uma ontologia da imagem fotográfica quando trata da questão do ser do fotografado, indagando onde fica a essência e como ela se articula nesse jogo entre o fotógrafo e o objeto. Partindo desse pensamento, vale perguntar se o fotojornalismo não se encaixa na ordem do "isto foi

encenado" – tratando-se do nosso tema que é exclusivamente uma questão antropológica, por estarmos tratando de seres humanos em trânsito – e se a inapreensibilidade do objeto a ser fotografado se torna possível nesse exercício fotográfico.

Soulages (2010) ao perguntar se no retrato o objeto a ser fotografado é atingido ou se na reportagem é inapreensível (Soulages, 2010, p.65), parece estar ao mesmo tempo afirmando que a encenação é parte indissociável do fotojornalismo devido à sua incapacidade de apreensão do objeto em sua essência e, além disso, por mais uma razão, que é a representação *a priori* do ato de fotografar, parafraseando Glauber Rocha, "uma câmera na mão e uma ideia na cabeça".

Ao tratar da estética do "isto foi encenado", Soulages questiona até que ponto o eu do fotografado poder ser realmente apreendido, porque uma vez já articulada a representação, o objeto tende a ficar esquecido, aumentando a distância entre ele e o profissional em questão. Soulages questiona:

> pode-se fotografar o *eu* de uma pessoa? Para tal seria preciso que o eu existisse de maneira permanente e idêntica. O que é o eu? – pergunta Pascal. Todas as tentativas de resposta que ele apresenta – o corpo, a beleza, o julgamento etc. – fracassam: "Onde está, portanto, esse *eu*, se não está nem no corpo, nem na alma? Não será ele umas das três personagens do segundo tópico de Freud? Consequentemente, não será ele mutante e diferente? Na falta do eu, devemos "fotografar o psíquico"? Não se estará sempre diante de um corpo ou, em todo caso, diante de uma matéria? Mas esse corpo é o sintoma, o vestígio ou o índice de quê? Do eu? Mas de qual eu? Do aparelho psíquico? Seria melhor dizer que a fotografia nos põe diante do *id* do outro. Esse *id* afirma-se como deslocado em relação ao eu permanente impossível. Esse *id* é representado por si mesmo e por sua posição dialética no interior do aparelho psíquico. Cada foto nos indica que o *id* foi representado e somos representados. O livre arbítrio não é aceito em fotografia: é preciso que seja substituído pelo jogo da necessidade, a necessidade das relações de teatro que constituem a vida (Soulages, 2010, p. 74-75).

"A ideia na cabeça" de que falava Glauber me faz pensar na representação fotográfica como suprimento da falta do *eu*, pois como afirma Antonio Damasio, "a percepção visual capta e registra a imagem de forma ativa. É no cérebro de quem percepciona que se estruturam e se organizam as representações do mundo físico, sob a forma de padrões neuronais para mapear os diferentes aspectos de um objeto" (Damasio, 1999, p. 40).[1] "A ideia na cabeça" é, assim, a própria representação formulada, que dará corpo à fotografia técnica. "A ideia na cabeça" parece ser essa articulação prévia da mente do fotógrafo ou do artista com o objeto a ser fotografado. Isso parece muito pertinente quando imaginamos, por exemplo, um fotojornalista preocupado em cobrir uma travessia no Mediterrâneo. A primeira coisa que ele precisa fazer ao receber a notícia do desembarque é ativar em sua mente a ideia do que e como fotografará, ou seja, articular *a priori* a representação, a encenação.

Para Soulages,

> [...] todo mundo se engana ou pode ser enganado em fotografia – o fotografado, o fotógrafo e aquele que olha a fotografia. Este pode achar que a fotografia é a prova do real, enquanto é apenas o índice de um jogo. Diante de qualquer foto somos enganados. Isso foi encenado, porque isso ocorreu e porque isso ocorre em um lugar diferente daquele que se acredita. Como no teatro, em fotografia, o referente não está onde se pensa, nem onde se está, nem onde se acredita que esteja. Talvez a fotografia não se refira senão a ela mesma: é, aliás, a única condição de possibilidade de sua autonomia (Soulages, 2010, p. 75-76).

A ausência ou dinamicidade e a inapreensibilidade do ser, ou do objeto fotográfico, leva o fotógrafo, diante da sua impotência – na incapacidade de apreender o objeto –, a fazer da imagem nada mais que simples veículo das ideias, de representações. Kossoy enfatiza que "as diferentes ideologias, onde quer que atuem, sempre tiveram na imagem fotográfica um poderoso instrumento para a veiculação das ideias e da consequente formação e manipulação da opinião pública" (Kossoy, 2002, p. 20).

[1] Antônio Damasio é professor de neurociência, psicologia e filosofia, português-americano, da Universidade da Califórnia.

Além do mais, afirma Soulages que,

> [...] qualquer foto pode ser manipulada na revelação, como as fotos de publicidade. Enfim, ela é sempre feita por um homem que é ele próprio trabalhado e dominado inconscientemente por modelos a serem reproduzidos ou a serem evitados, por pulsões e desejos. Todo fotógrafo é, portanto, quer queira, quer não, um encenador, o Deus de um instante. Toda fotografia é teatralizante (Soulages, 2010, p. 76).

E o autor acresce ainda que o objeto a ser fotografado é passível de apreensão. A pergunta sobre o ser das coisas captadas pela câmera em seu dinamismo metafísico, sempre deixará o fotógrafo e aquele que curte a foto à mercê da sua essência.

> A fotografia dos seres humanos não deve fazer crer que ela pode fotografar o ser a fotografar: ela sempre o perde, fotografando apenas uma aparência visual que depende do ponto de vista de um sujeito e de uma aparelhagem técnica. "Nós vemos, mas, não sabemos nada", escreve Lemagny (Texto de introdução de *Cahiers dela Photographie*, n. 1,1981, p. 76).

Para Soulages, no campo da reportagem percebe-se que diante da impossibilidade de apreensão do objeto, a fotografia trabalha com encenações. Ele justifica:

> às vezes, a encenação da realidade política e social é de tal forma interiorizada por seus atores, ajudados por seus assessores de imagem e comunicação, que as fotos não são mais do que fotos das aparências da comédia social e não têm, pois, nenhum valor de verdade, de crítica ou de questionamento. A fotografia é, então, apenas uma das engrenagens do sistema geral que tem por objetivo o poder e o ter, e não algum tipo de saber (Soulages, 2010, p. 36).

O fotógrafo e pensador Boris Kossoy, em seu livro, "Os tempos da fotografia, o efêmero e o perpétuo", chama a atenção para o papel cultural da fotografia. Para ele, a fotografia sempre exerceu um papel fascinante na história da humanidade por seu poder de emocionar, de conservar a memória histórica, mas, por outro lado, tem potência suficiente para reforçar ideologias e estar a serviço de interesses próprios. Ele pondera que:

> o seu poderio de informação e desinformação, sua capacidade de emocionar e transformar, de denunciar e manipular. Instrumento ambíguo de conhecimento, ela exerce contínuo fascínio sobre os homens. Ao mesmo tempo que tem preservado as referências e lembranças do indivíduo, documentado os feitos cotidianos do homem e das sociedades em suas múltiplas ações, fixando, enfim, a memória histórica, ela também se prestou – e se presta – aos mais interesseiros e dirigidos usos ideológicos (Kossoy, 2014, p. 31).

Lucas e Ortoleva reafirmam o pensamento de Kossoy ao alegar que há divergências entre os atores dos meios de comunicação sobre a maneira de retratar por meio da fotografia ou de outras formas. Eles parecem provocar um questionamento em relação à percepção desses profissionais sobre os imigrantes ao afirmar que:

> ao interno deste quadro, dominado por uma conformidade generalizada na representação e na comunicação jornalística – que revela a enorme importância da gestão das imagens por parte das agências –, no entanto, há sinais da existência de algumas divergências de olhar tanto na percepção fotográfica dos singulares autores, quanto nas outras formas de "contar" a imigração através das imagens (Lucas; Ortoleva, 1986, p. 13-28).

O fotojornalismo, assim como a matéria escrita, tem um papel fundamental nos processos históricos. Para Kossoy (2014, p. 31-32), esse "papel é decisivo, assim como decisivas são as palavras. As imagens estão relacionadas ao universo das mentalidades e sua importância cultural e histórica reside nas intenções, usos e finalidades que permeiam sua produção e trajetória". Isso porque é na esteira dos pensamentos, dos desejos, da vontade e da imaginação que são arquitetadas e bem articuladas as ideologias, que, por sua vez, terão incidência concreta na história.

Eni Orlandi, em *Análise do discurso*, descreve o lugar que a imagem ocupa na formação discursiva:

> todos os mecanismos de funcionamento do discurso repousam no que chamamos de formações imaginárias. Assim, não são os sujeitos físicos nem os seus lugares empíricos como tal, isto é, como estão inscritos na

> sociedade, que poderiam ser sociologicamente descritos, que funcionam no discurso, mas suas imagens que resultam de projeções. São essas projeções que permitem passar das situações empíricas – os lugares dos sujeitos – para as posições dos sujeitos nos discursos (Orlandi, 1999, p. 40).

Nesse sentido, a imagem deixa seu caráter de inamovibilidade e se dinamiza no plano da flexibilidade, pois uma vez representado na imagem ou nas palavras – porque as palavras se articulam também no vestígio da imaginação, podemos dizer não há fala sem imagem – o fato ganhará movimento na mente de quem se depara com a representação. A fala só articula em consonância com esse vestígio, tal como um vislumbre, um laivo da imagem que se movimenta primeiro na mente, antes do balbuciar das palavras.

> O imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem. Ele é eficaz. Ele não "brota do nada": assenta-se no modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas, em uma sociedade como a nossa, por relações de poder. Por isso, a análise do discurso é importante, pois com ela podemos atravessar esse imaginário que condiciona os sujeitos em suas discursividades e, explicitando o modo como os sentidos estão sendo produzidos, compreender melhor o que está sendo dito. Os sentidos não estão nas palavras elas mesmas. Estão aquém e para além delas (Orlandi, 1999, p. 42).

Esse detalhe é fundamental, pois a imagem fotográfica tem o poder de estimular a imaginação na mente do indivíduo, levando-o a elaborar, no recôndito do seu intelecto, uma infinidade de outras imagens, as quais terão uma função metodológica na *práxis* cotidiana, interferindo assim na construção da história, seja a que está por trás daquela foto técnica, seja a sociocultural do contexto em que ele está inserido.

Se nos deslocamos com a nossa imaginação, por exemplo, para o porto de Augusta ou Lampedusa, na Sicília, a nossa forma de lidar – seja em pensamento ou conceituações – com o fenômeno do desembarque de menores, estará intrinsecamente ligada às experiências imagéticas que já fizemos, quando pela primeira vez tomamos conhecimento do fato por meio dos jornais. Isso significa, como afirma Kossoy (2016, p. 46) que, "não obstante todo

conhecimento e experiência que temos acumulado ao longo de nossas vidas – que injetamos quando de nossa leitura das imagens – necessitamos recorrer à imaginação".

Ao mesmo tempo, ao nos depararmos com a realidade, teremos uma gama de possibilidades de ilustrações mentais, imagéticas, que serão geradas em nosso intelecto devido ao potencial emocional e sensível do qual somos dotados como seres humanos. A realidade nua e crua da chegada de crianças indefesas, cansadas, machucadas – física e psicologicamente – pelas viagens no deserto, passagem pela escravidão na Líbia, atrocidades dos atravessadores, sarnas acometidas pelo caminho e pela dor vista nos olhos e nos corpos das meninas que engravidaram depois de passarem por violências sexuais no trajeto; essa realidade que nos olha (Didi- Huberman, 2013), nos choca, nos afeta e, dificilmente, não cairá uma lágrima dos olhos de quem se permitiu afetar por ela. Sobre esse modo singular de ver, Didi-Huberman explica:

> o ato de ver não é o ato de uma máquina de perceber o real enquanto composto de evidências tautológicas. O ato de dar a ver não é o ato de dar evidências visíveis a pares de olhos que se apoderam unilateralmente do "dom visual" para se satisfazer unilateralmente com ele. Ver é sempre uma operação de sujeito, portanto, uma operação fendida, inquieta, agitada, aberta (Didi- Huberman, 2013, p. 77).

Nesse contexto, salta-me à mente o senhor Giuseppe Latina, membro da proteção civil, que atua há mais ou menos 20 anos no Porto de Augusta, Siracusa, na Sicília. Ele me narrou o seguinte[2]:

> logo após o desembarque, esses imigrantes permanecem conosco aqui no porto por sete dias. Nós os alimentamos, cuidamos das suas feridas, fazemos amizade com eles. Todos os dias, na hora do café, eu passava por uma senhora que ficava sempre ali no cantinho da parede – apontou para uma das barracas, na qual os imigrantes dormem – e lhe dava gentilmente o café, e ela se abria, olhava nos meus olhos e sorria para mim. Um dia resolvi perguntar-lhe o que ela via em mim que sempre estava sorridente comigo. Ao que ela me respondeu: "Quando olho para você me lembro do meu pai e tenho saudades dele, você se parece com meu

[2] Entrevista realizada em fevereiro de 2017.

> pai". Ele continuou, já com os olhos lacrimejados. "Naquela hora, não me contive, chorei, mas fiquei feliz por dar essa alegria a ela".

Experiências como a do senhor Giuseppe podem ser relacionadas ao pensamento de Kossoy.

> [...] Somos seres carregados de emoção. E, felizmente, nossas emoções não são programadas, nossas reações emocionais podem ser, em função dos estímulos externos, imprevisíveis. Ainda bem que é assim, caso contrário seríamos robôs, replicantes (Kossoy, 2016, p. 46).

É possível, a partir dessa ideia, compreender as diferentes reações diante dos fatos, pois, "o conteúdo das imagens visuais provoca em cada um de nós impactos diferentes; em função disso, também, é impossível haver 'interpretações-padrão' sobre o que se vê registrado nas imagens" (Kossoy, 2016, p. 46).

São as fantasias e as ambições, os desejos, as nossas ideologias que darão a moldura para essa realidade representada na fotografia.

> A imagem fotográfica é o relê que aciona a imaginação para dentro de um mundo representado (tangível ou intangível), fixo na sua condição de registro documental do mundo visível, do aparente, porém moldável de acordo com nossas imagens mentais, nossas fantasias e ambições, nossas ficções. A imagem fotográfica ultrapassa, na mente do receptor, o fato que representa (Kossoy, 2016, p. 47).

Por ser "para além do que representa" é que ela tem o poder de permanecer na história e nela se perpetuar.

VER

Ver é um dom, uma arte
A realidade me olha
Me convida a fazer parte
Posso corresponder a ela
Aberto ou fechado
Se me fecho, não vejo
Se me abro, lacrimejo
Porque ver é uma decisão pessoal

Façanha fendida e agitada
Inquieta, aberta e humanizada

(Rosa M. Martins, 30.01.25)

EM CENA
Eu enceno
Tu encenas
Ele encena
Nós encenamos
Vós encenais
Eles encenam
Somos todos encenados no palco da vida

(Rosa M. Martins, 21.12.2024)

... UMA IDEIA NA CABEÇA
Com uma câmera na mão
Uma ideia na cabeça
Preparei-me, encenei, mirei
E o ser esvaiu-se
Perdi-me
Perdi a alteridade
Minha foto, pura aparência
Da comédia social
Minha foto: engrenagem do sistema
Queria poder, queria ter...
Ser o deus de um instante, entende?

(Rosa M. Martins, dez. 2024)

ONDE ESTOU NA FOTO?
Sou eu nesta fotografia
Mas me procuro e nela não me encontro
Onde estou eu nesta foto?
Eu, em essência.

Não estou.
Passei pela câmera, driblando-a.

(Rosa M. Martins, 05.11.24)

4

Por uma iconografia da travessia e da chegada

A ideologia determina a estética da representação:
os mecanismos de produção e de percepção da imagem
são governados por esse princípio
Kossoy

Se paramos para analisar as notícias sobre a imigração nos últimos dez anos, iremos nos deparar com uma gama de imagens que nos impulsionam a pensar em uma iconografia da imigração. Nesse contexto, estamos traçando uma iconografia da travessia de menores não acompanhados em vista de uma documentação histórica desse fenômeno sem precedentes nos anais da humanidade e na história própria da Itália, recorte desta pesquisa.

Estamos usando como termo base 'iconografia',por ser, a meu ver, uma expressão mais simpática, porém o estudo vai para além da iconografia propriamente dita. A metodologia iconológica se torna fundamental, uma vez que pretendemos ir além da fotografia em si e daquilo que ela nos mostra, para assim tentarmos interpretar e desvelar o que nela se esconde – tratando da travessia e da chegada de menores ao destino desejado por eles e divulgado pelo fotojornalismo.

A ideia é considerar os cuidados propostos pelo historiador inglês, Peter Burke, partindo do método do grupo de Hamburgo.[1]

[1] O grupo mais famoso de iconografistas de que se tem registro seria encontrado na Escola de Warburg, emHamburgo, anos antes da ascensão de Hitler ao poder na

Embora o próprio pensador descreva as críticas à iconografia por parte de alguns estudiosos, nossa intenção é aproveitar o que há de mais valioso nesse método a partir dos três níveis citados por Burke (1937):

> a descrição pré-iconográfica, voltada para o "significado natural", consistindo na identificação de objetos (árvores, prédios, animais, pessoas), o segundo nível, para o significado convencional (reconhecer a Ceia como a última Ceia etc.). O terceiro e principal nível era da interpretação iconológica, pelo fato de se voltar para o significado intrínseco ou, em outras palavras, "os princípios subjacentes que revelam a atitude básica de uma nação, classe, crença religiosa etc.)". É nesse nível que as imagens oferecem evidência útil, de fato indispensável, para os historiadores culturais (Burke, 1937, p. 45). Friedrich Ast, estudioso clássico faz correspondência com os níveis de Panofsky, denominando nível literal ou gramatical, nível histórico e nível cultural (Burke, 1937, p. 44).

Ao se voltar para as notícias, nota-se que a primeira imagem que está posta em todos os arquivos jornalísticos *online* e impressos, as mais reconhecíveis, são referentes à travessia: o resgate, a chegada ao porto, a acolhida, os primeiros socorros, a vida no porto, a partida. Em alguns casos, são retratadas a dor, as lágrimas da chegada sem os parentes que viajavam juntos, mas ficaram para trás – porque morreram no caminho ou se tornaram escravos –, a alegria da chegada, as mãos em oração, a morte. Sobretudo o mar, o navio e o porto, amontoados de gente pedindo socorro, caixões em guincho, parecem ser os principais elementos simbólicos retratados nas fotos jornalísticas sobre o tema.

Podemos dizer que essas imagens postadas aos milhares, e estampadas nas matérias de jornais e também em vídeos, geraram um memorável ícone da imigração transmediterrânea,

---

Alemanha. Essa escola, fundada por Aby Warburg em torno da biblioteca criada por ele, foi posteriormente transferida para Londres em decorrência da ascensão nazista (Català Domènech, 2011, p. 79). A principal ideia defendida por esses estudiosos é que as obras de arte,mais do que a imagem representada na tela (explícito ou visível – iconografia), pode esconder uma série de mensagens de cunho religioso ou moral por meio de simbolismos disfarçados nas cenas do cotidiano (implícito ou invisível–iconologia) (Hoffmann,2011).

especificamente de povos africanos, sírios e afegãos. Certamente, no futuro, o mar, a travessia, o navio, a vida e a morte, a região da Sicília, a cidade de Lampedusa e o porto de Augusta-Siracusa, por sua vez, constituirão os lugares-símbolos da imigração internacional para a Europa. Diga-se de passagem, em Lampedusa foi construída uma grande porta aberta à beira-mar como símbolo de acolhida aos imigrados, denominada *Porta de Lampedusa, Porta da Europa* – um monumento em memória dos imigrantes mortos durante a travessia marítima[2].

Figura 6: Porta de Lampedusa: o monumento no ponto exato da chegada dos imigrantes na ilha mediterrânea dedicada à memória das pessoas que perderam a vida no mar.
Foto: Rosa M. Martins, set. 2018.

Ao tratar de uma iconografia da imigração, pode-se perguntar que lugar ocupam, no fotojornalismo italiano, os menores estrangeiros não acompanhados. A pergunta nos obriga a uma

[2]"Amani e Arnoldo Mosca Mondadori sono stati i promotori di un'opera dedicata alla memoria dei migranti che hanno perso lavita in mare: 'Portadi Lampedusa – Porta d'Europa'di Mimmo Paladino. Un monumento di quasi cinque metri di altezza editre metri di larghezza, realizzato in ceramica refrattaria e ferro zincato, inaugurato il 28 giugno 2008. La porta si ispira alla drammatica vicenda delle migliaia di migranti che,affrontando incredibili avversità, tentano – troppo spesso invano – di raggiungere l'Europa alla disperata ricerca diun destino migliore. Il monumento consegna alla memoria delle generazioni future la strage disumana, e spesso senza testimoni, dimi granti de cedutiedispersi in mare. Un simbolo che a iutianon dimenticare e che inviti, ognuno secondo le proprie credenze religiose o laiche, alla riflessione e alla meditazione su quanto tragicamente sta avvenendo ancora ogni giorno sotto agli occhidi tutti.Cf. <https://www.lampedusapelagie.it/lampedusa-cosa-vedere/porta-deuropa/>.

outra mais ousada: que lugar a criança e o adolescente ocupam na sociedade? Nesse caso, teríamos que buscar nos primórdios os conceitos da criança, dos seus direitos e deveres, o que não vem ao caso aqui. Porém, fato é que na iconografia da imigração as crianças parecem ser retratadas como são cotidianamente na maioria dos contextos socioculturais: sem voz, sem vez, sem possibilidade de expressão. São pequenos seres humanos que precisam ser ajudados e protegidos.

E a bem da verdade, os menores não podem ser expostos à imprensa. Por isso, quando tratamos de uma iconografia da travessia e da chegada, queremos tentar dar visibilidade a esses meninos que estão invisíveis no meio da multidão de imigrantes, retratados pelos fotógrafos e publicados pela imprensa. Essa invisibilidade em uma possível iconografia da travessia também passa a ser um elemento primordial para nosso estudo. De que maneira essas crianças serão mostradas futuramente em suas travessias? Onde estavam? Estavam alegres? Tristes? De que maneira chegaram e em quais condições? O que a imprensa fez delas?

Por outro lado, neste trabalho, os menores são os protagonistas de uma verdadeira interpretação iconográfica por serem ao mesmo tempo intérpretes, sujeitos e protagonistas das histórias trazidas pelas imagens. Por que suas vozes e interpretações são tão importantes aqui? Por sua familiarização com os códigos culturais presentes nas imagens, a saber: língua, modo de ser, convicções, sonhos, roupas, características físicas etc. Nossa afirmação se apoia em Burke ao enfatizar a importância do conhecimento dos códigos culturais[3].

> Panofsky insistia na ideia de que imagens são partes de toda uma cultura e não podem ser compreendidas sem um conhecimento daquela cultura, de tal forma que, citando seu próprio e expressivo exemplo, um nativo australiano "não poderia reconhecer o tema da Última Ceia; para ele

[3] Código de cultura é uma chave para a compreensão do tipo de cultura, traços culturais únicos codificados em algum tipo de informação para identificar a cultura. Código cultural define um conjunto de imagens que está associado a um determinado conjunto de estereótipos em nossas mentes. Essa é uma espécie de inconsciente cultural, que está escondido até mesmo de nossa própria compreensão, mas também é visto em nossas ações. O Código cultural de uma nação ajuda a entender as respostas comportamentais.

> essa cena evocaria apenas a ideia de um simples jantar [...]." Para interpretar as imagens é necessário familiarizar-se com os códigos culturais (Burke, 1937, p. 45).

O mais adequado a entrar no espírito da imagem é o próprio personagem ou quem se aproxima dele por ter vivido a experiência do que a foto representa. Uma leitura mais próxima da realidade desses meninos só poderá ser feita buscando compreender sua cultura, o contexto que leva tantas pessoas a migrarem. Assim a iconografia alcançaria seu fim: fazer conhecer, aproximar.

A iconografia da travessia parece ter esse papel fundamental de documentação de um acontecimento no tempo, que favorecerá, em um futuro, o estudo da história por meio desses registros fotográficos. Nesse sentido, Kossoy chama a atenção para a importância da iconografia como um patrimônio foto documental, fundamental para o conhecimento histórico. Ele afirma:

> A iconografia fotográfica de um país diz respeito a partes ou ao todo do patrimônio fotográfico documental sob custódia pública ou privada; uma documentação que abrange um largo espectro temático, produzida em lugares e períodos determinados. As fontes que as compõem são meios de conhecimento: registros visuais que gravam micro aspectos dos cenários, personagens e fatos; trazem indícios sobre o lugar e a época em que foram produzidos, daí sua força documental e expressiva, prestando-se como instrumentos de identificação, análises e reflexão. São fontes primordiais, pois, para a reconstituição histórica, assim como para a fixação da memória visual do indivíduo e da comunidade (Kossoy, 2014, p. 34-35).

Em consonância com o pensamento de Kossoy, vale lembrar que este não é um estudo da fotografia por ela mesma e sua permanência na história, que também parece ser importante como objeto de investigação. Neste caso, a pesquisa tem uma perspectiva mais antropológica, sociológica e jornalística, uma vez que trata do fenômeno da imigração de menores estrangeiros não acompanhados e suas consequências – como a invisibilidade, o preconceito, os problemas sociais gerados, os conflitos –, nascidos a partir da mescla de culturas, as questões políticas levantadas e as tomadas de decisões dos governos. Kossoy reforça essa ideia, ao dizer:

> no caso em que a imagem fotográfica seja empregada como meio de informação/identificação/conhecimento, o objeto já não é mais a imagem em si, e sim o estudo e/ou a investigação sobre determinado tema através da fotografia, segundo uma perspectiva sociológica, antropológica, jornalística, publicitária etc., como, por exemplo: tensões sociais nos grandes centros urbanos, imigração e preconceito, os trajes de uma certa comunidade nativa, ou uma campanha de um novo perfume, ou a arquitetura no princípio do terceiro milênio etc. A imagem fotográfica, aqui, é um instrumento auxiliar na investigação que se presta a análise e interpretações, e que ganha significado quando utilizada no trabalho científico, juntamente com outras fontes (manuscritos, periódicos, livros, estatísticas oficiais, mapas, testemunhos orais etc.) (Kossoy, 2014, p. 36-37).

A fotografia e o fotojornalismo são instrumentos que ajudam a compreender e a investigar as tramas e os dramas advindos da travessia, a tentativa de se inserir na cultura, em relação contínua e conflituosa com a cultura de destino, que está na constante força-tarefa de acolhida, de tentativa de resolver os problemas e de aprender a lidar com o fenômeno.

Pretendemos, outrossim, analisar, a partir das obras de Boris Kossoy "Os tempos da fotografia"; "Fotografia e História" e "Realidades e Ficções na trama fotográfica", as imagens usadas no fotojornalismo italiano por meio do jornal *Corriere della Sera* e da agência de notícias *ANSA*, tecendo uma interpretação crítica entre a notícia fotografada e a realidade do fenômeno da imigração de menores não acompanhados no país, a fim de visualizar e compreender o lugar que a fotografia vem ocupando nas narrativas jornalísticas sobre o imigrante e o refugiado. O que restará como realidade? O que não passará de ficção? O que a foto ajudará a permanecer na história e o que será perdido?

4.1 A fotografia no contexto da travessia

A vida é um caminho de sombras e luzes.
O importante é que se saiba vitalizar as sombras e aproveitar a luz.
Henri Bergson

Vivemos tempos em que as imagens são fundamentais na sistematização do conhecimento humano, na compreensão das manifestações subjetivas das sociedades. Pelo seu caráter pedagógico, elas adquirem forma interdisciplinar oferecendo ao estudo das comunicações, à sociologia, à geografia, à história e a tantas outras disciplinas afins, a possibilidade de buscar entender a realidade mediada pelo comportamento humano e pela interação dessas imagens, por serem portadoras de territórios variáveis de sentido, seja pelos elementos técnicos que lhe deram forma (tinta, cores, impressão, papel, câmera, fotógrafo), seja pelo arcabouço histórico, psicológico, social e étnico que elas portam consigo.

Em outros termos, cada vez mais as imagens interferem nas conceituações de realidade e tudo o que a envolve, como as noções de tempo e espaço, convivência, território, lugar etc. Isso acontece porque elas emergem da realidade, e nela interferem, e a ela retornam carregadas de novos sentidos, construindo e reconstruindo os lugares coletivos a partir das ações sociais e discursivas.

É interessante pensar a imagem como um artefato do sujeito social que capta uma fração do contexto e essa, por sua vez exteriorizada, mostra-se à realidade. Para parafrasear George Didi-Hubermann (2010), acontece um ver e um olhar que resultam em uma interpretação que altera a narrativa sobre o real do qual ela emergiu. Isso quer dizer que a imagem tem um poder de influência sobre o real, dando-lhe novos significados. Boris Kossoy aponta para a foto como "duplo testemunho: por aquilo que ela nos mostra da cena passada, irreversível, ali congelada fragmentariamente, e por aquilo que nos informa acerca de seu autor" (Kossoy, 2001, p. 50). Outrossim, ela é informação e revelação de algo ainda não manifesto ou percebido no cotidiano pelo olhar.

Por isso nos interessa ousar uma reflexão bastante esmiuçada das fotografias jornalísticas divulgadas sobre menores estrangeiros, na expectativa de captar a estreita relação entre esses sujeitos, suas histórias e a ação das imagens, ou, por outro lado, como se inter-relacionam, de que sentido são portadoras e até que ponto essa correspondência pode interferir nas identidades e suas vivências. Por essa senda, pretendemos perguntar sobre o lugar da imagem na construção de sentidos no campo dos deslocamentos humanos,

nos quais estão inseridos, e se tornam protagonistas, crianças e adolescentes desde os 0 aos 17 anos. Refletimos, a partir da história de vida e das fotografias desses meninos, como a foto intervém na nossa forma de interagir com o real.

Destarte, trazemos um caso verídico de um assassinato envolvendo um imigrante, divulgado pelos jornais italianos, que nos ajudarão a adentrar na reflexão sobre o lugar da imagem fotojornalística e suas interferências na vida concreta de um ou mais grupos sociais; e como esse mesmo fotojornalismo faz aflorar, pelo seu poder simbólico, o conjunto de questões sobre o território, territorialidades, *práxis* discursiva e social, cultura e identidades, bem como o lugar do homem como destinado a conviver, o que discorreremos mais adiante.

Era dezembro de 2006, dia em que os jornais italianos se alvoroçaram com a notícia sobre o que foi denominado *Massacre diErba*, ocorrido na província de Como:

> massacre em família – homem mata e queima três mulheres e uma criança. Procura-se o companheiro, um tunisino ex-presidiário (*Repubblica*, 12 de dezembro de 2006). "Massacre em família. Estava fora da cadeia por indulto. As vítimas são a companheira, o filho de três anos, a mãe e uma vizinha" (*Corriere della Sera*, 12 de dezembro de 2006). "Massacre em Como. Procura-se um tunisino libertado por indulto. Assassinou três mulheres e uma criança (*Libero*, 12 de dezembro de 2006) (Campaniello, 2013).

A notícia em primeira mão foi publicada, segundo a associação *Carta di Roma*, pela *ANSA*, às 23h03 do dia 12 de dezembro de 2006, apenas três horas após a descoberta do massacre.

> *Em Brianza: homem mata companheira, filho, duas mulheres e queima a casa*.
>
> Erba (Como), 11 de dezembro – Um massacre na família: os investigadores não parecem ter mais dúvidas sobre o que aconteceu em um apartamento na via Diaz, em Erba, uma cidade no Norte de Brianza, entre os dois ramos do Lago Como. A hipótese é que uma vítima marroquina, coabitante de uma mulher italiana, Raffaella Castagna, tenha matado a facadas a mulher, o filho, a mãe da companheira e uma vizinha, além de ter machucado um homem, que

> parece ser o marido da vizinha. Ele teria colocado fogo no apartamento antes de fugir. O homem, libertado por indulto, desapareceu. O que se sabe por enquanto sobre ele é o sobrenome, Marzouk. Em suma, parece não haver dúvida sobre a culpa do parceiro de Raffaella Castagna, que tem ao menos dois requisitos a serem referidos como o assassino: ele é um estrangeiro marroquino (na realidade Marzouk é tunisino) e é uma vítima. Além disso, não é rastreável, por isso é usado de uma forma superficial e lapidar a expressão, falsa, "desapareceu".

Diante das notícias publicadas, o pai de Rafaella, o sr. Carlo Castagna não hesitou em dizer: "Sei que é tunisino e não deveria ter feito mal a Rafaella e ao menino. Merece cadeira elétrica. É uma vergonha que essa gente possa viver no meio de nós" (Campaniello, 2013).

Fato é que, após investigações, a polícia descobriu que os assassinos da família de Rafaella eram os vizinhos Rosa Bazzi e Olindo Romano, um casal para o qual, segundo a imprensa, a presença de Rafaella, Marzouk e o bebê causava incômodo, pois Rosa sonhara ser mãe e jamais o pôde.

Na ocasião, um cidadão italiano, articulista e cientista de dados de Milão, Mario Alemi, escreveu um artigo, intitulado *Il massacro di Erba e il massacro dell'informazione italiana*[4], no qual critica veementemente os jornais. O *Corriere della Sera* foi por ele denominado um jornal de direita, cuja notícia sobre os imigrantes, no caso específico de Erba, parecia ter caráter altamente insultuoso. Alemi chama a atenção para o tom pejorativo com que o jornal trata da nacionalidade do então acusado de assassinato, o jovem da Tunísia, Azouz Marzouk. Relata em seu artigo que as agências *ANSA* (*Agenzia Nazionale Stampa Associata*) e *AGI* (*Agenzia di Giornalismo Italiano*) fizeram publicações sem nenhum escrúpulo, divulgando informações que eram em *off* da família de Rafaela, devidamente proibidas de serem anunciadas, cuja publicação foi copiada e divulgada a par e passo pela *AGI*: "Azous, um violento sem regras". O articulista acrescenta:

[4] Trad.: [O massacre de Erba e o massacre da informação italiana].

> os jornais não são melhores. *La Repubblica*, o jornal liberal italiano, intitula: "Mata e queima três mulheres e o filho, o assassino estava livre por indulto". O *Corriere della Sera*, o jornal conservador, aponta para Marzouk e dispara: "Caça ao marroquino". O termo marroquino é frequentemente usado de maneira depreciativa para indicar uma pessoa que vem da região que compreende o território de Marrocos até Irã (cerca de 300 milhões de pessoas). Um tunisino não é marroquino, e nenhuma agência havia falado de cidadãos marroquinos – os marroquinos, nesse caso, equivalem a crioulos no Sul dos Estados Unidos (Alemi, 2007).

Alemi, enfatiza, ainda que:

> o clima contra "o estrangeiro" na Itália é tão pesado que, duas semanas depois, sem nenhum motivo aparente, um campo nômade na cidade de Opera[5] teria sido incendiado por cidadãos normais, que fizeram uma marcha normal de protesto, aos olhos da polícia, com tochas e gasolina, para queimar os vários moradores, incluindo 35 crianças (Alemi, 2007).

Posto isso, vale ressaltar que uma das grandes características da sociedade global hodierna é o deslocamento. O indivíduo não está mais submetido a um único e determinado lugar, com uma repetitividade de convivência quase sempre com as mesmas pessoas, os mesmos espaços, cujo processo era construído sem perspectivas de mudanças radicais. Na verdade, estabilizava-se em uma zona de conforto onde os valores, a forma de vida não eram questionados.

Nos dias atuais, o mundo tende a uma locomobilidade que me parece sem precedentes, quase como uma norma de vida. Milton Santos garante que o conceito de desterritorialização é sinônimo dessa mudança contínua, desse processo de migração e pode ser entendido como "estranhamento, que é, também, desculturização" (Santos, M., 2006, p. 222).

A expressão "é uma vergonha que essa gente possa viver no meio de nós", faz recordar o pesquisador e geógrafo

[5] Macerata Opera é um município da região de Marche, província de Macerata, com cerca de 41.020 habitantes. Estende-se por uma área de 92 km², tendo uma densidade populacional de 446 hab./km². Faz fronteira com Appignano, Corridonia, Montecassiano, Montelupone, Pollenza,Tolentino e Treia.

Marcelo Souza, que argumenta sobre as incompatibilidades que são próprias de uma sociedade em constante metamorfose e a complexidade das relações entre "nós" e os "outros", os de casa e os de fora, as delimitações de territórios e as diferentes identidades que se mesclam. Ele interpreta que nesse sentido:

> um território atua dinamicamente como uma rede de relações sociais que, a par da sua complexidade interna, define, ao mesmo tempo, um limite, uma alteridade: há uma diferença entre nós, o grupo, os membros da coletividade ou "comunidade", e os "outros": os de fora, os estranhos. [...] A formação de um território dá às pessoas que nele habitam a consciência de sua participação, provocando o sentido da territorialidade [...] (Souza, 2001, p. 86).

A saída do interior para a cidade ou do país de origem para outro longínquo e além-mar é, outrossim, por mais penoso e desconfortável que seja, consentir, por um lado, a cisão entre o eu e uma identidade histórica e cultural construída em um determinado espaço de tempo e lugar e, por outro lado, o encontro com uma realidade nova, em um novo espaço e lugar diferenciados, onde também se encontram grupos com seus arcabouços culturais, identitários e históricos. Milton Santos testifica que "quando o homem se defronta com um espaço que não ajudou a criar, cuja história desconhece, cuja memória lhe é estranha, esse lugar é a sede de uma vigorosa alienação" (2006, p. 222).

O sujeito, na dinâmica da mudança, deixa para trás o território físico; porém, o conjunto de elementos simbólicos que deram significado àquele espaço, que agora é "passado", torna-se um território itinerante, que é transferido para um outro espaço onde outras territorialidades simbólicas se encontram e que, no encontro, será constituído de novos desafios, de conflitos e de uma possível transformação de identidades. Enfim, toda essa gama de mudanças cria novas territorialidades.

> O novo meio ambiente opera como uma espécie de detonador. Sua relação com o novo morador se manifesta dialeticamente como territorialidade nova e cultura nova, que interferem reciprocamente, mudando-se paralelamente territorialidade e cultura; e mudando o homem. Quando essa síntese é percebida, o processo de alienação vai cedendo ao

> processo de integração e de entendimento, e o indivíduo recupera a parte do seu ser que parecia perdida (Santos, M., 2006, p. 223).

Talvez seja nessa direção que Milton Santos defende a ideia que, nesse novo habitat, o imigrante não pode se refugiar no passado, recordando em tempo integral o que ficou para trás, no sentido de tolher a capacidade de se adaptar ao presente, de se abrir à criatividade, de se deixar moldar pelo novo que se mescla com tudo o que carrega consigo (lembranças, jeito de ser, valores etc.). Pode-se dizer que é nesse sentido que ele afirma que:

> para os migrantes a memória é inútil. Trazem consigo todo um cabedal de lembranças e experiências criado em função de outro meio, e que de pouco lhes serve para a luta cotidiana. Precisam criar uma terceira via de entendimento da cidade. Suas experiências vividas ficaram para tráse a nova residência obriga a novas experiências. Trata-se de um embate entre o tempo da ação e o tempo da memória. Obrigados a esquecer, seu discurso é menos contaminado pelo passado e pela rotina. Cabe-lhes o privilégio de não utilizar de maneira pragmática e passiva o prático-inerte (vindo de outros lugares) de que são portadores (Santos, M., 2006, p. 222).

Diferentemente, Pollak (1992, p. 204) realça que "a memória é um fator extremamente importante no sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo na reconstrução de si". Porque é a memória que dá vida à identidade. A convicção do eu – da própria cultura, da formação, dos valores, da sua constituição como humano: tez, cabelo, jeito de ser, crença – ajuda o imigrante a firmar a própria identidade, ser si próprio no confronto com a alteridade.

Mas, por outro lado, M. Santos parece seguro de que a memória é um elemento extremamente importante para a construção do presente:

> o homem de fora é portador de uma memória, espécie de consciência congelada, provinda com ele de um outro lugar. O lugar novo o obriga a um novo aprendizado e a uma nova formulação. A memória olha para o passado. A nova consciência olha para o futuro. O espaço é um dado

> fundamental nessa descoberta. Ele é o teatro dessa nova ação por ser, ao mesmo tempo, futuro imediato e passado imediato, um presente ao mesmo tempo concluído e inconcluso, em um processo sempre renovado (2006, p. 222).

O *Massacre di Erba* nos insere no contexto sociocultural de duas grandes realidades a considerar: um povo africano em situação constante de migração em busca de melhores condições de vida e o país de acolhida, que se encontra em meio às dificuldades advindas desse fenômeno, não obstante aquelas próprias. Esse fato ajudará na reflexão sobre o papel do fotojornalismo em um espaço no qual os processos de desterritorialização, territorialização, e copresença são questões atuais e desafiam as grandes metrópoles e os próprios meios de comunicação, formadores de opinião por excelência.

Erba tem a ver, também, com o lugar que a informação/desinformação ocupa no cotidiano das pessoas, mas, para além da notícia, o fato traz à tona a dialética da cultura, do espaço, do território, da reterritorialização e dos laços que marcam uma aproximação não muito desejada entre diferentes que, nesse fato, culmina em uma tragédia. Para essa discussão, partiremos do conceito de território do antropólogo Paul Elliot Little a partir da cosmografia:

> [...] definido como os saberes ambientais, ideologias e identidades – coletivamente criados e historicamente situados –, que um grupo social utiliza para estabelecer e manter seu território. A cosmografia de um grupo inclui seu regime de propriedade, os vínculos afetivos que mantém com seu território específico, a história da sua ocupação guardada na memória coletiva, o uso social que dá ao território e as formas de defesa dele (Little, 2003, p. 254).

Em seu artigo 'O território em Rogério Haesbaert: concepções e conotações', o pesquisador Lucas Labigalini Fuini, considera que:

> o território é, ao mesmo tempo, um instrumento do poder político e um espaço de identidade cultural, territórios e territorialidades cada vez mais valorizados para entender as formas de apropriação espaciais, materiais e simbólicas, as territorialidades contestadas pelo ímpeto homogeneizante da globalização (2017, p. 21).

É nessa esteira do território, na qual se mesclam elementos culturais que delineiam a identidade de grupos diversificados, que Milton Santos nos propõe direcionar o nosso olhar para as relações interculturais, da proximidade como copresença que, para as áreas humanas, tem um caráter interdisciplinar e vai além dos interesses comerciais, embora "a proximidade seja um dos fatores fundamentais para a estruturação do comércio internacional" (Santos, M., 2006, p. 215). Para os especialistas em geografia, por exemplo, ela tem a ver com "a contiguidade física entre as pessoas em uma mesma extensão, em um mesmo conjunto de pontos contínuos, vivendo com a intensidade de suas inter-relações" (Santos, M., 2006, p. 215).

Em outras palavras, a proximidade como impulsionadora de laços culturais, de atos de solidariedade, de acolhida, de integração vai para além das questões meramente econômicas. É essa aproximação, ou o lugar que esta ocupa na interação notícia *versus* realidade, que nos interessa no contexto desta pesquisa. Ao tratar do tema da proximidade, Milton Santos (2006) alega que a socialização se dá no ritmo da intensidade de aproximação entre as pessoas. Nesse caso, então, diria que ela pode nem acontecer, situação muito comum entre os grupos de imigrantes que, para se protegerem, muitas vezes se isolam em seus bandos, territorializando-se no sentido de demarcar os espaços de relacionamento para a preservação da cultura ou para não ter que se desterritorializar.

Partindo desses conceitos de Santos e Haesbaert, ponho-me a pensar que o exercício da acolhida e da integração do diferente que chega é também uma forma de desterritorialização, no sentido que o indivíduo se desloca da zona de conforto, do ponto de vista das mentalidades, da forma de estar naquele espaço, o que requer um reajeitar-se. São rearranjos, talvez, com características muito peculiares do mundo contemporâneo, que requer do ser humano, criatividade para conviver com a alteridade. Nessa direção, Gaston Berger, argumenta que:

> no mundo, atualmente, entram em ação massas humanas que há pouco eram relativamente estacionárias. Trata-se de um fenômeno de importância considerável, pois o

> padre Teilhard tomou consciência dessa pressão humana que aumenta cada vez mais e mostrou, de forma muito convincente, que tal pressão, ao criar estruturas novas, força a criação de organizações que, segundo nossa habilidade ou generosidade, serão ou exclusivamente medidas coercitivas ou, ao contrário, pontos de apoio para um desenvolvimento mais amplo de nossas liberdades. Mas, como quer que seja, já não temos escolha. Podemos, sim, escolher entre escravidão e liberdade, mas não evitar a pressão: ela é um fato, ela existe, ela se dilata, ela cresce sem parar. Queiramos ou não, estamos cada vez mais uns com os outros – e a pressão humana não para de aumentar (Berger, 1964, p. 249-250).

Santos explica essa pressão humana relacionando-a à física, em que a compressão de um gás depende de um mínimo de moléculas comprimidas e cresce com o aumento da temperatura, ou seja, com a agitação das partículas, as massas estacionárias precisam se locomover naquele espaço. Nesse viés, Santos assegura que o espaço inclui, pois, essa "conexão materialística de um homem com o outro" (Santos, M., 2006, p. 219) e ela, segundo Marx e Engels, em *Ideologia Alemã* (1947, p. 18-19), "está sempre tomando novas formas".

À vista disso, o lugar, entendido aqui como o espaço habitado pela diversidade, torna-se um apelo a coexistir, a codividir, a conviver, pois o lugar é a referência da ação do homem e da sua existência.

> No lugar, nosso próximo, se superpõem, dialeticamente, o eixo das sucessões, que transmite os tempos externos das escalas superiores, e o eixo dos tempos internos, que é o eixo das coexistências, no qual tudo se funde, enlaçando, definitivamente, as noções e as realidades de espaço e de tempo. No lugar – um cotidiano compartido entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições –, cooperação e conflito são a base da vida em comum. Porque cada qual exerce uma ação própria, a vida social se individualiza; e porque a contiguidade é criadora de comunhão, a política se territorializa, com o confronto entre organização e espontaneidade. O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro

> insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade (Santos, M., 2006, p.218).

O Massacre de Erba revela o desafio e a dialética entre lugar, ser e informação, enfatizando o importante papel dos meios de comunicação social na inserção e integração do outro.

Para Ecléa Bosi, a desterritorialização ou o desenraizamento é fruto dos tempos modernos, porque o ser humano tende, por sua natureza a fincar raízes, o que lhe dá consistência histórica.

> O ser humano tem uma raiz por sua participação real em uma coletividade, que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro. O desenraizamento a que nos obriga a vida moderna é uma condição desagregadora da memória. Um dos mais cruéis exercícios da opressão na sociedade moderna (opressão de natureza econômica) é a espoliação das lembranças (Bosi, 2013).

No caso de Erba e em tantos outros casos ocorridos em tempos de deslocamentos humanos intensos, os jornais possibilitaram ainda mais a visibilidade dos conflitos advindos do agrupamento de povos variados e de identidades distintas.

Vale ressaltar, ainda, a estreita relação da fotografia e do fotojornalismo no processo de construção e desconstrução de territórios. As imagens produzidas e divulgadas por meio do fotojornalismo, e não somente por ele, mas mediante novas formas de tecnologias, instigam tanto o fotógrafo quanto o leitor ou internauta. Esses meios comunicacionais são carregados de elementos simbólicos e portam consigo territórios de sentidos, porque cada foto, cada imagem é um pouco do lugar, do território, ainda mais se pensamos do ponto de vista dos discursos ideológicos, da formação da identidade e daqueles elementos sócio-etno-culturais que cada ser humano carrega em suas memórias. A pesquisadora Ana Clara Magnago Bianchi, garante que:

> há nas fotografias sobre os lugares uma gramática visual em ação. O lugar é o espaço da vida que emana as apropriações simbólico-identitárias e afetivas, em que acontecem as práticas de sociabilidades; e é também onde nascem as relações de poder que conformam a vida como ela se dá, originando os territórios. Ao fotografarmos, retratamos a

> nossa experiência com o lugar, mas também condensamos na fotografia a paisagem, o território vivido (Bianchi, 2017, p. 65).

A fotografia é sempre a fotografia de um lugar, envolto de significados simbólicos e afetivos. Ela tem esse poder de transportar em si todo esse arcabouço de novas territorialidades, as quais ao se darem a conhecer no território físico podem ser aceitos ou não, mas produzem uma gama de possibilidades de relações.

SOMOS IGUAIS, MEU SENHOR
Estranhas a cor da minha pele, meu senhor
Mas eu também sempre estranhei a sua
Somos diferentes
Mas nem por isso
Te desejei a morte ou
quis lhe tirar a vida
Os tons são diferentes
Mas somos iguais, meu senhor
Atente-se,
Sua vida passa como as ondas do mar, meu senhor.

(Rosa M. Martins, dez. 2024)

4.2 A urgência de um Código Deontológico e o fotojornalismo italiano em questão

Tomar posição é desejar, é exigir
algo, é situar-se no presente e visar um futuro.
Georges Didi-Huberman

É nessa conjuntura que se insere a reflexão sobre o fotojornalismo e sua atuação no território italiano. A Carta de Roma[6], que surge a partir do acontecido em Erba, torna-se uma

[6] "L'associazione lavora per diventare un punto di riferimento stabile per tutti coloro che lavora no quotidianamente suite mi della Carta, giornalisti e operatori dell'informazione *in primis*, ma anche enti di categoria e istituzioni, associazioni e attivisti impegnati da tempo sul fronte dei diritti dei richiedenti asilo, dei rifugiati, delle minoranze e de imigranti nel mondo dell'informazione."Disponível em: https://www.cartadiroma.org/chi-siamo/>.

espécie de norma que rege e orienta o fazer dos profissionais que se propõem a divulgar por meio da imprensa e dos mais variados meios de comunicação social, a história da imigração na Itália. O Código adverte:

> recordando os ditames deontológicos presentes na Carta de Deveres do Jornalista – com especial atenção ao dever fundamental de respeitar a pessoa e sua dignidade e não discriminar ninguém por raça, religião, sexo, vida, condições físicas e mentais e opiniões políticas – e aos princípios contidos nas normas nacional e internacional sobre o assunto, a Carta de Roma convida os jornalistas, baseados no critério ético fundamental de respeito à verdade substantiva dos fatos, contido no artigo 2 da Lei Institutiva da Ordem, a adotar termos legalmente apropriados sempre para devolver ao leitor máxima adesão à realidade dos fatos, evitando o uso de termos impróprios. Para evitar, do mesmo modo, termos como "imigrante", "extracomunitário", devem ser utilizados, como sinônimos, "clandestino", "refugiado" e "requerente de asilo"; um texto foi anexado ao texto da Carta, breve glossário que especifica o significado das principais definições.7

O fenômeno da entrada de imigrantes na Itália se inicia nos anos 40 e 60, quando chegaram colônias africanas e, por volta dos anos 70, imigrantes latino-americanos. Trabalho, estudo, pedido de refúgio, transferência por empresas eram alguns dos motivos da travessia.

É partir dos anos 80, que o fotojornalismo italiano passa a se envolver com mais afinco com o tema da imigração no país. Ainda, segundo o documento:

> a representação da imigração não se dá apenas por meio de notícias escritas, mas também por meio das imagens. Desde o fim dos anos 80, o fotojornalismo tem desempenhado um papel importante para construir no imaginário coletivo a figura do estrangeiro, embora nem sempre esse instrumento tenha sido usado com sabedoria.[8]

[7] Disponível em: <http://www.odg.it/content/carta-di-roma>.
[8] Disponível em: <https://www.roma.org/wp-content/uploads/2015/10/Tesi-com-pleta-.pdf>.

O início dos anos 90, constituiu um momento particular de significado para a interpretação da representação dos imigrantes na Itália, seja pela consagração simbólica da parte de observadores de prestígio indiscutível, seja por motivos ligados ao modo como foi compreendida a presença dos estrangeiros e a transformação das relações entre esses e a sociedade italiana.

Figura 7: Brindisi, março de 1991. Imigrantes albaneses sob o cansaço e o abandono.
Foto: Giorgio Lotti.
Fonte: <https://support.mondadoristore.it/in/media/fine_art/fotoshow_lotti_intero.pdf>.

A pesquisadora Paola Corti recorda e destaca a imagem como ícone do estrangeiro no território italiano, nos anos 90, com a famosa foto do porto de Brindisi feita por Giorgio Lotti, que representa e documenta a chegada de milhares de albaneses e a expressiva imagem de um casal jovem, cuja mulher está grávida.

Há, na história do fotojornalismo, uma variedade de fotógrafos que registraram situações que provocam a compaixão e retratam a situação de vulnerabilidade de pessoas em desespero na busca pela sobrevivência. Podemos destacar dentre eles Lewis W. Hine, Angelo R. Turetta, Stefano Carofei, dentre outros. Nesse sentido, vale ressaltar o trabalho fotojornalístico e o pensamento do

napolitano Giulio Piscitelli, que se ocupa, nos dias atuais, com o registro fotográfico do fenômeno migratório em países em situações de conflito e com a travessia de imigrantes no Mediterrâneo.

Figura 8: Resgate no Mediterrâneo.
Foto: Giulio Piscitelli, 2017
Fonte: <https://giuliopiscitelli.viewbook.com/from-there-to-here>.

Seu projeto *From There to Here* é uma verdadeira iconografia da imigração, no qual destaca, depois de suas diversas viagens no Mediterrâneo, África e Síria nas mais variadas situações em que se encontram os imigrantes e refugiados. Ele acena para posturas éticas, as quais julga importante considerar no exercício da profissão.

Ao dizer que "um passo importante seja encontrar um compromisso entre a necessidade de documentar aquela situação e a de restituir a dignidade ao sujeito em questão"[9], Piscitelli parece frisar a importância de contar um fato, demonstrá-lo fotográfica e jornalisticamente, mas com o cuidado para não ferir a dignidade da pessoa em voga, posicionando-se, assim, em consonância com o Código Deontológico Romano.

[9] Entrevista à *Vice*, 2015. Disponível em: <https://www.vice.com/it/article/aewwmz/giulio-piscitelli-fotografo-contrasto-intervista-201>.

4.3 O fotojornalismo: conceitos

Que coisa extraordinária é a imagem!
Em certo sentido, ela é muito mais rica do que a própria vida,
e talvez assim seja exatamente por expressar a ideia da verdade absoluta.
Tarkovski

Destacamos, destarte, a representação, no caso intrínseco do fotojornalismo, partindo do seu conceito estrito desde o pensamento do professor e pesquisador de jornalismo na Universidade Fernando Pessoa (Porto, Portugal), Jorge Pedro, que faz uma clara distinção entre fotodocumentalismo e fotojornalismo.

> Em sentido restrito, o fotojornalismo distingue-se do fotodocumentalismo. Essa distinção reside mais na prática e no produto do que na finalidade. Assim, o fotojornalismo viveria das *feature photos* e das *spot news*, mas também, e talvez algo impropriamente, das foto-ilustrações, e distinguir-se-ia do fotodocumentalismo pelo método: enquanto o fotojornalista raramente sabe exatamente o que vai fotografar, como o poderá fazer e as condições que vai encontrar, o fotodocumentalista trabalha em termos de projeto: quando inicia um trabalho, tem já um conhecimento prévio do assunto e das condições em que pode desenvolver o plano de abordagem do tema que anteriormente traçou. Esse *background* possibilita-lhe pensar no equipamento requerido e refletir sobre os diferentes estilos e pontos de vista de abordagem do assunto. Além disso, enquanto a "fotografia de notícias" é, geralmente, de importância momentânea, reportando-se à "atualidade", o fotodocumentalismo tem, tendencialmente, uma validade quase intemporal (Sousa, 1998, p. 12).

Destarte, a diferenciação entre o fotojornalismo e o fotodocumentalismo em Sousa (1988) reside, também, no fato de que o fotodocumentalista trabalha com uma abordagem de temas estritamente humanos, não obstante os mais variados significados que os acontecimentos, quaisquer que sejam, tenham para o ser humano, ou situações que ocorrem em detrimento da pessoa humana. Sua preocupação maior são as condições sociais e o seu desenrolar. O fotojornalista se ocupará, por sua vez, de um espaço

de tempo curto e determinante, isto é, o "átimo"; estamos falando daquele exato momento em que o fenômeno se dá, baseando sua atuação no que Sousa denomina "discurso de um instante" ou "linguagem de um instante". Nessa direção, podemos dizer que o fotojornalismo tem ganhado um vasto campo de atuação para retratar, para representar esse portento social.

No conceito de Sousa, o fotojornalismo é entendido como "a atividade que pode visar a informar, contextualizar, oferecer conhecimento, formar, esclarecer ou marcar pontos de vista [...] mediante a fotografia de acontecimentos e a descoberta de assuntos de interesse jornalístico" (Sousa, 2000, p. 12), o que leva a uma relevância da finalidade e da intenção mais do que o produto. Na sua perspectiva, o fotojornalismo tem um papel relevante no sentido de afirmar crenças sobre as pessoas. Ele reitera:

> isso significa que, em um determinado contexto sociocultural, as narrativas convencionais na foto [jornalismo] contribuem para que seja dado significado social a determinados acontecimentos, em detrimento de outros, promovendo, por consequência, determinado, e não outros, à categoria de notícias [...] (Sousa, 2000, p.17)

O fotojornalista ao fazer uso da fotografia, conta histórias, informa sobre acontecimentos. Para Sousa, "ele não apenas reporta as notícias, como também as cria: as (foto) notícias são um fabrico construído por força de mecanismos pessoais, sociais (incluindo econômicos), ideológicos, históricos, culturais e tecnológicos" (Sousa, 2000, p. 203)

Sobre essa capacidade do fotojornalismo de narrar os fatos dando a estes um significado social, enfatizando a noticiabilidade de alguns eventos em detrimentos de outros, o pesquisador português Adriano Duarte Rodrigues (1988) frisa que os meios de comunicação passam a ter uma função remitificadora, pois no passado as comunidades humanas recorriam ao mito para explicar e carregar de significados e sentidos as experiências e as circunstâncias da vida e hoje é transferido para os *media* a missão de organizar e integrar as experiências aleatórias de vida em um todo racionalizado.

Corriere della Sera Mercoledì 16 Dicembre 2009 | 17

Focus Accoglienza e bambini

Il rapporto L'organizzazione non governativa «Save the children» presenta oggi il dossier sui minori stranieri

L'odissea Arrivano, spesso sui barconi, da Marocco, Egitto, Afghanistan. Un migliaio sono fuggiti dai centri di assistenza

Il mistero degli immigrati under 18

A fine settembre erano 6.587. Quelli segnalati, s'intende. Perché basta non vivere fuori dalla realtà che vediamo ogni giorno — negli angoli delle piazze, nelle strade trasformate in «vetrine» di corpi in vendita — per capire che «rispetto al dato ufficiale, dire che sono il doppio non è un azzardo». Ed è chiaro che a Valerio Neri, direttore generale di Save The Children Italia, questa stima non va proprio giù.

Perché dietro ciascuno di quei seimila «fantasmi» ci sono storie simili a quelle dei ragazzini afghani che attraversano il confine tra Iran e Turchia a cavallo, caricati come pacchi, stretti fra taniche di benzina; e che dopo esser sopravvissuti fino a Patrasso, pagano 1.000/2.000 euro per salire su un traghetto pronto a solcare l'Adriatico. Confuso tra i loro pensieri di quindicenni spaventati, un indirizzo: Roma, piazzale Ostiense. Dove, se mai arriveranno, li aspetta la strada, con il suo strascico di malattie e violenze, vergogna e paura.

Fantasmi, appunto: è soprattutto a loro che è dedicato il primo rapporto su «I minori stranieri in Italia», che Save The Children presenterà oggi a Roma, a due passi dalla Stazione Termini, nel suo Centro di accoglienza diurna CivicoZero. Un dossier che è una specie di «prima volta». Perché può sembrare strano ma in Italia non c'è un sistema globale di monitoraggio su ragazzi e ragazze migranti. I «censiti» coincidono con i «segnalati»; restano fuori, spesso, gli *under* 18 non accompagnati, o con genitori irregolari. Dati, perciò, da considerare «al ribasso», ma comunque significativi. Anche limitandosi ai minori nati qui o arrivati con il ricongiungimento, la curva è netta: dai 412 mila 432 del 2004 agli 862 mila 453 del 2009. Il 22,3% degli stranieri residenti.

I «fantasmi»
Manca un sistema globale di monitoraggio sui minorenni migranti
Il 77% di quelli intercettati alle frontiere o dai servizi sociali non hanno documenti

«Ma questi — interviene Neri — sono gruppi che hanno una famiglia integrata o in via di integrazione; le fasce più a rischio sono quelle "invisibili". Il nostro Paese è in ritardo in generale su una gestione corretta e socialmente equilibrata del fenomeno migrazioni, ma è in ritardissimo su queste fasce più deboli». Quei 6.587 che diventano tredicimila. I «non accompagnati», che e, chissà, mandare qualche soldo a casa. I 6.587 sono quelli intercettati alle frontiere, entrati in contatto con associazioni o servizi sociali, segnalati al Comitato minori stranieri. Il 77% non ha un'identità, nessun documento. Si sa che vengono da 77 Paesi diversi, Marocco ed Egitto in testa, poi Albania, Afghanistan, Palestina; 9 su 10 sono maschi, oltre la metà ha 17 anni. Solo settanta si trovano nelle carceri minorili. Le vittime di tratta sembrano poche: 328 i casi individuati. Sabato scorso, guarda caso, era la Giornata mondiale contro la tratta; «e il traffico di minori — sintetizza Vincenzo Spadafora, presidente Unicef Italia — viola proprio il diritto fondamentale dei bambini ad essere protetti». Una protezione che non è così scontata come dovrebbe essere. «In Italia — spiega Neri — manca la definizione dei due livelli di accoglienza: quella in frontiera, dove ci si aspetterebbe di trovare qualcuno che parli la lingua del minore e lo informi dei suoi diritti. Per questo, anche, i ragazzi fuggono. Per questo, a Roma, è nato CivicoZero: 534 «nuovi accessi» da febbraio a ottobre, «in un centro — spiega la coordinatrice Laura Lagi — "a bassa soglia", senza filtri, dove possono trovare una doccia e una consulenza sanitaria, un posto dove mangiare e riposare. C'è lo psicologo, l'assistenza legale. Ma l'importante è stabilire una dimensione di fiducia». Per l'accoglienza di due minori a CivicoZero bastano 180 euro: è uno dei regali di Natale da, in quelle di maggiore concentrazione: Milano, Torino. In Sicilia? Con i respingimenti gli arrivi si sono contratti. Ma così nei campi libici c'è un numero crescente di ragazzi e ragazze sottoposti a violenze e privazioni. Il fatto che non arrivino in Italia è, per noi, solo causa di grande preoccupazione».

Gabriela Jacomella

© RIPRODUZIONE RISERVATA

Oltre 6000 ragazzi non accompagnati censiti in Italia Ma il numero reale è più alto: forse il doppio

I numeri
862.453
i minori stranieri regolarmente residenti in Italia
Under 18
% sul totale degli stranieri
1.000.000
900.000
800.000
700.000
600.000
500.000
400.000
300.000
200.000
100.000
0
2004 2005 2006 2007 2008 2009
20,7 20,9 21,9 22,6 22,3 22,2
6.587
i minori stranieri arrivati in Italia senza i genitori
74%
è stato accolto presso un centro di prima accoglienza
1.119
i minori fuggiti dai centri di accoglienza tra maggio 2008 e febbraio 2009
GLI ARRIVI NEL SUD ITALIA
2.749 nel 2008
95% in Sicilia
2.124 i minori non accompagnati
SICILIA
Lampedusa
AFRICA
LE PRIME 5 PROVINCE
totale
nati in Italia (in %)
Milano 68,3 81.497
Roma 70,0 71.170
Torino 57,2 41.142
Brescia 60,2 40.288
Bergamo 59,2 26.711
L'incidenza dei nati stranieri sul totale dei nati in Italia
1997 2,5%
2008 12,6%

Foto: Save the Children
CORRIERE DELLA SERA

La psicologa

«I rischi? Prostituzione e traffico d'organi»

C'è il ragazzino «che arriva in tribunale con 3.700 *alias*, e non riusciamo neanche a individuare i parenti». Ci sono i piccoli rom «che, messi in una struttura protetta, o si suicidano o scappano». Ma loro, perlomeno, «hanno avuto un periodo di "comparsa"; quel che spaventa è la zona grigia. Che esiste, ed è grande. Anche se è negata». Maria Rosa Dominici, psicologa, da 16 anni è giudice onorario al Tribunale dei minori di Bologna e consigliere di Intervita (*www.intervita.it*), ong attiva nella lotta alla tratta e allo sfruttamento sessuale dei minori. «In Italia non c'è mai stato un vero monitoraggio, e le cifre sono molto maggiori di quanto si possa vedere: ogni volta è come se arrivasse un piccolo paese, fatto di ragazzini e ragazzine. Non se ne parla, perché perdura l'idea di non creare allarme sociale. E forse fa comodo che ci adozioni illegali. O peggio: traffico d'organi, pedopornografia, *snuff movies*. Sembra incredibile, ma accade oggi, in Italia».

Ga. Ja.

© RIPRODUZIONE RISERVATA

AVVISO A TUTTI GLI SCIATORI
SI INFORMA CHE LE VOCI SUI COSTI TROPPO ELEVATI DELLE SETTIMANE BIANCHE SONO FALSE E PRIVE DI OGNI FONDAMENTO
SETTIMANA BIANCA 135 €
TRENTINO, SARNONICO - HOTEL 3 STELLE - PERNOTTAMENTO E PRIMA COLAZIONE
QUESTO È SOLO UN ESEMPIO. CHIAMA IL NUMERO VERDE E SCOPRI ANCHE TUTTE LE ALTRE OFFERTE
GO Velvet
solo il bello del low-cost
Numero Verde
800-218077
LUN-VEN: 9-20 SABATO E PREFESTIVI: 9-18
GRATUITO ANCHE DA RETE MOBILE

Figura 9: Publicado no Corriere della Sera, 2009.
Fonte: < http://archivio.corriere.it/Archivio/interface/view.shtml#!/MjovZXMvaXQvcmNzZGF0 aW1ldGhvZGUxL0AxMTY2NTU%3D >. Corriere della Sera, 16/12/2009.

Figura 10: Publicado em *Corriere della Sera*, 23/03/2011
Foto: *ANSA*

Nesse percurso, encontra-se o fotojornalismo, que integra em seu conceito e na sua maneira de informar, a foto e o texto. Esses dois elementos conjugados em um material impresso, darão possibilidades, quando de encontro com diversos leitores, da elaboração de diversas histórias derivadas das mais variadas interpretações. Assim sendo, Kossoy enfatiza:

> [...] temos, nesse caso, a questão da imagem e da linguagem. A imagem é um tipo de comunicação e expressão. Uma vez acompanhada de texto, torna-se outra coisa. A fusão entre imagem e linguagem é que dá forma ao jornalismo. E uma mesma imagem pode servir para ilustrar situações diferentes (2008).

Paralelo a isso, para exemplificar, Kossoy acrescenta que a imagem como forma de expressão artística – que se pode contemplar em um museu ou galeria – exerce outra função diferentemente do seu posto na notícia. Em uma obra de arte, ela afeta o eu em questão, causando as mais reais emoções sem a necessidade do texto, falando por si mesma. Caso venha acompanhada desse, pode totalmente perder o sentido.

Corriere della Sera Martedì 22 Aprile 2014

Cronache 19

Stranieri Ogni giorno arrivano a centinaia, dall'inizio dell'anno ne sono già stati salvati la metà di tutto il 2013

Finiti i soldi dei soccorsi ai barconi di migranti

«Mare Nostrum» costa 9 milioni al mese Appello all'Europa, ma la Lega chiede lo stop

ROMA — Sono centinaia ogni giorno, dall'inizio dell'anno ne sono già arrivati più della metà di quanti ne erano sbarcati in tutto il 2013. Usano mezzi di fortuna, alcuni fanno soltanto una prima parte del viaggio e poi chiedono soccorso consapevoli che una nave andrà a prenderli nel più breve tempo possibile. Sono 21.728 i migranti approdati in Italia fino a ieri e adesso il governo dovrà decidere che cosa fare. Perché gli stanziamenti per l'operazione «Mare Nostrum» sono finiti, ma sulle coste libiche ci sono centinaia di migliaia di persone in attesa di salpare e il rischio è che ci siano altri naufragi, proprio come è accaduto nei mesi scorsi fino alla decisione di pattugliare il Mediterraneo con un impegno straordinario di uomini e mezzi. E sto nuove risorse, stabilire come e dove trovarle. Compresa l'ipotesi, sia pur con poca speranza, di rinnovare l'appello all'Europa. Soprattutto si deve superare l'ostilità della Lega che, con l'appoggio di Forza Italia, chiede di «bloccare la missione» e le dimissioni del ministro dell'Interno Angelino Alfano «stampella dell'esecutivo di sinistra». Ma bisogna anche riorganizzare l'accoglienza in vista di possibili ondate nelle prossime settimane, già paventate nei notam trasmessi dagli ufficiali di collegamento che si trovano negli Stati d'origine. Anche per far fronte alle fughe di quegli stranieri che fanno perdere le proprie tracce poche ore essere giunti nelle strutture e aver presentato la richiesta di asilo.

vincia di Ragusa, ma 300 hanno lasciato poco dopo il centro «San Pietro» dove erano stati trasferiti. Su quasi 22 mila persone sbarcate nel nostro Paese dall'inizio dell'anno, oltre 20mila sono partite dalla Libia. Lì dove si ammassano gli stranieri che risalgono dall'Africa subsahariana, ma anche quelli che vanno via da Egitto e Tunisia. Provengono quasi tutti dall'Eritrea e dal altre martoriate dalla guerra, dunque hanno diritto allo status di rifugiati.

Ottengono il primo documento di riconoscimento provvisorio e poi vanno via perché per molti di loro l'Italia è soltanto un luogo di transito. Però c'è anche chi non ce la fa, chi spera di trovare qui il proprio futuro. E poi ci sono le donne, i bambini. Secondo i dato forniti dall'organizzazione «Terres des hommes» nel 2013 sono approdati circa 8 mila minori non accompagnati e quest'anno il numero rischia di essere ampiamente superato.

Le immagini

Il bilancio
Sono circa 20 mila i migranti salvati nel Mediterraneo dai mezzi della task force «Mare Nostrum» dal 18 ottobre 2013. La maggior parte degli stranieri sbarcati in Italia sono extracomunitari

Il servizio
Le due immagini pubblicate in questa pagina sono state scattate da Stefano Guindani/Sipa Italia per la Fondazione Rava

L'autore
Stefano Guindani è nato a Cremona 44 anni fa. È un fotografo di fama internazionale di reportage (urbani e sociali), celebrità e moda

«Fermare i soccorsi»
Il segretario del Carroccio Matteo Salvini è lapidario: «Presenteremo subito la proposta di sospendere l'operazione perché i cittadini italiani finiscono per finanziare gli scafisti e l'invasione delle nostre coste». Si allinea Forza Italia con Maurizio Gasparri che parla di «costosa e demenziale operazione da sospendere, visto che ormai siamo alla farsa della segnalazione delle partenze da parte degli scafisti per far scattare l'intervento delle navi».

Laura Bianconi del Nuovo Centrodestra sottolinea «l'assenza di responsabilità della Lega e di alcuni esponenti di Fi, che sfruttano ogni occasione per lanciare soltanto slogan, mentre "Mare Nostrum" ha consentito di salvare decine di migliaia di vite umane, in uno scenario geopolitico completamente stravolto dalle primavere arabe». E dal Partito Democratico Edoardo Patriarca rincara la dose perché «finché la Lega ragionerà in questo modo non ci potrà essere un confronto sereno su un tema così cruciale. Siamo in un contesto internazionale e l'Italia, in un quadro di maggiore collaborazione europea, può fare la sua parte per accogliere chi ha di-

Sul ponte
Sulla nave, la mattina di Pasqua 433 migranti cantano le lodi del Signore. Sono quasi tutti eritrei e cristiani

»» **Reportage** Sull'Espero con la fondazione Rava

La sorella stuprata, poi 8 mesi di viaggio «Scosse elettriche per salire a bordo»

Siamo saliti a bordo della «Espero», la nave della Marina militare italiana insieme con la Fondazione Francesca Rava per seguire in prima linea le operazioni di soccorso nei confronti di decine di migliaia di disperati che tentano di arrivare in Italia e poi raggiungere il resto dell'Europa per ricongiungersi con i familiari. L'operazione «Mare Nostrum» pattuglia una vasta area del Mar Mediterraneo di circa 71 mila chilometri quadrati.

SEGUE DALLA PRIMA

Daniele mastica un po' di italiano e traduce con pudore la testimonianza della «sorella». In Libia «tutti ladri», dice, vogliono soldi, picchiano, stuprano. Anche per lui un viaggio di 8 mesi e le terribili ultime settimane nei campi libici. Usano le scosse elettriche se esiti a salire sui barconi, nel mare nero e gonfio della notte.

Ma la paura da cui stai fuggendo è ben più grande di quella di affrontare il mare aperto.

Se ce l'hanno fatta ad arrivare fino a qui dall'Eritrea, via Khartoum, la traversata biblica del deserto e poi gli schiavisti libici, se ora sono a Pozzallo (Ragusa) e baciano la terra uno a uno, rito che rallenta le operazioni di sbarco, l'ultima tratta del viaggio non sarà poi così dura. Troveranno sempre qualcuno che gli darà un piatto di scarpe, una ciotola, un frutto.

Qui in Sicilia, che è ormai un'enorme Lampedusa, la gente è spaventata. Si mettono le mani nei capelli: «Come faremo?». Ma poi quando c'è da fare fanno. Se c'è da andare in mare a tirare su la gente, vanno. Anche bambini morti, come è capitato su «Espero», una delle navi della missione «Mare Nostrum» che in sei mesi ha salvato 28 mila naufraghi: solo grazie a questo il Mediterraneo non è una fossa comune.

Il comandante di «Espero» dice che sono stati loro i primi a ripescare i morti dopo la tragedia di ottobre a Lampedusa. Anche piccoli di un anno. Non erano ancora attrezzati e neanche il loro cuore lo era. A bordo giusto qualche maschera sanitaria. Le salme le hanno distese sul ponte della nave.

Su questo stesso ponte la mattina di Pasqua 433 migranti cantano le lodi del Signore. Quasi tutti eritrei e cristiani: 75 donne, quattro incinte, 3 bambini, decine di minori soli, rispescati nel corridoio umanitario garantito dalla missione «Mare Nostrum» in un'area di 71 mila chilometri quadrati dove si muovono 5 navi con 779 militari, elicotteri, gommoni, un drone e altri mezzi, in collaborazione con forze dell'ordine e magistratura (78 scafisti arrestati). Unità mediche coadiuvate dal personale sanitario volontario della Fondazione Francesca Rava. Una straordinaria macchina di sorveglianza e di accoglienza che solo tra il 7 e il 9 aprile ha salvato 6.769 migranti. E a Pasqua e Pasquetta — breve finestra di mare calmo — altre 1.200 persone accolte da «Espero», «Cassiopea», «San Giorgio» e dal mercantile «Red Sea».

Un prodotto Dop tutto italiano, questa missione, che dovrebbe costituire un modello da esportare e che invece non gode di attenzione, né di sostegno da parte del resto d'Europa: 9 milioni al mese, fondi stornati dalle ordinarie attività della Marina Militare e che ormai non bastano più.

Appena il mare si calmerà i barconi arriveranno a centinaia: 600 mila persone attendono di salpare, secondo il ministro dell'Interno Angelino Alfano. «Noi siamo soltanto l'aspirina — dice l'ammiraglio Filippo Maria Foffi, comandante in capo della Squadra Navale — e non la cura della malattia. Il problema dei flussi va affrontato dalle Nazioni unite, con Unione europea e Unione africana, con programmi di sviluppo e repressione di chi lucra sulle vite umane».

Quando la chiatta affollata di migranti si stacca da «Espero» per raggiungere il porto di Pozzallo, il popolo dei salvati fa esplodere un applauso di ringraziamento, a Dio e agli uomini, al tè caldo e al 60 chili di pasta all'olio.

Il problema sarà il pane di domani.

Marina Terragni

La speranza
Ambeba aspetta il primo figlio, è al quinto mese: «Voglio che nasca in Norvegia»

Giusy Nicolini

Il sindaco di Lampedusa «Accogliamoli nelle caserme»

AGRIGENTO — Ottocento migranti a Pozzallo e uno solo a Lampedusa. Arrivato soltanto perché in difficoltà respiratoria. Trasferito d'urgenza nell'ambulatorio dell'isola in elicottero da una nave militare che, come succede ormai da novembre, ha invece dirottato il resto dei migranti verso Pozzallo, non a caso chiamata l'«altra Lampedusa». E Giusy Nicolini, la sindaca che ricevette pure il plauso di papa Francesco, si danna nella vera Lampedusa per il paradosso delle misure umanitarie, scrutate da lontano: «Il governo italiano e l'Europa hanno pensato all'operazione "Mare Nostrum" in mare, solo in mare. Con le navi militari che conchudono le operazioni appena attraccate a Pozzallo o ad Augusta. E poi? Poi non c'è quasi niente, oltre le banchine. Perché occorre un "Mare nostrum 2" sulla terraferma e sulle due coste». **Anche sulle coste del Mediterraneo?**

«Qui da noi non abbiamo più dei veri centri accoglienza. E' saltato tutto. Né quello di Lampedusa potrà risolvere i problemi perché, non appena finiranno i lavori di ristrutturazione e riaprirà, avremo appena 450 posti. Declassati. Da 800 a 450. E quindi bisogna ripensare ad una strategia completa. Con navi che non debbono salvare i migranti in mezzo al mare, ma che debbono farli salire a bordo nei porti di Tripoli o di altre città africane dopo una selezione, tagliando così il business dei trafficanti». **Molti arrivano dalla Siria.**

«Si apra un canale umanitario in Siria. E lo coordini l'Europa intera». **E in Italia?**

«Il Papa ha detto di aprire i conventi. Noi diciamo di aprire le caserme, tanti edifici pubblici. E di non considerare centri di accoglienza i lager da 4 mila posti come il Cara di Mineo che serve per garantire

Attivare Windows

Figura 11: *Corriere della Sera*, 22/04/2014

Como mostra a matéria acima, do *Corriere della Sera* (22/04/2014), todo o conteúdo escrito ajuda o leitor a compor a história daquela imagem e a apreender uma informação baseada na história escrita, que favorece o entendimento do fato narrado, seja

por parte do texto, seja aquele que pode ser interpretado na foto, gerando, assim, uma complementariedade entre imagem e texto.

Peter Burke (1937) alerta para a relevância da imagem na documentação histórica, ao frisar que "uma vantagem particular do testemunho de imagens é a de que elas comunicam rápida e claramente os detalhes de um processo complexo, como o da impressão, por exemplo, o que um texto leva muito mais tempo para descrever de forma mais vaga" (Burke, 1937, p.101).

Entretanto, ao tratar sobre a iconografia, Burke direciona para essa intrínseca relação entre imagem e texto, que é muito valorizada pelos iconografistas. Ele resume:

> geralmente justapõem textos e outras imagens à imagem que eles desejam interpretar. Alguns textos são encontrados nas próprias imagens na forma de rótulos ou inscrições, transformando a imagem no que o historiador de arte Peter Wagner chama de *iconotexto*,que pode ser lido pelo espectador tanto literal quanto metaforicamente. Outros textos são selecionados pelo historiador em uma tentativa de clarear o significado da imagem (Burke, 2014, p. 52).

Porém, Kossoy chama a atenção para o fato que "a imagem enriquecida com os conhecimentos que vêm do texto, torna-se cada vez mais valiosa, mas ela não se mistura com ele" (Kossoy, 2008), o que quer dizer que a imagem tem a própria dinâmica, uma circulação de vida própria, o que permite que ela seja interpretada ou dialogue com seu intérprete independentemente do texto.

Retomando a matéria sobreposta, se eliminarmos, por exemplo, todo o texto e dedicarmos nossa interpretação somente à foto, teremos diversas realidades interpretadas, devido as diferenciadas formas de analisar o que está diante dos olhos, revelado como fotografia.

A seguir, reflexionamos sobre as interpretações que adolescentes imigrantes revelam ao se depararem com imagens relacionadas às suas histórias de travessias, expressas pelo fotojornalismo italiano. Que travessias suas apreciações nos convidarão a fazer nas fronteiras da pesquisa acadêmica? Para que lugares nos transportarão? Que imagens nos obrigarão a criar sobre as suas histórias de vida?

4.4 A imagem no processo de imigração como acesso para a memória

A memória, onde cresce a história,
que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado
para servir o presente e o futuro.
Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva
sirva para a libertação e não para a servidão dos homens.
J. Le G.

Chegamos ao ponto-chave neste quarto e último capítulo, que é abordar os resultados da pesquisa de campo realizada em locais de chegada e de desembarque de menores estrangeiros não acompanhados, na Itália – especificamente nas cidades de Siracusa, Lampedusa, Catania, Reggio Calabria, Lamezia Terme, Napoli, Lucca, Porcari e Massa Macinaia –, na tentativa de garantir-lhes espaço para a fala, a fim de captar deles mesmos as análises sobre as imagens fotojornalísticas publicadas a respeito de suas travessias.

Todo o diálogo estabelecido a seguir parte dos conceitos fundamentais de fotografia no pensamento de Boris Kossoy, como o "da condição de ser a imagem fotográfica uma segunda realidade, isto é, a realidade do documento ou a realidade da representação [...] e enquanto meio de conhecimento, seus usos e aplicações" (Kossoy, 2001, p. 23), que permitirão uma aproximação dos fatos reais (primeira realidade). Isso possibilitará engendrar pelos caminhos das várias ciências, que podem ajudar a compreender o lugar da fotografia e seu imprescindível papel na história da humanidade.

Em seu livro Fotografia e História, Kossoy se mostra seguro sobre a importância da fotografia para a inovação da informação e do conhecimento, como instrumento de apoio à pesquisa nos diferentes campos da ciência.

Eis o porquê nos sentimos à vontade para um diálogo interdisciplinar com comunicólogos, sociólogos, geógrafos e filósofos como Boris Kossoy, Ecléa Bosi, Stuart Hall, François Soulages, Le Goff, Milton Santos, dentre outros. Até mesmo porque o próprio Kossoy não abre mão desta premissa:

> a expressão cultural dos povos, exteriorizada pelos seus costumes, habitação, monumentos, mitos e religiões, fatos sociais e políticos, passou a ser gradativamente documentado pela câmera [...]. O mundo tornou-se de certa forma familiar após o advento da fotografia; o homem passou a ter conhecimento mais preciso e amplo de outras realidades que lhe eram, até aquele momento, transmitidas unicamente pela tradição escrita, verbal e pictórica. [...] O mundo, a partir da alvorada do século XX, viu-se, aos poucos, substituído por sua imagem fotográfica. O mundo tornou-se assim, portátil e ilustrado (Kossoy, 2001, p. 30-31).

Em outras palavras, é sensato e enriquecedor favorecer esse diálogo multidisciplinar que dará a este capítulo uma riqueza inestimável de reflexão e de conteúdo.

A questão da memória é outro elemento metodológico para o nosso discurso, porque, surpreendentemente, ao colocar ante os olhos dos menores, em uma mesa, as fotografias, imediatamente eles revelaram suas lembranças, alegres e tristes, levando-os ao passado próximo e remoto, em um movimento de reviver, recordar, rir e chorar, enrijecer-se e abrir-se.

Ao sentir esse movimento de sentimentos e atitudes, de busca por suas histórias, também aquelas mais íntimas, pudemos perceber que as imagens ali expostas funcionavam como acesso para a memória e se tornavam um testemunho presencial e oral por meio daqueles meninos. Como afirma Hoffmann:

> [...] a fotografia auxilia na recuperação de parte da história, já que trata daquilo que foi "visível" [...]. As relações de associação se desenvolvem na mente e na memória do entrevistado, fazendo com que ele, ao mesmo tempo, revisite e reflita sobre suas recordações, fazendo delas experiências (Hoffmann, 2011, p. 3).

Considerar a história oral é fundamental neste percurso, porque, embora estejam diante de uma segunda realidade (a foto), esses meninos são testemunhas do acontecido (o fato).

A professora e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em História, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), Marluza Marques Harres, define assim a história oral:

> ao tratarmos da "história oral", estamos falando de pesquisa histórica que utiliza uma fonte de caráter memorial, produzida, normalmente, pelo pesquisador em diálogo e interação com os entrevistados; uma fonte que, como outras selecionadas na pesquisa, deve ser submetida a um tratamento analítico (Harres, 2008, p. 103).

Para a nossa pesquisa, a oralidade, ou seja, a história vocalizada, digamos, o som carregado de conteúdo que se faz ouvir por parte dos menores tem grande relevância pela força do seu testemunho: eles viram, ouviram, viveram e sentiram tudo o que o recorte de um "instante" dessa gama de experiência faz permanecer na história por meio da câmera fotográfica.

Pode-se perceber, assim, a estreita relação dos métodos: realidades da fotografia (fato e foto), a oralidade (expressa na fala dos garotos) e a recordação (revelada pelas imagens).

4.4.1 Compreendendo o contexto em que estão inseridas as imagens na ANSA e no Corriere della Sera

Um homem distinto é um homem misturado.
Montaigne

Penso ser de fundamental importância entender o contexto em que essas imagens estão inseridas e com que tipo de notícias elas vêm intermeadas. O professor e pesquisador da Universidade de Verona, Maurizio Corte (2003) em seu artigo *Noi e gli altri*, demonstra uma análise feita sobre os meios de comunicação italianos e o fenômeno da imigração, entre 1999 e 2000. Ele destaca a *ANSA* e os resultados divulgados demonstram, por exemplo, que as notícias são publicadas como crônicas ou em artigos que tendem a polemizar a política. Essa constatação foi facilmente verificada durante a análise de notícias publicadas entre 2009 e 2017, no *Corriere della Sera* e *ANSA*– para escolha das fotografias –, demonstrando que nada mudou em relação à concepção do que esses veículos publicam sobre aqueles que migram de forma irregular. Corte faz uma dura crítica à *ANSA* ao salientar que:

a informação é expressa sobretudo através de breves notícias de crônicas, sem dar espaço ao aprofundamento através de serviços ou pesquisas. Deve-se notar que, ao fornecer informações voltadas principalmente para imigrantes ilegais, grupos pobres, sujeitos diferentes, *ANSA* apresenta os mais pobres dos pobres, os mais diferentes entre os diferentes. Dessa forma, aumenta a conotação negativa do fenômeno. Os "Outros", o "Outro", os imigrantes não são cultos e não são apresentados em sua particularidade, em sua singularidade, em seu valor como portadores de cultura, de diferentes identidades. Em vez disso, eles são conduzidos de acordo com uma rotina da mídia em que apenas o programa de notícias conta (Corte, 2003, p. 6).

18 | Cronache

Lunedì 21 Ottobre 2013 Corriere della Sera

Salute Regole e indicazioni per medici e pazienti

Chirurgia estetica: sempre l'anestesista e limiti per i minori

Pubblicate le nuove linee guida

ROMA — Quando il naso non si può modificare. Perché una donna, dopo una certa età, non dovrebbe cedere alla tentazione del lifting. Quali le alternative se si vuole evitare il bisturi. E ancora, le circostanze che rendono efficaci e sicuri interventi come la riduzione dell'addome o l'eliminazione degli accumuli di grasso sulle cosce.

Nel numero di ottobre della ... messo al ministero della Salute, a disposizione di addetti ai lavori e pazienti (si può consultare sul sito www.aicpe.org), che si presenta come il manuale della buona pratica. Strumento utile anche per i giudici alle prese con qualcuno dei — non infrequenti — casi di denuncia contro chirurghi accusati di aver procurato danni su visi e corpi. Oltre che per i medici: chi ha seguito la procedura raccomandata, infatti, può evitare la colpa grave.

Le linee guida sono nate su stimolo della legge cosiddetta Balduzzi (dal nome del ministro della Salute) che chiedeva alle società scientifiche di dotarsi di uno strumento condiviso anche con l'obiettivo di essere utilizzate nei contenziosi medico legali e abbassare il rischio di discrezionalità dei periti.

«Sono un punto di riferimento per i professionisti del settore e per i cittadini che potranno verificare la correttezza di certe procedure. Nascono dall'esperienza e non a tavolino ... estetico e non ricostruttivo. Pier Francesco Cirillo, del consiglio direttivo Aicpe si mette dall'altra parte «Un consiglio a chi si sottopone a una di queste operazioni? Accertarsi che sul consenso informato, cioè sul modulo attraverso il quale vengono indicati modalità e rischi, siano presenti gli elementi contenuti nelle linee guida».

Una regola di base. È sempre raccomandata, a volte necessaria, la presenza dell'anestesista, tranne per la correzione di palpebre (blefaroplastica) e delle orecchie (otoplastica). Dettaglio apparentemente superfluo ma che evidentemente andava sottolineato. Ci sono ancora oggi situazioni in cui in studi e cliniche non vengono osservate le procedure più corrette e sicure. Su Internet girano offerte di mastoplastica additiva (aumento del seno) a 480 euro, preventivo incompatibile con un tipo di assistenza specialistica e strumentale di buon livello.

Nel documento vengono elencate indicazioni, controindicazioni, alternative e limiti. Qualche esempio. Si specifica che per la blefaroplastica può essere necessario un secondo intervento a distanza di 5-10 anni e che strade non chirurgiche, si pensi a punturine, il botulino o trattamenti medici come il laser, non conducono da nessuna parte.

La rinoplastica (naso) deve essere negata alle minori di 16 anni e ai maschi con meno di 18 anni perché la struttura ossea e cartilaginea non è definitiva. La liposuzione, cioè ... poco elastica. Si insiste molto sull'eccesso di aspettative che è una controindicazione importante e dovrebbe dissuadere il chirurgo dal dire di sì, tanto per citare un caso, a una donna che a 60 anni si illude di poter tornare liscia come trent'anni prima o a chi è convinto che un profilo migliore lo aiuterebbe nelle relazioni sociali e lo renderebbe più sicuro di sé. Viene consigliato un colloquio con lo psichiatra se il paziente va persuaso ad avere un atteggiamento più ragionevole.

Margherita De Bac
mdebac@corriere.it

Le cifre

NEL MONDO

La classifica
Secondo i dati della ricerca «Global study of ...» nella classifica mondiale della chirurgia plastica, sia come interventi praticati, sia come numero di professionisti

I più richiesti
L'intervento di chirurgia plastica più praticato al mondo è la liposuzione (19,9%), dopo vengono l'aumento del seno (18,9%) e la blefaroplastica, il ringiovanimento dello sguardo (11%). Seguono l'addominoplastica, l'otoplastica e la mastoplastica

Gli interventi

Blefaroplastica — Interviene sulle **palpebre**. Dopo 5-10 anni può essere necessario un secondo intervento. È inutile per le zampe d'oca. Si effettua in anestesia locale con o senza sedazione

Rinoplastica — Interviene sulla forma del **naso**. Non sempre è possibile ottenere risultati come in caso di punta grossa. Mai prima dei 16 anni nella donna e 18 nell'uomo. È necessaria una clinica bene attrezzata

Lifting — Interviene su **volto e collo**. È indispensabile la presenza di anestesista. Bisogna attentamente valutare l'eccesso di aspettative nel paziente. Non esistono alternative

Otoplastica — Corregge i difetti dell'**orecchio** ... ambulatoriale o in day hospital, in anestesia locale con o senza sedazione

Liposuzione — Riduce in modo selettivo **eccessi di grasso** per chi fa fatica ad eliminare con dieta e esercizio fisico. La conseguenza è la correzione dell'aspetto a buccia d'arancia legato a cellulite. Si effettua in anestesia locale con ... aspirazione alla presenza di un anestesista. Non va eseguita se la pelle non è più elastica per via dell'età. L'eventuale ritocco va fatto dopo 6 mesi

Addominoplastica — Rimuove gli eccessi di grasso **sull'addome** e si può abbinare a una liposuzione. Si effettua in anestesia generale con tempi operatori non brevi. Si può ricorrere anche al cosiddetto intervento mini... meno invasivo per quantità di cute asportata. È indicata anche per rimuovere la cute in eccesso in persone dimagrite

A caccia di notte in un'area protetta

Ammazzato dai pallettoni dell'amico bracconiere che non lo soccorre

Incidente di caccia mortale nella notte tra sabato e domenica al Parco di Veio, una riserva alle porte di Roma dove è proibita l'attività venatoria. E forse è stata proprio la paura di essere scoperti, visto che erano «fuorilegge», a spingere due cacciatori di frodo a non soccorrere tempestivamente un compagno gravemente ferito nell'incidente di caccia e poi morto in ospedale a Ostia. I due cacciatori, di 55 e 40 anni, sono stati arrestati con l'accusa di omicidio colposo e omissione di soccorso. Il dramma è avvenuto poco prima delle 2.00 del mattino nel parco regionale di Veio, tra le strade consolari Flaminia e Cassia. I due uomini finiti in arresto, cacciatori con anni di esperienza, avevano deciso di trascorrere la notte in cerca di prede assieme a un loro amico 38enne. Nel corso della battuta, uno dei cacciatori è rimasto isolato e appostato tra gli alberi. Poi, forse colto dallo spavento per uno strano movimento e temendo che si potesse trattare di un animale, avrebbe sparato un colpo a pallettoni, ferendo il 38enne disarmato. A quel punto i due, impauriti, invece di chiamare subito i soccorsi o correre all'ospedale più vicino, avrebbero portato il 38enne ormai in gravi condizioni da Veio fino all'ospedale Grassi di Ostia, passando prima da casa per disfarsi di un fucile. All'ospedale l'uomo è arrivato ormai privo di conoscenza e tutti i tentativi di rianimarlo sono stati inutili. Ora i due cacciatori di frodo dovranno rispondere di omicidio colposo ma anche dell'esercizio dell'attività di caccia, vietata nel parco regionale e in ogni caso svolta al di fuori degli orari consentiti. Ieri le forze dell'ordine hanno fatto un sopralluogo nella zona dell'incidente e nelle prossime ore verrà eseguita l'autopsia sul cadavere. I cacciatori, invece, sono stati rinchiusi nel carcere romano di Regina Coeli. L'associazione ambientalista Lipu chiede che vengano inasprite «e aumentate le pene contro i bracconieri: soltanto con la certezza di misure esemplari contro chi gira armato impropriamente in luoghi dove la caccia è vietata si potrà ottenere un maggiore rispetto per le norme e sicurezza per i cittadini. Proviamo una profonda amarezza per la perdita di una vita umana che poteva essere evitata se i responsabili avessero rispettato la legge. Le istituzioni ora reagiscano con durezza a questo orribile omicidio, potenziando i servizi antibracconaggio e aumentando i controlli nei confronti di chi detiene armi».

Oggi cerimonia per le vittime ad Agrigento

Ahlame, Aynour e Romano I soldati italiani che parlano la lingua dei migranti

Vittime Ieri è stato recuperato il corpo di un'altra vittima del naufragio del 3 ottobre a Lampedusa (Ansa)

AGRIGENTO — Si aggrava il bilancio del naufragio del 3 ottobre scorso nel mare davanti a Lampedusa. Il corpo di un migrante è stato trovato ieri vicino alla spiaggia dei Conigli da vigili del fuoco e militari dell'esercito. Nonostante l'avanzato stato di decomposizione, l'esame medico-legale ha permesso di stabilire che faceva parte delle persone a bordo del barcone andato a fuoco e poi affondato. Le vittime accertate così salgono a 366. In loro ricordo, oggi pomeriggio, si terrà una cerimonia commemorativa sul molo del porticciolo turistico di San Leone, ad Agrigento, alla quale parteciperanno i ministri dell'Interno, Angelino Alfano, all'Integrazione, Cécile Kyenge e ambasciatori di alcuni dei Paesi d'origine delle vittime. Per il sindaco della Città dei Templi, Marco Zambuto, si tratta di «una passerella per i politici» perché «su quel molo non è mai sbarcato un solo immigrato». Non entra nella polemica il presidente della Camera, Laura Boldrini, che ha deposto una corona di fiori nel cimitero di Mazzarino (Caltanissetta) in ricordo dei 18 migranti vittime del naufragio di Lampedusa sepolti lì, undici bambini e sette adulti. «Bisogna fermare la roulette russa che è in corso nel Mediterraneo — ha detto —, perché fuggire dalla guerra è per i migranti l'unica risorsa. I viaggi continueranno fino a quando nei loro Paesi ci saranno violazioni dei diritti, guerra e persecuzione. È fuori luogo pensare di scoraggiarli con azioni di contrasto, non hanno nulla da perdere». Intanto gli sbarchi proseguono: ieri all'alba sono arrivati a Siracusa altri 254 migranti, tra loro decine di minorenni e donne incinte. E a Lampedusa sono arrivati tre giovani militari italiani di origine africana, Ahlame Boufesass, Aynour Kehouk e Romano Pola. L'Esercito italiano ritiene che le loro origini e competenze linguistiche possano essere utili per stabilire un primo contatto con i migranti sbarcati sull'isola e ospitati nel Centro di prima accoglienza.

Eleganza british, eccellenza svizzera. Breitling for Bentley associa il meglio dei due mondi. ...
breitlingforbentley.com

Figura 12: *Corriere della Sera*, 21/10/2013

No livro *Mass media e società multietnica*, Eleonora Viglongo, Giorgio Grossi e Marinella Belluati são categóricos, ao dizer que:

> os imigrantes estão presentes principalmente em notícias sobre crimes ou em artigos focados em polêmicas políticas (em partes) ou em respostas institucionais (em termos de recepção ou repressão); enquanto só em alguns casos falam diretamente de sua identidade cultural, étnica ou religiosa ou mesmo de suas simples manifestações públicas, sejam elas sociais ou políticas (Viglongo; Grossi; Belluati, 1995, p. 52).

Tratando-se do fato que esses meios usam a notícia fotojornalística para dialogar coma sociedade, especificamente italiana; certamente a circulação dessas imagens corresponderão a um processo de seleção, obedecendo estratégias nas quais a fotografia deverá funcionar como um artefato e um meio de informação e formação de opinião.

O contexto no qual estão inseridas e entrelaçadas com os discursos escritos, e o seu acesso aos cidadãos italianos, tornam-nas suscetíveis de assumir um significado e exercer um efeito em relação à delimitação de territórios físicos e simbólicos, que acabam por provocar reações concretas na forma de agir entre diferentes identidades culturais.

Nesse sentido, podemos citar como exemplo o fato sucedido no decorrer dos trabalhos de campo junto a menores na cidade de Lucca, na Toscana. Entre uma entrevista e outra com africanos, albaneses e bengaleses, eu me dirigi à prefeitura da cidade para uma entrevista com a assessora da prefeita, Lucia Del Chiaro. Dentro do contexto da nossa conversa, que era sobre imigração, política italiana atual e meios de comunicação, ela relatou:

> semana passada, estava eu aqui no meu escritório quando me chamou ao telefone o sr. Giuseppe[10]. Disse que precisaria falar urgente comigo, e marcamos a sessão para o dia seguinte. Sentou-se à minha frente e me disse:
>
> – Sra. Lucia, tenho um grande problema.
>
> – Sim. Qual é o seu problema?

[10] Pseudônimo.

> – Tem uns negros morando na minha rua, são meus vizinhos.
>
> Giuseppe parecia nervoso.
>
> – Mas e daí – disse-lhe –. Sr. Giuseppe, eles o estão incomodando?
>
> – Não.
>
> – Estão fazendo barulho e não o deixam dormir?
>
> – Não.
>
> – Mas, então,sr. Giuseppe, qual é o problema?
>
> – O problema, Sra. Lucia, é que eu os vejo.
>
> Aquele senhor era um cidadão emigrado do sul da Itália nos anos 70. Quando eu lhe disse que era verdade que ele era como qualquer um de nós, porém, tinha imigrado de algum lugar da Itália para chegar a Lucca, ele me disse:
>
> – "Isso é verdade, e foi muito difícil quando eu cheguei aqui porque os luqueses não queriam me integrar".[11]

Mesmo ali, diante de mim e dos colegas, Lucia parecia transtornada, indignada, ainda chocada com tudo o que ouviu. Ela continuou enfaticamente:

> eu me senti atingida, afetada, porque para ele o problema residia na existência da outra pessoa, não em uma ação deles, mas só pelo fato de que essa pessoa existe. Tornou-se até engraçado, porque ele agendou esse horário comigo, sentou-se à mesa para dizer que via os negros e que isso lhe fazia mal. Parecia inacreditável, mas creio que ele seja uma amostra representativa. [...] Ele provou na pele a imigração. Mas, de repente, começa a perceber os negros como um problema, mais que um perigo, um problema pelo simples fato de existirem, e se nega a vê-los. Para mim, isso é o início do fim, porque identifico em você um problema, independentemente daquilo que faz.

Fato é que os adolescentes, quando completam os 18 anos, passam a morar em casas alugadas no centro de Lucca e se mantêm do trabalho que realizam (*pizzaiolo*, limpeza e outros), e com a

[11] Entrevista com Lucia Del Chiaro. Lucca, 05 de outubro de 2018.

ajuda do fundo para refugiados vindo da União Europeia. Ademais, são jovens que optaram por fazer de Lucca a sua nova morada. Ali pretendem, trabalhar, estudar e formar família.

Partindo desse percurso, o relato de Del Chiaro nos faz pensar a necessidade do que eu denominaria médio-desterritorializar-se, que seria a aceitação de uma leve mexida no "escaninho", que faz a pessoa se rearranjar mental e fisicamente, na ação e nos conceitos, para a readaptação do outro, que requer uma abertura de ambas as partes, um afetar e deixar-se afetar pela existência deste e daquele. Marli Fantini sublinha que "o transculturador é aquele que desafia a cultura estática a desenvolver suas potencialidades e a produzir novos significados sem, contudo, perder sua textura íntima" (Fantini, 2004, p. 166).

Sejam os relatos, sejam as análises das fotos que veremos mais adiante, levam-nos a crer que ao estabelecer representações em um sentido determinado sobre o espaço e o território, é desenhado, por sua vez, uma territorialidade que atua sobre as comunidades imigrantes e contribuem para a construção de imaginários sociais que acabam por interferir não somente no lugar ocupado por elas como na sua identidade.

Talvez o que aconteça com o sr. Giuseppe seja uma *paúra*, isto é, um excesso de pavor, de medo de perder um pouco de si, porque "a identidade nunca se unifica e é construída de várias maneiras mediante discursos, práticas e posições diferentes [...], em um constante processo de mudanças e transformações" (Hall; Du Gay, 2003, p. 17).

À medida que sou destinado a conviver com uma diferença, quer queira quer não, alguns traços da minha identidade se modificarão, pelo seu caráter de mutabilidade e possibilidade de transformação. A identidade é produzida em lugares históricos e instituições específicas, em formações discursivas e práticas [...] (Marcus, 2011, p. 109).

Por exemplo, quando chego a Minas, minha família me diz que não tenho mais o sotaque mineiro, que perdi a bela pronúncia mineira do "r". Eu só lamento. Aconteceu espontaneamente no decorrer da minha vivência com os paulistanos, depois com os goianos, brasilienses, europeus, norte-americanos, etc. No parecer

de Hall, a identidade emerge nos espaços de poder onde se põem em jogo as diferenças (Hall; Du Gay, 2003, p. 17).

Diga-se de passagem, a apreciação da diversidade e a afeição pelo "diferente" ganham espaço na esteira do hibridismo proposto pela pós-modernidade. Bernd nos faz recordar:

> a "pós-modernidade" trouxe à tona o conceito de híbrido, que enfatiza acima de tudo o respeito à alteridade e a valorização do diverso. Ou seja, "ao destacar a necessidade de pensar a identidade como processo de construção e desconstrução, subverte os paradigmas homogeneizantes da modernidade, inserindo-se na movência da pós-modernidade e associando-se ao heterogêneo" (Bernd, 2004, p. 100).12

Isso quer dizer que a tensão gerada entre o sr. Giuseppe e os meninos negros abre um leque perfeito de discussões que nos permite compor uma estreita relação entre fotografia, território, identidade, espaço, lugar e não lugar, o que estamos tecendo paulatinamente no decorrer deste capítulo. Abdala chama à atenção para esse misto de caracteres adquiridos, dos quais é composta a identidade do ser humano.

> Cada criatura é dotada de uma série de identidades, ou provida de referências mais ou menos estáveis, que ela ativa sucessivamente ou simultaneamente, dependendo dos contextos. "Um homem distinto é um homem misturado", dizia Montaigne. A identidade é uma história pessoal, ela mesma ligada a capacidades variáveis de interiorização ou recusa das normas inculcadas. Socialmente, o indivíduo não para de enfrentar uma plêiade de interlocutores, eles mesmos dotados de identidades plurais... a identidade define-se sempre, pois, a partir de relações e interações múltiplas (Abdala, 2005, p. 12).

Falar da tensão entre identidades e diferentes territorialidades é discorrer sobre a necessidade humana e vital de defesa e de

12 Os termos híbrido e hibridação vêm sendo frequentemente utilizados, sobretudo pela crítica pós-moderna, em detrimento aos termos mestiçagem ou sincretismo, pois, como define García Canclini, a mestiçagem estaria principalmente associada à mistura de raças, no sentido, portanto, de miscigenação, enquanto sincretismo [se associa] à mistura de diferentes credos religiosos. Assim, hibridação seria, nesse caso, a expressão mais adequada para exprimir a ocorrência de diversas mesclas interculturais (Canclini, 1998).

garantia da sobrevivência da sua espécie. A novidade, em todos os sentidos, causa estranhamento devido ao forte sentimento de pertencimento àquilo que nos garante a nossa identificação – que me faz ser eu, e não o outro.

Figli della strada

Nella foto grande: Daniele (a destra), 18 anni, con l'educatore Stephen; Ivan, 17 anni, arrivato in Italia dal Camerun quando aveva 8 anni; Antonino, 20 anni, ospite dalla onlus Kayròs in una casa della comunità a Segrate. Per informazioni: www.kayros.it

una vita, e non ne vuole parlare. «Io e mia sorella siamo arrivati in Italia dal Camerun che avevamo 8 anni, da allora siamo stati divisi, sballottati da una comunità all'altra» racconta. Ora di anni Ivan ne ha 17, non vede l'ora di andare a vivere da solo, e intanto si prepara al prossimo trasferimento. A Vimodrone, dove ha sede una delle comunità di Kayròs per minori stranieri non accompagnati, il Comune ha concesso un terreno per la realizzazione di un «centro polifunzionale dell'accoglienza». I lavori sono già iniziati: la struttura, che dovrebbe essere completata entro gennaio, oltre a due nuove

in un'ottica di reciproco scambio» spiega don Burgio. Anche perché i problemi dei «ragazzacci», una volta compiuta la maggiore età, sono quelli di tutti i giovani in tempo di crisi: «Trovare un lavoro onesto e decente, riuscirsi a mantenere non è facile». Se ciò non bastasse, «il welfare attuale di comuni come Milano penalizza le comunità di prima accoglienza» lamenta Don Burgio: «Le rette costano, è vero, ma ciò si deve ai criteri per l'accreditamento imposti da Comune e Regione; ed è ugualmente vero che per il pagamento delle rette il Comune provvede di norma con un ritardo di 7-8 mesi».

Davide Illarietti

© RIPRODUZIONE RISERVATA

Figura 13: *Corriere della Sera*, 6.07.2014.

Cara Rosa

Ho conosciuto una donna, una intelligentissima e bellissima donna.
Suora scalabriniana, brasiliana, colta e laureanda.
Fa una tesi di laurea su migrazione, giornalismo e comunicazione e, mio Dio, se ce n'è bisogno.
Mi ha intervistato ieri.
Voleva conoscere il modello italiano, le leggi, la situazione politica, come la comunicazione e la politica si influenzino a vicenda.
È stata una lunga, triste, intervista.
Non sono riuscita a vedere speranze,
per questo imbruttito paese.
Una legge disumana, una politica fatta di proclami,
un'opinione pubblica rozza e violenta, l'opposizione che dopo sette mesi ancora si guarda l'ombelico.
Mi sono vergognata, quando le ho descritto il
nuovo decreto immigrazione.
Mi sono vergognata quando le ho dovuto confessare che secondo me no, questo paese non ha futuro.
Mi sono vergognata quando le ho dovuto dire che ormai la politica segue la propaganda, e la propaganda amplifica la politica, così da alimentare una spirale che vedo
peggiorare ogni giorno di più.
Ciechi e sordi alle idee nelle quali sono cresciuta.
Diritti.
Giustizia.
Uguaglianza.
Rispetto. Sembrano brutte parole di cui vergognarsi.
È successo tutto così in fretta, come se questo orrore covasse da tempo sotto la cenere e non aspettasse altro che una folata di vento per divampare.
Cara, carissima Rosa, che ricchezza è stata conoscerti.
Porta con te il racconto di questo triste paese, che ha mandato al tuo, a cercare fortuna, migliaia di emigranti, che vive di memoria corta, di illusioni e di gratta e vinci.
Portaci con te, nei tuoi grandi occhi neri, nel tuo sorriso spalancato, fra i tuoi capelli intrecciati.
Portaci via da qui.*

* Homenagem da entrevistada Lucia Del Chiaro (foto acima) à autora. Publicado em seu blog LetteradaLucca, em 05/10/2018. Disponível em: <Cara Rosa | letteredalucca>.

4.4.2 Resultados e análise da pesquisa de campo

Não existirá um porvir verdadeiro para a humanidade, e não existirá um verdadeiro progresso, se o futuro não tiver um "coração antigo", isto é, se o futuro não se basear na memória do passado.
Distante (1998)

O trabalho de entrevistas e análises fotográficas foi realizado nos períodos de janeiro a março de 2017 e setembro e outubro de 2018 em casas de acolhida de menores no Sul da Itália,nas cidades de Napoli, Lampedusa, Catania, Siracusa, Augusta, Reggio Calabria, Lamezia Terme – e mais ao Norte – Lucca, Porcari e Massa Macinaia (Toscana). O encontro se deu com meninos entre 15 e 17 anos, vindos da Albânia, Bangladesh, Paquistão e países da África (Gana, Nigéria, Marrocos, Mali, Congo, Guiné Conacri, Senegal etc.). A pesquisa traz também o relato de dois adolescentes, um de 18 anos (vindo de Marrocos para Lucca aos 11 anos) e um de 22 anos (vindo da Albânia), com testemunhos valiosos por estarem há mais tempo no novo lugar.

Reunidos algumas vezes com e outras sem a presença de educadores, nós nos sentávamos em uma mesa sobre a qual as fotografias eram expostas. A única orientação é que aquelas fotos tinham sido feitas por fotojornalistas e que se pretendia ouvir o que eles tinham a dizer sobre as mesmas.

Um pequeno grupo de 4 menores entre 16 e 17 anos se debruçou sobre a famosa foto de Pietro Adami – um jornalista padovese da Escola de Jornalismo de Perugia[13] –, que representa a diáspora albanesa em tempos de ditadura. Era março de 1991 quando chegou no Porto de Brindisi o navio Vlora com mais de 20 mil albaneses.

[13] Pietro Adami. Disponível em: <https://tg24.sky.it/cronaca/2018/08/26/migranti-albania-sbarchi.html>.

Figura 14: Desembarque de 20 mil albaneses do navio Vlora, no porto de Brindisi, IT. Publicado em *Corriere della Sera* em 08/08/1991.
Foto: *ANSA*.

Hoje uma grande parte dos albaneses que busca o território italiano são menores não acompanhados – enviados pelos próprios pais –, que chegam à procura de trabalho e estudo. Segundo notícias de janeiro de 2019 dos jornais italianos, os rostos de menores não acompanhados ganham uma nova configuração, uma vez que, fechadas as fronteiras para a África, os caminhos da Albânia fazem chegar mais jovens desse país à Itália a cada dia.

Egzon, de 17 anos, vive há dois na comunidade *Villaggio del Fanciullo*, em Lucca, na Toscana. Ao passar um tempo debruçado sobre a foto, ele narrou sua história:

> em 1997, quando terminou a ditadura, isto é, com a morte de Enver Hoxha, ninguém pensava em permanecer na Albânia. Todos saíam de navio sem ao menos saber para onde iam. Alguns pensavam que não conseguiriam. Por exemplo, meu tio que foi para a Alemanha com a embaixada me disse, há muito tempo, que quando ele saiu de navio tinha apenas 18 anos de idade, estava muitíssimo confuso e não sabia onde desembarcaria. As pessoas imaginavam um outro mundo, como pensei também eu. Na Itália, a acolhida é boa porque nos oferecem tudo de bom, os meios para seguir a diante, mas isso não quer dizer que todas as pessoas aceitam você,

porque algumas lamentam sobre o trabalho, algumas não sabem o significado (princípio) da palavra "igualdade". Além do mais, elas se esquecem que antes de nós eles imigraram para o exterior como fazem as pessoas "pobres" atualmente. Na minha opinião, eles precisam entender o sentido da palavra "empatia".[14]

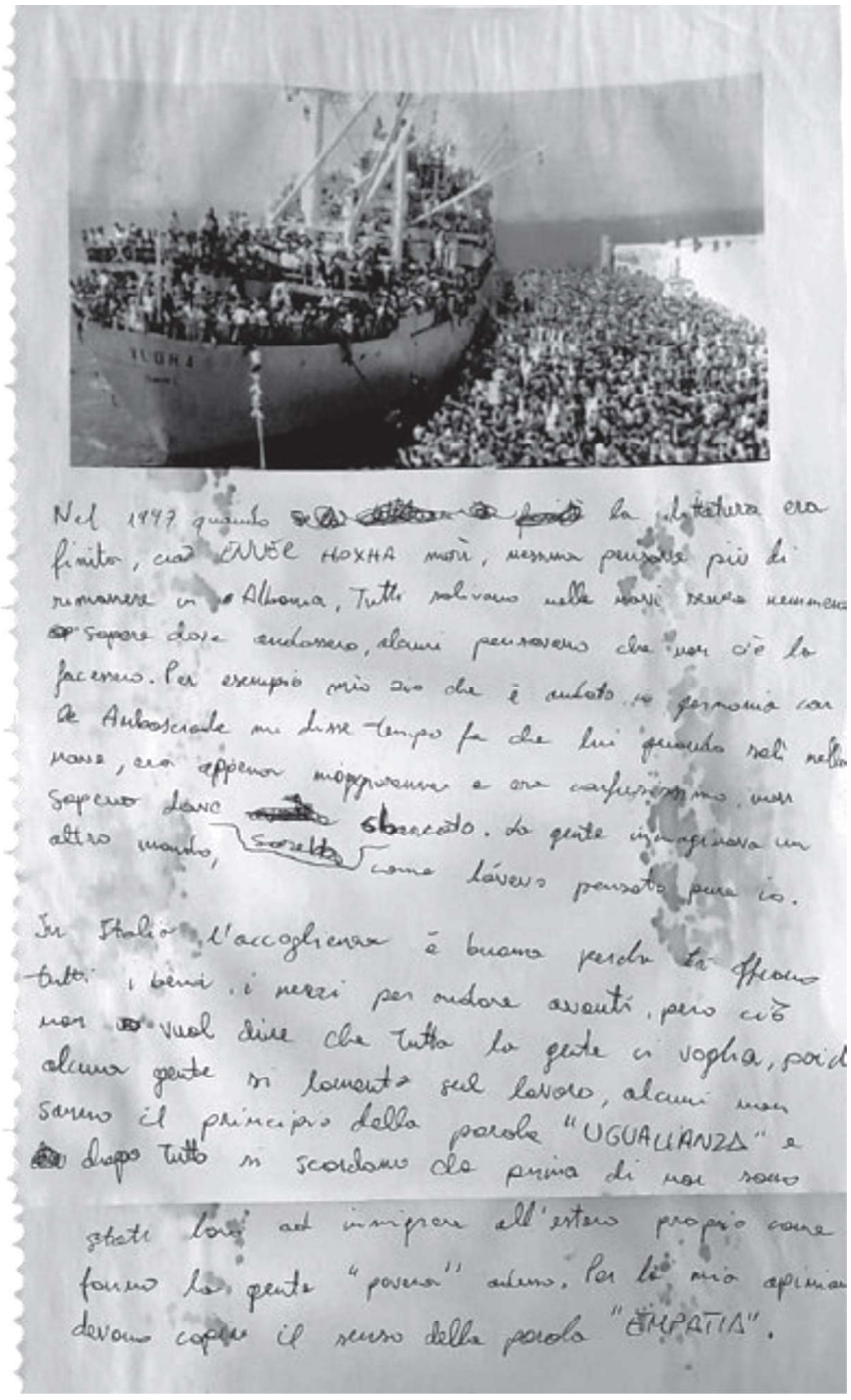


Figura 15: Análise fotográfica de Egzon, albanês, feita durante pesquisa de campo da autora, na Casa de acolhida, Villaggio del Fanciulo, Lucca, Toscana, IT, 2018.

[14] Entrevistas realizada em fevereiro de 2018.

Mapa 3: Trajeto feito por Egzon para chegar à Itália.
Cartografia: Luís Augusto Pereira Lima

A reflexão de Egzon demonstra sua facilidade em compreender o significado da imagem, que o reportou às lembranças da época na qual os seus foram obrigados a migrar e das histórias contadas pelo tio. De acordo com a pesquisadora, Simonetta Persichetti:

> toda imagem é, por si só, informativa, pois carrega consigo uma mensagem mais ou menos fácil de ser apreendida e interpretada. A função comunicativa da imagem está relacionada ao estabelecimento de uma relação direta com o observador, seja para "induzi-lo a uma ação, instruí-lo sobre determinado processo ou simplesmente transmitir-lhe uma informação específica de interesse e utilidade imediatos". Essa também é uma função comum a todas as imagens (Persichetti, 2014, p. 7).

Em outras palavras, entre a fotografia e o espectador acontece um diálogo aberto, no qual o significado e o sentido da imagem são revelados ao intérprete, criando uma sincronia que o transporta para um segundo diálogo que se dá no campo da memória, gerando uma interação entre passado (imigração dos antepassados),

presente (a própria imigração), memória e história (o que contaram os pais e a experiência vivida), que se concretizam nas conclusões testemunhadas na expressão oral, nesse caso, de Egzon.

Ao ver a imagem de 1991, Giti Ferhati, 22, recorda sua saída, ainda criança, da Albânia. Na época, ele tinha o irmão mais novo, Toni Ferhati, de 12 anos, sob sua responsabilidade.

> Vim para a Itália em maio de 2011. Parti com meu irmão de 12 anos e eu, 14. Acompanhados de nosso pai, fizemos parte do caminho a pé e outra de carro, até chegarmos no porto de Durazzo. De lá, seguimos até Bari com amigos que papai conhecia. Em Bari, encontramos um amigo que nos acompanhou até Bologna, onde tinha um outro amigo nos esperando, que nos levou até Firenze, onde nos esperava um outro amigo, que nos levou até Lucca de trem. Era um caminho longo, parecia que estávamos atravessando o mundo todo.
>
> Aquela gente não sabia exatamente para onde ir [fazendo menção ao navio Vlora, na foto], mas esperavam chegar à Itália, porque sabiam que a vida lá era diferente. Nesse período, a Albânia vivia sob a ditatura. Hoje as coisas são diferentes, a gente, por exemplo, viaja com os documentos, mas a situação ainda é difícil. Albânia é a nossa casa, mas se cresce mal e falta muita coisa. Temos sempre vontade de voltar, mas somente para cumprimentar nossos pais, nunca permanecer.
>
> Deixamos nossa casa por vários motivos: para mudar a vida, estudar, trabalhar. Na Albânia não tinha como estudar e também meus pais não tinham dinheiro para comprar os livros. Deixamos o papai, mas ele estava orgulhoso de nós, por saber que melhoraríamos de vida. Minha mãe nunca falava nada e chorava sempre e, no fim, entendia que era melhor assim.

A fotografia, assim, provoca uma forma artística e descontraída de recordar e autoconhecer-se (Kossoy, 2001, p. 31).

Figura 16: *Corriere della Sera*. Agosto, 2017.

A foto acima, marca o início do fechamento das fronteiras italianas, em 2016, decretado pelo então premiê Matteo Salvini. Em agosto do ano seguinte, o navio Aquarius, da organização francesa *SOS Mediterranee*, que atuava em resgates no mar, pela primeira vez não pôde atracar em território italiano e permaneceu à deriva por vários dias, chamando a atenção o mundo.

Musa, 17 anos, natural do Senegal, há um ano em Napoli, apontava o dedo para a foto e era perceptível a sua emoção em se tornar o relator da história dos imigrantes, contida na imagem. Dado que, como alerta Kossoy (2016, p. 37), "toda e qualquer imagem fotográfica contém em si, oculta e internamente, uma história: é a sua realidade interior, abrangente e complexa, invisível fotograficamente e inacessível fisicamente e que se confunde com a primeira realidade em que se originou"; nesse contexto, Musa se torna testemunha oral e ocular desse factual preexistente, por fazer parte de um dos inumeráveis extraquadros[15] dos quais tantas fotos foram produzidas para contar sobre esse fenômeno da imigração no Mediterrâneo. Era como se aquele ícone o olhasse

[15] Por extraquadros, compreendemos, a partir dos conceitos de Kossoy, toda a realidade pela qual está envolta a foto. Explanaremos esses conceitos mais adiante.

e o pressionasse a falar, a não se calar. A sensação, ao observar as colocações de Musa, é que o simples fato de visualização de uma imagem possibilitava a confirmação da lembrança, que o fato realmente aconteceu ou que o seu passado não é fruto de criação mental desconexa. Ao se deparar com a imagem, parece haver uma coragem (Burke, 1937, p. 64) para continuar avante; a imagem parece estimular a dar o próximo passo, a enfrentar o próximo desafio. Como enfatiza Suzan Sontag (1981), "a fotografia pode constituir perfeitamente a prova irrefutável de que certo evento ocorreu".

Figura 17: *Corriere della Sera*, 2017

> É assim mesmo como está aqui. As viagens se dão, em sua maioria nessas embarcações pequenas. São frágeis porque é um tipo de plástico e a qualquer hora pode romper quando a água começa a entrar. Quando a água entra, enche e, com tanta gente [estas embarcações costumam transportar mais gente do que o suportável, 150 a 160 pessoas], torna-se pesada, rompe ao meio e, geralmente, todos morrem.[16]

Esse "é assim mesmo como está aqui", como a dizer: "eu me lembro, eu vivi isso", parece ser a garantia, o selo de que a imagem recupera a memória e a eterniza no tempo, permitindo que a identidade cultural, as raízes, o passado, com suas marcas positivas ou negativas, não sejam apagados no desenrolar da travessia. Até mesmo porque toda travessia supõe a promessa de uma nova vida, com novas experiências em contexto totalmente outro.

A história da humanidade se assegura, graças a esse "memorial itinerante humano", que cada pessoa transporta consigo e cada vez de novo, um ágil processo de renovação. Cada experiência vivida adquire novos elementos que abastecem esse *memorandum*, porque a memória é garantia de que a história pessoal, cultural, identitária se perpetuará no tempo e "só a memória coletiva seria capaz de promover verdadeiramente essa continuidade, por 'não reter do passado senão o que ainda está vivo ou é incapaz de viver na consciência do grupo que o mantém'" (Halbwachs, 2006, p. 102).

> Isso, graças às experiências passadas que sempre de novo são acumuladas e que se tornam substratos que alimentam e formam o conjunto de características que distinguem uma pessoa, individualizando-a. "O vínculo com o passado é vital, porque dele se extrai a seiva para a formação da identidade" (Bosi, 2012, p. 198). Isso dado que "a memória é, sim, um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo" (Bosi, 2003, p. 53).

Musa apontava para o bote de borracha, na foto, como se quisesse tocar e fazer sentir na ponta dos seus dedos, e dos meus, o quanto é um material frágil e porque milhares de vidas se consomem, para sempre, no mar. Com a ponta do indicador

[16] Fala de Musa em entrevista em Napoli, 13.09.2018.

riscando e passeando sobre as cores que demarcavam, na foto, a frágil embarcação, explicava:

> isso daqui é plástico, desfaz facilmente, entende? E quando começa a rasgar, cada qual procura se salvar como pode, porque o mar é algo muito perigoso, com o mar não se brinca. O problema é que o mar não tem paredes ou algo em que podemos nos segurar. Imagine comigo: se estou em terra firme e vem muita água, procuro uma madeira, uma árvore, uma parede para me segurar. No mar, eu não tenho essa possibilidade, de jeito nenhum. Perigoso, o mar. Então, cada um, embora tenha vontade de ajudar os colegas que estão caindo na água, sofre, mas precisa buscar a própria salvação e não tem muito a fazer.

O MAR

Conheces o mar, Rosa?
Não? Ah, eu conheço!
Mas nem queira conhecer a fundo o mar, Rosa.
O mar é perigoso
Assombroso
Toma a vida da gente,
De repente
Num átimo ele te consome
No fundo do mar, Rosa...
No fundo do mar
Tem ostras, algas
Tem mistério
Mas, o mais triste, Rosa...
No fundo do mar
Tem um cemitério
Triste, Rosa!

(Rosa M. Martins, 05.01.2025)

Mapa 4: Trajeto feito por Musa e Mbarack para chegarem à Itália.
Cartografia: Luís Augusto Pereira Lima

Se partimos do conceito de Norberg-Schulz (2006) de que habitar é estar em paz em um lugar protegido, Musa e Mbaarak nos trazem um conceito ideal da significância do lugar. O arquiteto norueguês, Norberg-Schulz se deslancha em uma fenomenologia da arquitetura e nos propõe pensar o lugar a partir da filosofia como habitat do homem no mundo.

Quando Musa e Mbaarak, de olhos fixos naquelas imagens, relatam sobre a insegurança dos imigrantes no mar e que a falta de paredes, de algo que lhes dê segurança como a terra firme, levam, inclusive, muitos de seus compatriotas à morte, eles estão exatamente dizendo em outras palavras, a partir da experiência, a teoria de Norberg-Schulz. Isso quer dizer que é a arquitetura como construção (casa, parede), o conjunto da natureza, árvores, troncos, chão, tetosão "horizontes, fronteiras e enquadramentos da natureza" (Norberg-Schulz, 2006, p. 433), que localizam o homem na existência e lhes conferem autonomia, equilíbrio, resguardo e possibilidade de viver na qualidade de ser-no-mundo.

O mar se torna – a partir do testemunho de Musa e Mbaarak, lugar do desiquilíbrio, da insegurança – um não-lugar muito específico e novo, no sentido de que, talvez, depois do dilúvio, narrado pelas Escrituras Sagradas, seja o único acontecimento na história da humanidade em que milhares e quase milhões de pessoas perdem suas vidas. Os meninos viveram a sensação de estar fora de lugar, pois como alega Norberg-Schulz, a casa, a mesa, trazem para perto o mundo, o habitat original, onde o ser humano é, onde realiza o seu existir.

Roubo de Georg Trakl o poema "Uma noite de inverno" e trago-o como uma homenagem a Musa e Mbaarak, que viveram por algumas horas, mar adentro, a experiência de estar fora do seu habitat seguro, como seres humanos que estão na existência para viverem em segurança. O próprio Norberg-Schulz fala do poema que narra a "situação da vida cotidiana em que o aspecto do lugar é fortemente sentido" (Norberg-Schulz, 2006, p. 445):

UMA NOITE DE INVERNO

Quando a neve cai na janela
E os sinos noturnos repicam longamente,
A mesa, posta para muitos.

E a casa está bem-preparada.
Há quem, na peregrinação,
Chegue ao portal da senda misteriosa.
Florescência dourada da árvore da misericórdia,

Da força fria que emana da terra.
O peregrino entra, silenciosamente,
Na soleira, a dor petrifica-se,

Então, resplandecem,
Na luz incondicional,
Pão e vinho sobre a mesa.[17]

[17] Tradução de Liliane Stahl.

Todos os elementos trazidos no poema compõem o verdadeiro lugar do homem como ser humano no mundo e os quais Musa e Mbaarak, por meio da análise da fotografia, puderam lembrar que lhes fizeram falta durante a travessia em meio às ondas do mar.

O mar nos recorda, ainda, no contexto dessa experiência vivida, o limite, a fronteira, que no poema pode ser representada pelo portal, que se torna, ao mesmo tempo, sinônimo de promessa e esperança. Estar no mar parece ser uma experiência de estar entre a vida e a morte, a acolhida e a marginalidade. O sonho, parece óbvio, é alcançar a terra firme, ou um lugar onde a promessa se cumpre. O mar se torna, assim, esse portal misterioso pelo fato das infinitas possibilidades e pela incerteza sobre o que está para além dele e que, ao mesmo tempo, impulsiona o risco de atravessá-lo em vista de uma paragem segura, onde haja pão e vinho sobre a mesa, como narra o poema.

Bosi, ao falar sobre o desenraizamento, chama atenção para aquilo que constitui a essência do lugar, quando ela sustenta que:

> [...] os urbanistas, quando fazem projetos sobre as cidades, deveriam escutar os velhos moradores e estarem abertos à sua memória, que é a memória de cada rua, de cada bairro. Eles estariam recuperando a dimensão humana do espaço que é um problema político dos mais urgentes (Bosi, 2013, p. 199)

Assim, Bosi acaba por confirmar que o mundo é o lugar ontológico do homem enquanto ele aí habita e é como se esse *habitat*, o lugar, o espaço por onde ele passa, ficasse como que imbuído do espírito (Norberg-Schulz, 2006, p. 448), das marcas do humano, do modo de ser desse ente que é preciso ser respeitado, em uma dinâmica atenta, aberta e de ausculta.

Às vezes me ponho a pensar sobre o que "o fora" da filosofia – pensado por Foucault, Sartre, Blancot e Deleuze – quer dizer sobre esse mesmo modo de *ser-aí* do homem, que do ponto de vista ontológico está sempre "fora", "para além de", "em busca de".

Assim, os migrantes se tornam protagonistas da itinerância, indicadores de um não-lugar que os permitem fazer novas experiências de liberdade, de relacionamentos, de vida, enfim, porque, como afirma Norberg-Schulz (2006), esse espaço entre

o céu e a terra, lugar do homem, possibilita-lhe ver o que não viu, sentir o que não sentiu e estar sempre à cata do impalpável – retornando à fotografia –, do não fotografável, do não dizível, do invisível. Talvez se possa pensar assim, o não-lugar também da imagem: aquilo que está entre o fotógrafo e a foto, entre o real e representação. Portanto, seja na dinâmica de migrar ou de fotografar, o homem carrega a mesma angústia e a mesma sede: encontrar a essência, experienciá-la. Maria Luisa Ferreira Fonseca, ao tratar do não-lugar da imagem, assim se expressa:

> o que dá acesso ao *não lugar da imagem* é a sua inacessibilidade (pelo excesso de possibilidades) enquanto presença, é impossibilidade de comunicar algo enquanto imagem. Uma imagem que cria a sua própria realidade. A imagem se projeta para o invisível e é assim que o *não lugar* "aparece". Para Blanchot (Payo, 2008), é o nada também que nos olha através da imagem: essa que nos propõe o afastamento, ao mesmo tempo em que nos convida ao contato, assim os traços da imagem se dissolvem na impessoalidade (Fonseca, 2015, p. 129).

Todo o caminho percorrido até aqui, por meio da colocação de Musa, faz com que retomemos o pensamento de Kossoy: que as imagens têm esse poder de aguçar nossa memória, a imaginação e nos transportar para a primeira realidade, misturando-se no recôndito da memória às nossas experiências passadas, ao que pensamos e ao que sentimos. Ele sobreleva que:

> a fotografia estabelece em nossa memória um arquivo visual de referência insubstituível para o conhecimento do mundo. Essas imagens, entretanto, uma vez assimiladas em nossas mentes, deixam de ser estáticas; tornam-se dinâmicas e fluídas e mesclam-se ao que somos, pensamos e fazemos. Nosso imaginário reage diante das imagens visuais de acordo com nossas concepções de vida, situação socioeconômica, ideologia, conceitos e pré-conceitos (Kossoy, 2016, p. 46).

Figura 18: Musa e Mbaarack analisando as imagens. Casa de acolhida dos Salesianos, em Napoli.
Foto: Rosa M. Martins, 2018

Era como se a fotografia transportasse Musa e Mbaarak para dentro daquele bote e os levasse a reviver comigo a sensação de insegurança, de medo, de encontro com a morte, de se encontrar em um não-lugar.

Ainda, em conformidade com Kossoy, a imagem fotográfica tem esse poder de ser a testemunha visual de um determinado fato com alcance muito mais abrangente que os textos escritos. Isso se dá por sua peculiaridade, por trazer em si maior possibilidade de ativação da memória afetiva, visual-mental, psicológica e histórica do todo que envolve o ente, nesse caso, objeto da fotografia.

> Toda e qualquer fotografia, além de ser um resíduo do passado, é também um testemunho visual, no qual se pode detectar – tal como ocorre nos documentos escritos – não apenas os elementos constitutivos que lhe deram origem do ponto de vista material. No que toca à imagem fotográfica, uma série de dados poderá ser reveladora, posto que jamais mencionados pela linguagem escrita da história [...] (Kossoy, 2001, p. 49).

Talvez se possa acrescentar ao pensamento de Kossoy o famoso ditado atribuído ao pensador e filósofo francês Confúcio, que "uma imagem vale mais que mil palavras" (Confúcio, 552 a.C.), para dizer sobre a força das imagens que, com seus valores simbólicos, transmitem mais que o texto.

Isso nos remete à importância do fotojornalismo, que reúne em si texto e imagem. Embora tenham características específicas, natureza e independência, o texto pode enriquecer a imagem quando ele a envolve como um "extraquadro", contextualizando-a e afirmando a sua veracidade histórica.

> A história não acompanha a imagem sozinha. A imagem necessita de informações de diferentes naturezas, de informações sobre as pessoas, sobre o contexto, o que se passava na Europa naquele momento, ou seja, eu chamo isso de extraquadro: o que envolve essa imagem desde o mais próximo até o mais longínquo (Kossoy, 2001, p. 25

A imagem faz parte da história da humanidade desde todo o sempre, bem antes do aparecimento da escrita, o que talvez explique essa familiaridade e encantamento do homem. Ela possui uma capacidade única de me transportar ao lugar onde se deu, onde se fez e por isso possibilita o reviver, o emocionar, o rememorar e o lembrar de novo.

Se é que podemos aplicar aqui uma ontologia da imagem, diferentemente do texto, a imagem me dá a aparência da coisa, do ser, do inapreensível, do não fotografável da foto. O texto pode me fazer lembrar, mas não me dá a possibilidade de ver a aparência do real. Para mim, a estrita diferença entre imagem e texto reside neste fato: ela faz visualizar a aparência da coisa, como se essa viesse até o ser e pudesse dialogar com ele, a ponto de emocionar, de tocar a imaginação, de reavivar as lembranças, de levar ao passado mais remoto, como atualização do fato que vive no ser no exato momento em que os olhos se dirigem para a imagem.

O que parece acontecer é uma espécie de contemplação, na qual passado e presente, ser e imagem, o *eu* e a foto fundimo-nos em uma única coisa, a tal ponto que, diante da foto, a reação físico-psicológica pode ser de lágrimas de saudade, de dor, de compaixão, de sofrimento, de alegria e até mesmo de agressão. Eis a potência da

foto em detrimento do texto. É por esse ângulo que Kossoy declara que "as imagens revelam seu significado quando ultrapassam sua barreira iconográfica; quando recuperamos as histórias que, em sua forma fragmentária, trazem implícitas" (Kossoy, 2007, p. 147); e parece ser nesse sentido que a fotografia estabelece uma estreita relação indispensável com a história.

POEMA MENOR

Neste abrigo me abrigo
Até que o abrigo não me desabrigue
E me obrigue a abrigar num desabrigo.
E o caminho continua...
Meus pés estão calçados de sonhos
Meu coração bate no ritmo da esperança
Sou um menor, tenho tempo...
Eu vou...

(Rosa M. Martins, 27.12.24)

Figura 19: Emigrantes no desembarque no sul da Itália.
Foto: *ANSA* 2016

A foto acima é uma das trabalhadas com os menores não acompanhados na cidade de Massa Macinaia, no município de

Lucca, na Toscana. Retrata o dia a dia de imigrantes que fazem a travessia no Mediterrâneo África-Europa. Como um momento recortado no tempo e no espaço pelo fotojornalista, ela traduz a constante jornada de milhares de refugiados sendo socorridos. Ao deparar com tais imagens, Malikah teve uma reação, para nós, inesperada e surpreendente. Enrijeceu o rosto, baixou os olhos, ficou imóvel na cadeira e parecia esconder a dor, a vontade de chorar. Olhando as imagens por baixo da pestana, retrucou com um tom de agressividade misturado com gentileza, talvez ato próprio de quem se sente invadido na sua privacidade:

> eu não penso nada sobre esta foto. Eu não (silêncio). Para mim é passado. E não quero falar (silêncio), de coisas (silêncio), de antes. (Silêncio) E me basta. Eu esqueci tudo (silêncio). Eu não penso nada. Essas fotos mostram, sim, a realidade da África (silêncio).[18]

Mapa 5: Trajetória de Malikah para chegar à Itália
Cartografia: Luís Augusto Pereira Lima

[18] Afirmação durante entrevista com a autora, em outubro de 2018

Creio ser nesse sentido que toma curso o pensamento de Martine Joly ao fazer referência à força da imagem, quando afirma que "recordamos melhor as imagens que os textos. As imagens se sobrepõem à consciência, nessa rememoração, e acabam adquirindo forte poder sobre nosso comportamento" (Joly, 2005, p. 161).

Diante da postura de Malikah, afetada por seu atuar, comecei a me perguntar: será que ele vai chorar? Ou, não chorou por quê? Por força da cultura que, talvez, não permita que homem chore? Ou para desafiar a si mesmo a ser forte, demonstrando que, de fato, o passado passou? Na minha posição de jornalista e pesquisadora, eu deveria permanecer o mais imparcial possível.

Não sei dizer, posso imaginar, a partir do meu filtro, o que aconteceu no interior de Malikah. De mim, confesso que diante da sua reação me senti culpada perante uma pessoa que viveu momentos duros, sofridos, de alguém marcado pela dor, pelo sofrimento. Imobilizei-me. Tive vontade chorar e pedir desculpas. Esses parecem ser os caminhos para os quais as imagens nos conduzem. As palavras se esvaíram. O seu silêncio clamou ao meu.

Foram sete os intervalos de silêncio por Malikah; ao último, deu forma mais prolongada, como se as palavras tivessem se despedido para sempre. E nos incomodou a tal ponto que um educador, participante da roda, disparou em perguntas na tentativa de preencher aquele intervalo que causava incômodo.

Eclea Bosi (2012, p. 197), ao dar algumas contribuições para quem entrevista uma pessoa, preconiza se manter naquele cuidado de não interromper nenhuma atitude do entrevistado, respeitando qualquer manifestação, dada a importância da sua memória histórica a se revelar em todo o seu ser. Ela sustenta que:

> quando a narrativa é hesitante, cheia de silêncio, ele não deve ter pressa de fazer interpretação ideológica do que está escutando ou de preencher as pausas. Importante destacar que a fala emotiva e fragmentada do nosso memorialista é portadora de significações que nos aproximam da verdade. Nós temos que aprender a amar esse discurso tateante, as suas pausas, as suas franjas, com fios perdidos quase irreparáveis. Bem mais que um documento unilinear, a narrativa da testemunha mostra a complexidade do real. Oferece uma

> via privilegiada para compreender a articulação dos movimentos da história com a cotidianidade. É muito belo escutar esse rememorar meditativo da testemunha. E nós, então, compreendemos que se pode fazer da memória um apoio sólido para a construção do presente, e ela se torna para nós uma verdadeira matriz de projetos (Bosi, 2012, p.197).

Bosi me consome de aprazimento ao afirmar, como pesquisadora, que é muito belo escutar esse rememorar meditativo da testemunha, porque é a partir da escuta aberta e respeitosa que se pode entender porque a memória se torna uma fortaleza para a elaboração do presente e da sua história vindoura.

Meu exercício de escuta clamava aos céus, às lágrimas, ao coração, porque a memória é a vida vivida, da qual sou agraciada, com a chance de me encurvar em um ato de respeito silencioso e amoroso – no momento em que o silêncio da testemunha-narrador rouba a cena e silencia-me e conduz-me para os caminhos da contemplação – diante desse ser que está revelado e escondido na fotografia e, ao mesmo tempo, todo presente em humanidade e dignidade à minha frente. Em um ato de confiança, ele se dá a conhecer a mim.

Em seu livro *As formas do silêncio no movimento dos sentidos* (2007), Eni Pucinelli Orlandi procura dar ao silêncio o seu verdadeiro lugar na construção do sentido na linguagem humana. Para ela, a fala tem uma espécie de poder de subjugar o sentido. Porque "a linguagem é conjunção significante da existência pelo homem para domesticar a significação" (Orlandi, 2007, p. 11) e nesse processo a fala acaba por dividir o silêncio, dispersando-o.

Malikah, ao silenciar diante das imagens, entrou em um processo diferente e nada casual de adentrar na significação, de dar lugar à quietação. A foto o provocou a um discurso não linear e nada costumeiro, acarretando às pessoas em relação consigo, naquele momento, um afetar-se, a ponto de buscar socorro nas palavras e tentar calar seu silêncio. Porque, a meu ver, esse silêncio/repouso – que não era distanciamento, mas presença/ausência laboriosa no processo deprodução de sentido diante do apelo da imagem – desconcerta, afeta a alteridade, tirando-a da zona de conforto e mexendo com todo o seu arcabouço ideológico e dominador, que

necessita significar por meio de palavras. Nesse percurso, Orlandi aduz que:

> falar e silenciar são formas diferentes de estar no sentido, o que é natural no jeito humano de significar, de se relacionar com o mundo, com as coisas e com as pessoas. [...] O ato de falar é o de separar, distinguir e, paradoxalmente, vislumbrar o silêncio e evitá-lo. Esse gesto disciplina o significar, pois já é um projeto de sedentarização do sentido. A linguagem estabiliza o movimento dos sentidos. No silêncio, ao contrário, sentido e sujeitos se movem largamente (Orlandi, 2007, p.11).

Os hiatos de silêncio que envolviam a presença de Malikah e a sua fala eram como que uma interpelação, uma invocação ao pensamento, à contemplação da história revelada na foto (segunda realidade) e no fato vivenciado e presente na e pela pessoa de Malikah. Orlandi lembra que:

> quando não falamos, não estamos apenas mudos, estamos em silêncio. Há o "pensamento", a introspecção, a contemplação etc. O nosso imaginário social destinou um lugar subalterno para o silêncio. Há uma ideologia da comunicação, do apagamento do silêncio, muito pronunciada nas sociedades contemporâneas. Isso se expressa pela urgência do dizer e pela multidão de linguagens a que estamos submetidos no cotidiano. Ao mesmo tempo, espera-se que se estejam produzindo signos (visíveis e audíveis), o tempo todo. Ilusão de controle pelo que "aparece": Temos que estar emitindo sinais sonoros (dizíveis, visíveis) continuamente (Orlandi, 2007, p. 35).

Mas o que aconteceu com Malikah diante das fotos vistas? Penso que uma apreciação da imagem e uma interpretação da mesma ou, até mesmo, um profundo diálogo entre os dois. A foto aguçou, em Malikah, suas lembranças, tocou seu coração, os sentimentos e a vida, de tal forma que pôde relembrar, fazer memória, e de uma maneira tão intensa, do fato, que o seu físico e a sua psique reagiram concretamente aos olhos dos presentes.

Malikah permaneceu calado e cabisbaixo por um longo tempo, mas se manteve firme na reunião, enquanto seu amigo hoje e colega de travessia – durante a qual se conheceram –, Skanford, fazia a sua

apreciação das imagens, interpretando-as. Mas, segundo Orlandi: "o silêncio não é, pois, imediatamente visível e interpretável. É a historicidade inscrita no tecido textual que pode devolvê-lo, torná-lo apreensível, compreensível" (Orlandi, 2007, p. 45).

O silêncio vem carregado de sentido e não significa que, por não ser diretamente observável, seja vazio. Não. "Nós o sentimos, porque ele é, está aí, no sorriso da Gioconda, no amarelo de Van Gogh, nas grandes extensões" (Orlandi, 2007, p. 45) e, eu diria, nas pausas e no baixar dos olhos, no corpo imóvel e no tímido e leve jeito afável de Malikah.

Com as colocações de Skanford, Malikah ganhou coragem e começou a participar, espontânea e livremente da conversa, e interveio:

> é um uma viagem muito perigosa, e eu não aconselharia ninguém a fazê-la. Morre muita gente pela estrada. Fui de Mali à Nigéria, onde fiquei cinco meses trabalhando. Lá me pagaram um mês e outro não. Vim para a Líbia trabalhar, e eles me levaram para a prisão; pediram para eu chamar meus parentes na África, mas eu sou órfão e não tinha como chamar ninguém para mandar dinheiro e sou filho único. Alguém pagou para mim. E uma noite os árabes vieram e me disseram: "vamos!" De repente, eu me vi a bordo da barca e vi o mar. Muitos tinham medo. Fiquei um mês na prisão. Desembarquei em Bari e depois me transferiram aqui com a Cruz Vermelha. Para mim, foi triste. Eu passei muita fome na viagem. A Líbia não tem governo e, para eles, prender os africanos é uma possibilidade de trabalho. Eu vim, mas não sabia que era uma viagem para a Itália. Eu já tenho o diploma.

Nesse momento, Malikah já tinha um ar mais sereno e menos rígido, ele se continha, de forma elegantemente forte diante do grupo, com uma história tão dolorosa, mas com uma expressão facial antes não vista: a cabeça estava erguida, os olhos caminhavam em direção dos presentes. Comecei a perguntar a mim mesma: será que a fotografia, ao funcionar como acesso para a memória não desempenharia, ao mesmo tempo, um papel psicoterápico?

Creio ser nesse sentido que o antropólogo Philippe Descola enfatiza que figurar é tornar visível, por meio da imagem, os

contrastes e as continuidades que aprendemos a perceber no mundo, de acordo com a cultura dentro da qual fomos criados (Descola, 2011, p. 3). Ou seja, a retratação ou figuração nos ajuda a visualizar, a partir das nossas experiências culturais, o mundo que nos circunda.

Porém, diante desses relatos, Kossoy desperta a nossa atenção para o que ele chama de primeira e segunda realidades da fotografia. Malikah percorre todo um trajeto histórico, psíquico e emocional, não a partir do fato, mas da foto. O fato aconteceu em um passado não muito distante, mas ele se encontra diante de uma foto (segunda realidade) que o transfere, a partir da memória, para a primeira realidade: o fato vivido e experienciado por ele há um ano. Dirá o pensador: "Falo em realidades porque o fato não é uma única realidade, pois dependendo de quem está observando ou estudando, haverá um entendimento dessa realidade. Ela não é una" (Kossoy, 2014 p.25)

O trabalho de interpretação feito pelos menores pode nos ajudar a ilustrar o pensamento de Kossoy. Musa e Malikah não se conhecem, aliás nunca se viram. Residem em lugares diferentes na Itália e vieram de países díspares da África. Diante da mesma imagem (*SOS Mediterranée*), eles têm interpretações totalmente distintas. Enquanto para Malikah (na Toscana), em um primeiro momento o retrato despertou emoções fortes, fazendo-o reviver o passado de maneira intensa, Musa (em Napoli) tinha uma outra interpretação: "Eu acho que os jornais deveriam fotografar mais os imigrantes, sobrevoando alto, para que as pessoas pudessem ver a situação deles no mar e pudessem salvar as suas vidas".

Essa colocação de Musa ajuda a perceber, como enfatiza Kossoy, que "não existe, na representação fotográfica uma única realidade. Existem inúmeras realidades em função das inúmeras interpretações. Não há uma interpretação. Não é uma sentença matemática, como dois mais dois é igual a quatro" (Kossoy, 2014, p. 26)

Figura 20: *Corriere della Sera, 2016*

É que a fotografia favorece a possibilidade de criar realidades. Tanto quem fotografa quanto quem faz a apreciação de uma imagem está em um processo de gerar realidades. Boris Kossoy chama a atenção para o fato que "a construção na produção é una, mas cada um que direciona o olhar para a foto adicionará a ela um ingrediente a mais, o que dará origem às ficções. E a ficção está instalada na própria realidade" (Kossoy, p. 27). A fotografia, nesse caso, dá a possibilidade de compreensão do mundo a partir da visão de mundo de cada qual, a partir do seu preparo individual e das experiências vividas.

Skanford, já mencionado acima, ao olhar as imagens sobre a mesa, imediatamente começou a relatar suas experiências desde quando vivia com a família em Gana e as motivações pelas quais resolveu fazer a travessia:

> eu cheguei no ano passado. Tenho 17 anos. Vim de Gana. Meu pai já faleceu e tenho mãe e uma irmã pequena. De Gana, fui de ônibus até Benin. Do Benin a Níger, da Líbia

a Calábria. Viajei seis dias no deserto em um carro. Eu vim com alguns amigos. Deixei meu país quando meu pai morreu, aos 40 e poucos anos, e minha mãe se casou com outro homem e foi morar em outra cidade. Minha relação com meu padrasto não era boa. Ele fazia coisas que não me agradavam, por isso deixei meu país. Quando saí de casa, encontrei uma pessoa que me convidou para ir a uma outra cidade de Gana, mas na verdade ele estava indo para Líbia, e eu não sabia. Chegando na Líbia, eu o deixei em uma cidade, de que não me lembro o nome, e vim para a Itália. Na minha barca não tinha muita gente de Gana. Mais ou menos 160 pessoas. Na Calábria, fiquei quatro dias, com a Cruz Vermelha. Fiquei três meses em Lucca. Eu estava (risos de alegria) muito feliz de vir para a Itália. A barraca da Cruz Vermelha, era muito quente, com 100 pessoas. Aqui na Casa de Acolhida *Odisseia* estou fazendo o Ensino Médio. Não falo mais com meus parentes e não sei onde e nem como eles estão. Quando eu cheguei não entendia nada de italiano.

O SEU SILÊNCIO, MALIKAH

Ah, o silêncio
O silêncio fala, cala
O silêncio re-vela
Carregador de sentidos
Gosto de vê-lo por aí
Gosto de contemplá-lo
No amarelo de Van Gogh
No sorriso da Gioconda
E no "Jovem Camponês" de Bartholomé Esteban.
Eu gosto de curtir o silêncio
No rosto esperançoso de Malikah
Seu silêncio, Malikah, clama ao meu
E no silêncio
Respeito
Acolho
Lacrimejo
Compadeço
Re-ve-ren-cio Malikah.

(Rosa M. Martins, 27.12.24)

Mapa 6: Trajetória de Skanford para chegar à Itália
Cartografia: Luís Augusto Pereira Lima

A fotografia possibilitou a Skanford identificar e descrever o seu passado, detalhando as experiências, nomeando as situações, revivendo momentos que lhe pareciam duros de enfrentar. Vale salientar que em todos os entrevistados, a ênfase ao fazerem o relato é dada na memória acessada pela imagem, no reacender de momentos particulares e pessoais, e não aos aspectos visíveis na foto.

Segundo Le Goff, a fotografia "revoluciona a memória: multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo assim guardar a memória do tempo e da evolução cronológica" (Le Goff, 1990, p. 245). Olhar a foto faz recordar os momentos da travessia nela retratados, mas vai muito mais além, transportando o sujeito para bem distante dessa representação (segunda realidade), para os porões do inconsciente nos quais estão bem guardadas as experiências que provocaram a situação na qual se encontra: imigrante em terra estranha, participante de uma casa de acolhida, carregado de experiências novas. Ao funcionar como gatilho, a foto faz com que

o indivíduo recorde e viva tudo novamente, como se ele estivesse todo inteiro naquele passado.

Musa, o garoto de Senegal, que vive em Napoli, citado antes, ao se deparar com a fotografia abaixo, descrevia e identificava situações vividas por ele e por todo imigrante em situação de viagem via Mediterrâneo, de tal forma que a foto (segunda realidade) o transportava mais uma vez de encontro com o que viu e testemunhou com a própria vida. Como se a foto em sua memória ganhasse vida e movimento, e o passado borbulhasse de novo, outra vez no seu presente. "Isso que você vê aqui...é desse jeito mesmo que as pessoas ficam. É muita gente. Homem, mulher e criança, pessoas doentes, tristes, alegres, com fome, com sede, cansadas, todas juntas como mostra esta foto", diz o garoto.

Figura 21: ANSA, 2016.

Se por um lado, para Musa e seus colegas de travessia essas imagens aguçam os sentimentos mais profundos, têm um significado histórico-cultural, "elas pouco ou nada informam ou emocionam aqueles que nada sabem do contexto histórico particular em que tais documentos se originaram" (Kossoy, 2001, p. 152).

Penso ser nesse sentido que essa memória, essa expressão oral à qual a fotografia conduz Musa, torna-se objeto de força e resistência pela propriedade do testemunho oral e vivencial do sujeito em questão, e o faz não somente falar com altivez do que está expresso na foto, de modo que ela própria atua como testemunho histórico, em vista de um processo de luta pela integração do indivíduo no novo contexto. Ao verificar e apreciar a fotografia diante dos olhos, Musa se apropria da sua história mais uma vez, agora como protagonista e testemunha do seu mundo – aqui entendido como todo o seu arcabouço cultural, cognoscente, espiritual, humano, de imigrante – a outros e novos mundos (outras culturas e povos que jamais ouviram ou conheceram a realidade relatada).

É essa memória, estimulada, também pela fotografia que, além de garantir a esses menores que os seus cérebros estão em perfeito funcionamento, permite, também, a confirmação da própria identidade. Recordar possibilita a conscientização do próprio eu. Talvez seja esse o grande contributo da fotografia no processo de resgate da própria cultura e identidade nos diferentes aspectos da travessia. A perda de contato com essa memória ou dos laços com o passado pode causar confusão mental, outrossim, dirá Milton Santos, "a memória fortalece a integridade física e psíquica em espaços turbulentos. A memória reproduz o passado, dando consistência ao presente" (Santos, 2006, p. 222).

No pensamento de Eni Orlandi, a memória é caracterizada pelo discurso. E nessa perspectiva ela é tratada como interdiscurso, definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos de memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra (Orlandi, 1999, p. 31-32).

Destarte, podemos dizer que o interdiscurso, no caso, constitutivo da memória, desperta outros interdiscursos ou memórias que afetam o modo como o sujeito, aqui retratado como o menor, significa em uma dada situação.

Ao discursar em palavras com ou sem intervalos de silêncio, relatando suas histórias entre a foto e o fato (primeira e segunda realidades), Musa, Malikah, Giti, Skanford e Muhammad aguçam nos seus interlocutores imagens, memórias históricas e conceitos apreendidos, criando outras diversas realidades – por meio de fotos ou de notícias jornalísticas, impressas ou *online* – sobre a imigração de menores estrangeiros para a Itália: de onde vêm, como chegam, para onde vão, o que fazem, o que provocam ou significam para a sociedade. É nesse sentido que Orlandi (2009, p. 31) enfatiza que o imaginário necessariamente faz parte da linguagem. Pela formação discursiva nos meios de comunicação sobre imigrantes e refugiados, existe na memória do interlocutor uma ideia desses sujeitos, que dará sustentação aos seus discursos. Para Kossoy, a fotografia fascina pelo seu caráter de dinamicidade, que nos faz dialogar com o passado, aproximá-lo de nós, fazendo-nos interagir com a memória.

SALVAR EM UM CLICK
Voar
Olhar
Observar
Fotografar
O
Mar
Para
Salvar

(Rosa M. Martins, 2019)

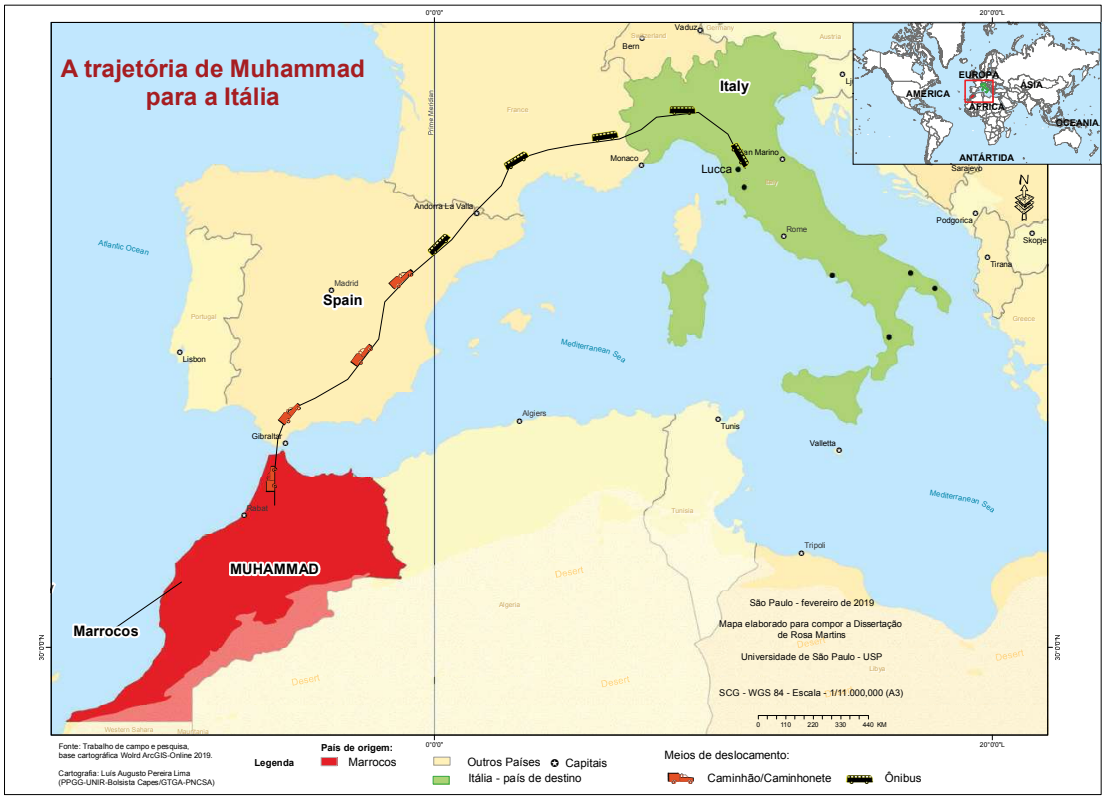
Muhammad, 18 anos, deixou Marrocos aos 11 anos e partiu não acompanhado pelos parentes, somente na companhia de outros aventureiros. Ele recorda, emocionado e agradecido, esse passado que a memória permite quase que reviver:

> as pessoas que saem da própria pátria, nunca saem por brincadeira ou por um jogo, mas porque têm necessidade e, sobretudo, porque querem melhorar aspectos da sua vida. Portanto, qualquer pessoa que chegue de uma outra parte do mundo, faz isso por trabalho, para melhorar a própria vida e encontrar outra estrada que lhe possa ajudar no futuro; ou porque não teve sorte na vida. Eu saí de casa com 11 anos e 11 meses, em 2011. Veja que sempre tem o número 1 na minha vida. Em casa, sou único. Sou eu e minha mãe. A minha decisão tem vários aspectos. Eu tinha meus amigos que iam embora, e eu sempre sozinho, outras pessoas que conheci viviam em outros países. Percebi que os meninos que permaneceram não tinham um futuro, mas um único e triste caminho.
>
> Aos 11 anos eu me sentia grande e pensava isso comigo: sou bastante grande para me defender. Cheguei aqui e vi que tantos tinham feito a mesma escolha. Estava tudo prescrito por Deus. Meus pais me colocaram em uma espécie de caminhão e não sofri muito. De lá fui até a Espanha, por uns três ou quatro dias, com paradas para comer. Comigo tinha mais três meninos. Não sei mais nada sobre eles. Falamos algum momento no Facebook, mas perdemos o contato. Uma família marroquina me trouxe para cá; eles fizeram a coisa mais linda do mundo para mim. Estou bem, estudando, fazendo uma coisa que, talvez, jamais faria na minha vida.[19]

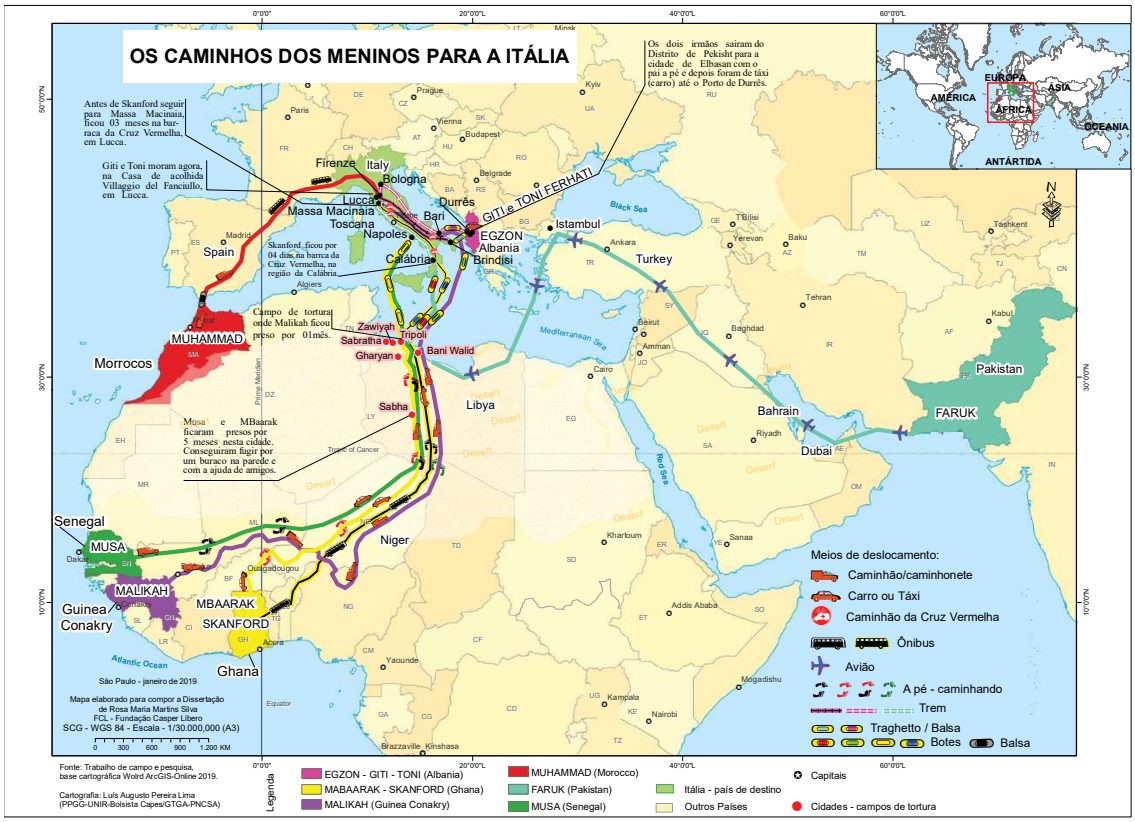
Diante do testemunho de Muhammad, pode-se recordar Kossoy:

> através da fotografia aprendemos, recordamos, e sempre criamos novas realidades. Imagens técnicas e imagens mentais interagem entre si e fluem ininterruptamente em um fascinante processo de criação/construção de realidade– e de ficções. São essas as viagens da mente: nossos "filmes" individuais, nossos sonhos, nossos segredos. Tal é a dinâmica fascinante da fotografia, que as pessoas, em geral, julgam estáticas. Através da fotografia, dialogamos com o passado, somos os interlocutores das memórias silenciosas que elas mantêmem suspensão (Kossoy, 2007, p. 147).

[19] Entrevista concedida em outubro de 2018



Mapa 7: Trajeto feito por Muhammad para chegar à Itália
Cartografia: Luís Augusto Pereira Lima



Mapa 8: Mapa geral da trajetória dos menores entrevistados para chegarem à Itália
Cartografia: Luís Augusto Pereira Lima

É dessa capacidade de fazer lembrar, é dessa capacidade de nos ajudar a unir passado e presente, criando novos mundos, novas formas de vida, que Kossoy faz referência à fotografia. É como se quisesse dizer que ela traz consigo magia e poder para criar variadas realidades e, também, ficções.

MENINOS EM TRAVESSIA

Corri atrás da vida
Pedras várias no caminho
Ainda menininho, menor, inocente
Acreditei em tanta gente
E as pedras do caminho
Tiraram minha inocência, me estupraram
Violentaram, ignoram
Hoje, longe dos meus
Do meu lar
Eu me sinto longe, muito longe de mim
Pirei.
Saudade de mim.

[Esse poema é uma homenagem àquelas crianças e imigrantes que fazem a travessia e precisam se abrigar em uma clínica ou hospital psiquiátrico.]

(Rosa M. Martins, nov.2024.)

A PRAÇA

A praça de Lampedusa
Não é a mesma praça
Não é o mesmo banco
Está cheia de graça
Porque a praça virou casa
Aconchego bom,
Por que na praça
Repartíamos a fruta
O doce
Os sonhos, os medos

Os olhares, as alegrias
O sorriso
A esperança
Os idiomas
A praça virou casa
Nem fizeram faltas as paredes
A cerca elétrica
O portão
A chave
Estávamos protegidos
Pela solidariedade
Pelo respeito mútuo
Pela acolhida
Um dia a praça ficou vazia
Eles foram atrás de seus sonhos
E eu vim abraçar meu Brasil
A praça sentiu um vazio de nós
Nós enchemos a praça de saudades
Ah, saudades!

(Rosa M. Martins, 05.01.2025)

EPÍLOGO

A imagem é uma impressão da verdade,
um vislumbre da verdade
que nos é permitido em nossa cegueira.
Tarkovski

O desfecho desta obra se organiza em dois momentos. Primeiramente, apresentaremos os desafios impostos por esta pesquisa e, em seguida, faremos uma reflexão sobre o lugar da imagem e do fotojornalismo na representação dos menores estrangeiros não acompanhados. Não pretendemos esgotar o tema a modo de conclusão, pois, devido à sua complexidade, a discussão permanece em aberto para posteriores investigações.

Quando nos envolvemos com menores imigrantes, seja do ponto de vista da profissão jornalística ou na perspectiva pastoral, esbarramo-nos com a questão da lei. Menores, especificamente, se estrangeiros não acompanhados, são protegidos em vista da segurança e do resguardo de seus direitos, por serem considerados vulneráveis. Durante a pesquisa de campo, na tentativa de nos aproximarmos desses meninos, nos portos e nas casas de acolhida, sempre nos deparávamos com um adulto que impedia essa aproximação, principalmente se estavam em casas do governo e/ou sob a tutela da Proteção Civil dos portos. Muitas vezes, tivemos que falar às escondidas com as crianças, à beira de portos ou em praças públicas (casos específicos de Lampedusa e Siracusa). O trabalho foi possível graças às casas de acolhida particulares, Casa de Acolhida dos Salesianos de Dom Bosco em Napoli, *Luna Rossa em* Lamezia Terme, na Sicilia e *Odisseia* nas cidades de Lucca, Porcari e Massa Macinaia, na Toscana, e àquelas casas de acolhida pertencentes à Diocese de Lucca, *Villaggio del Fanciullo* e *GVAI* (*Gruppo Voluntari Accoglienza Immigrati*). Nesses ambientes,

fazíamos as refeições, estávamos à mesa com eles, passeávamos etc. Nas casas de primeira acolhida, geralmente pertencentes ao governo, não podíamos entrar. Foi possível perceber o descaso com esses ambientes, talvez por isso exista a proibição da entrada. Em Napoli, por exemplo, todas as casas de primeira acolhida – indicadas por organizações como *Save The Children* e *Cáritas* - impediram as visitas, fornecendo endereços falsos.

Se o leitor me pergunta se conheço Napoli, ouso dizer que sim, cada esquina, cada morro, pois nunca na minha vida andei tanto sob um sol abrasador sobre minha cabeça atrás de endereços indicados pela Cáritas e *Save the Children*, que na verdade nunca existiram. Hospedada na casa das Salesianas, na via Giovanni Paladino, a 500 m do centro de Napoli, há uma semana ali, já estava com as esperanças perdidas.

Com o bilhete comprado para voltar a Roma, sem nenhum encontro realizado com os menores, uma Irmã salesiana me indicou o endereço dos padres salesianos que acolhiam menores. Lá me encontrei com Musa e Mbaraak, o primeiro e um dos mais belos encontros. Eu me recordo da acolhida calorosa de padre Giovanni, responsável pelos meninos. Tão acolhedor e confiante que se dispôs a me deixar a sós com os garotos em uma sala muito linda para que o trabalho fluísse. Por isso, devo deixar aqui registrada a minha gratidão eterna às minhas coirmãs e coirmãos na consagração, os Salesianos e as Salesianas.

Em Lampedusa, havia menores recém-chegados, mas como não podíamos entrar no centro de acolhida e sequer conhecê-lo, marcávamos encontros na praça. Todos os dias, durante uma semana, de manhã e à tarde, estávamos na Praça Garibaldi, da paróquia de San Gerlando, onde se encontra a linda imagem da "Madonna di Porto Salvo", padroeira dos pescadores.

Diga-se de passagem, recebi de presente do pároco padre Carmelo Rizzo, uma dessas imagens da *Madonna* com a explicação de que a Nossa Senhora de Porto Salvo foi trazida para a Igreja do Rosário e São Benedito, no Rio de Janeiro, RJ.

Enfim, ali naquela praça, local cotidiano dos nossos encontros (partilhava, com eles, doces e frutas que ganhava das famílias italianas), brincávamos, ríamos, falávamos com os familiares que ficaram distantes.

Eu me recordo em uma das noites de lua cheia, na ilha (que coisa mais linda a ilha de Lampedusa iluminada pela noite!), estávamos na praça, e meninos italianos olhavam de longe os adolescentes migrantes. Corri ao encontro deles, expliquei que jovens eram aqueles e os convidei para jogarem com eles, sem medo. Presenciei uma quebra de fronteiras à luz da lua. Como não me emocionar?!

Figura 22: Meninos italianos e imigrantes da Tunísia interagem em partida de futebol na praça de Lampedusa, Mediterrâneo.
Foto: Rosa Martins, 2018

Outro desafio diz respeito à idade desses adolescentes. Dependendo da situação em que se encontram, eles preferem dizer que são adultos ou menores. Por exemplo, aqueles que querem chegar e trabalhar e são menores, dizem que têm maioridade. Aqueles de maior idade que requerem um pouco mais de proteção, dizem que são menores. Para saber quem de fato é menor, organizações italianas criaram um exame feito pelo pulso, mediante o qual se identifica cientificamente a idade do adolescente.

Um terceiro desafio é referente à língua. Interessante pensar que éramos brasileiros, italianos, africanos, sírios, georgianos, albaneses, bengaleses, todos estrangeiros uns para os outros e nos esbarrávamos na questão da língua. Um dos grandes desafios da acolhida é a língua. Fala-se muito através do abraço, do aperto de mão, do colo, do olhar, para expressar amor, proteção, acolhida e cuidado. Isso acontece muito no resgate no mar, pois nem sempre,

ou quase nunca, a guarda costeira e os voluntários falam a língua, embora sempre contem com a ajuda de um mediador cultural. No caso da nossa pesquisa, as línguas usadas para os diálogos eram o italiano, francês e inglês. Em alguns casos, nos quais os adolescentes falavam somente árabe, e nós tínhamos o limite por não falarmos o idioma, usávamos o celular. Os meninos escreviam em árabe e, com o aplicativo, traduziam para o português; e nós igualmente. Quando precisávamos falar em áudio com os marroquinos, ligávamos para um amigo árabe de São Paulo, Amjad Milhem, um amigo refugiado da Palestina– diga-se de passagem, a quem quero homenagear nesta obra pela ajuda que me deu gratuitamente e pela sua bravura e coragem –, fazíamos a pergunta em português, ele gravava em árabe a resposta e me enviava, e eu enviava para o celular dos meninos, para lhes dar uma noção mais precisa sobre a sua estadia na Itália e sobre os riscos que corriam. Em meio a uma tradução e outra, havia sempre uma risada, uma brincadeira, um gesto de bondade, e acabamos por tecer uma amizade que não terminará nunca. Continuamos, ainda hoje,anos comunicar pelo celular.

Vale justificar a ausência das meninas menores neste estudo. O contato com elas não foi possível por três razões principais: é muito difícil o acesso às casas de acolhida das mesmas por causa da proteção; o fluxo de imigração das menores tem diminuído devido aos riscos que correm por serem mulheres (o que foi perceptível no decorrer da nossa pesquisa); é comum que as meninas migrem acompanhadas de um parceiro, suposto marido ou parente, e, frequentemente, são intimidadas por eles para não falarem sobre sua vida – parecem ter muito medo da repressão de seus companheiros, respondendo a nossas tentativas com dizeres como“ Não. Meu marido não quer que eu fale” ou“...disse para eu não falar”.

Sobre a representação do menor no fotojornalismo italiano

A realização deste projeto evidenciou a importância do tema da imigração de menores estrangeiros especificamente não acompanhados, a sua representação no fotojornalismo italiano e

como este tem lidado com essa realidade nova e sem precedentes no país.

Se por um lado esses menores se tornam protagonistas das próprias histórias, arriscando suas vidas para salvá-las, por não encontrarem em seus países condições suficientes para se desenvolverem de maneira salutar, devido a situações de guerra, governos ditatoriais, violência, pobreza e falta de trabalho, por outro, a imprensa italiana, atrelada ao governo, junto à população, acaba por promover uma disputa acirrada pelo território, em uma insistente formação de opinião pública que defenda que a "Itália é para os italianos". Essa afirmação pode ser vista pichada nos muros de algumas cidades no decorrer da pesquisa. Lucia Del Chiaro, da prefeitura de Lucca, na Toscana, confirma essa realidade quando, em entrevista, afirmou:

> a opinião pública e a política têm formado um vórtice, porque a opinião pública está se tornando bárbara e, a política e a informação, ao invés de remarem contra essa barbárie, estão engrandecendo-a. A política tem interesse em ganhar consenso fácil e, à comunicação, interessa a venda, a publicidade e o dinheiro. Como consequência, a população italiana está se tornando cada vez mais bárbara. O clima é péssimo, e sou muito pessimista com este meu país. [...] O direito de asilo para Salvini e seus assessores é somente se fogem de uma inundação, da guerra. Caso contrário, não têm direito. O resultado é que está sendo negado o direito de asilo e de acolhida às pessoas. Isso faz crescer a imigração irregular. São todas medidas que vão aumentar a irregularidade e sua percepção, criando na opinião pública a necessidade de medidas emergenciais e rígidas. Penso que daqui seis meses as coisas serão piores (Entrevista concedida à autora em 05.12.2018).

Ainda vale ressaltar resultados de trabalhos realizados por pesquisadores e professores de Universidades da Itália, como Maurizio Corte, do Centro de Estudos Interculturais da Universidade de Verona, sobre a visão dos Meios de Comunicação em relação a esses menores e aos imigrantes em geral.

Pesquisa feita pela universidade sobre a imagem da imigração na imprensa italiana entre os anos de 1998 e 2000, com o objetivo de promover e estabelecer ferramentas científicas, culturais e

metodológico-didáticas no campo da educação, em uma sociedade pluralista e multicultural, traz grande contribuição para o nosso estudo. Corte dá um grande contributo ao informar que a ANSA é lida em todas as chancelarias internacionais, bem como nos edifícios italianos e estrangeiros das principais instituições. Segundo ele, estudar a ANSA significa estar em contato com a fonte da informação italiana. A agência define para jornalistas de rádio, TV, impressos e online, a agenda de eventos sobre os quais escrever. Uma espécie de agenda setting. Apresenta as notícias que devem ser oferecidas a leitores e ouvintes. A ANSA produz a maioria das informações divulgadas pelos jornais e constitui uma referência a partir da qual nenhum jornal pode prescindir; e é uma agência que se desenvolveu muito com as novas tecnologias de comunicação.

As conclusões da nossa pesquisa em relação ao fotojornalismo da ANSA e do Corriere della Sera são semelhantes aos resultados apresentados na pesquisa da Universidade de Verona. Isso significa que nada mudou em relação aos conceitos e à forma de retratar os imigrantes nas notícias e no espaço que ocupam.

Destacamos alguns pontos em comum entre a pesquisa da Universidade de Verona, citada no artigo do professor e jornalista Maurizio Corte (2003) Noi e glialtri: l'immagine dell'immigrazione e degli immigrati sui mass-media italiani,e a nossa: a) a maioria das notícias fotojornalísticas sobre os imigrantes estão em crônicas ou em artigos sobre polêmicas políticas (Corte, 2003, p. 8); b) em nenhum momento se ouve as vozes desses imigrantes, no nosso caso, menores; c) as imagens relacionadas com os textos quase nunca mostram os menores como trabalhadores, como pessoas felizes, com uma história de vida; em geral, eles são retratados à beira de estrada na prostituição, nas marquises das ruas, nas estações de trem, em casas de acolhida, pobres, famintos, mortos, envolvidos com situações ilícitas, como drogas, assassinatos etc.

É comum ver italianos incomodados com a presença de estrangeiros. Em um restaurante, no qual fazíamos a refeição, após trabalho, uma senhora negra se aproximou para vender seus produtos e ouvimos o seguinte comentário: "É por isso que os italianos não aguentam mais, entende? Eles nos incomodam. É cansativo!"

É exatamente isso que Corte expressava nas suas conclusões:

> o imigrante é exclusivamente clandestino: é alguma coisa de negro, de doente, é contagioso como a peste! É porco, pobre, inclinado à violência e à ilegalidade. É fonte de incômodo: não só para a indústria turística de Lampedusa, que arrisca o comprometimento da sua imagem, mas para todo o sistema italiano (Corte, 2003, p. 12).

Ao final desta pesquisa, surge um questionamento que nos parece importante: por que nada mudou em relação à forma de retratar ou representar o imigrante menor estrangeiro não acompanhado no fotojornalismo e na imprensa em geral?

Um dos objetivos deste trabalho era averiguar a seguinte hipótese: a imprensa, especificamente os jornais, não conseguem dar visibilidade à real situação dos menores estrangeiros não acompanhados, reforçando a invisibilidade e a fulanização, negando suas histórias e seus sonhos. Essa invisibilidade se dá de duas maneiras: pela forma como são representados no fotojornalismo, conforme acima mencionado, e pela dificuldade que os fotojornalistas encontram para fotografar e entrevistar esses menores por causa da proteção legal, mas também pela falta de interesse.

Finalizamos a primeira parte do nosso epílogo com a expressão de um cidadão italiano que é também resultado dos discursos da mídia sobre a forma de retratação, que tem grande peso na formação da opinião pública: "O problema é que eu os vejo!"

Isso posto, trataremos mais especificamente sobre o lugar da imagem e seus contributos na travessia desses meninos.

O principal objetivo desta pesquisa era encontrar os menores estrangeiros na Itália e permitir que eles fizessem uma análise da representação no fotojornalismo italiano sobre as suas travessias e inserção naquele país. Durante esses encontros em algumas cidades da Itália, a pesquisa tomou outro direcionamento porque, ao deixá-los livres para observar as fotos, imediatamente passaram a recordar o seu passado junto a familiares e amigos e a travessia (o caminho feito a pé, as mortes presenciadas no deserto do Saara, as prisões pelas quais passaram nos campos de tortura na Líbia e a relação com o mar).

Essa novidade dentro da nossa pesquisa nos fez percorrer trajetos não esperados, como aquele de ter que convidar para o diálogo antropólogos, sociólogos, etnólogos, geógrafos, filósofos, dentre outros, devido ao efeito da fotografia na mente desses meninos. Seus relatos, ao verem as fotos, despertaram a discussão sobre território, territorialidades, identidades, memória e lembranças. Tudo isso nos permitiu perceber a importância e a relevância da imagem como documentação histórica e, aliada a ela, a oralidade como testemunho que ratifica e ajuda o pesquisador a se aproximar do vestígio do real que está por trás da foto.

A discussão com Norbert-Schulz (2008) nos fez questionar sobre o lugar ontológico do ser humano como ser-aí, dado à existência, cuja morada se dá, enquanto tal, nesse espaço entre o céu e a terra, o mundo. Isso nos faz pensar que, nesse sentido, a distribuição territorial e as fronteiras tolhem ao ser humano a liberdade de ser, porque é da sua natureza, enquanto ser-aí, transitar nesse mundo para se realizar como pessoa e dar conta da sua existência. Augè faz referência à imigração quando chama os campos de refugiados de não-lugares criados pela sociedade moderna (Augè, 2012, p. 36). Nesse sentido, os imigrantes e refugiados, pessoas em trânsito por excelência, podem nos dar dicas de como recriar a nossa territorialidade, como desterritorializar-se e reterritorializar-se, se necessário, para dar conta do existir e responder as demandas que os não-lugares do mundo atual nos propõe.

Esse caminho nos levou, também, a perguntar pelos não-lugares da fotografia. Haveria alguma relação estreita sobre os não-lugares da fotografia e o lugar do ser humano neste mundo? O não-lugar do homem poderia gerar o não-lugar da imagem? Por não-lugares da imagem, nos interrogamos sobre aquele hiato entre a imagem e o fotógrafo, entre o real e a ficção. É nesse hiato que se movimenta o que dá vida à fotografia, o que angustia o fotógrafo e o faz buscar e fotografar de novo. Seria esse hiato – que chamaríamos de não-lugar da fotografia, essa "coisa em movimento", que se revela e que se esconde, o invisível, o infotografável – que faz com que a imagem ganhe permanência na história?

> O não-lugar não nos coloca diante de questões sobre um mundo que não é o nosso, e que não existe; é sim, a criação de

> um outro mundo em nosso próprio mundo. O "fora", assim como o não-lugar, constitui-se de forças e singularidades selvagens, é o lugar da virtualidade, das linhas de fuga, é o lugar onde tudo está por acontecer (Fonseca, 2015, p. 178).

As imagens ultrapassam a fronteira do lugar, do território, e nos interpelam, questionam, por sua natureza, por carregarem em si mesmas um não-lugar como essência do que ela é,sempre instigada pela memória. Foi isso que permitiu aos menores nos ajudarem a desenhar essa história.

As histórias dos menores estrangeiros não acompanhados são reveladoras do quanto a fotografia é portadora de significados e carrega territorialidades, a partir de uma sociedade em processo contínuo de desterritorialização. A memória se apresenta, nesta pesquisa, como um dos elementos que impregna de sentido a imagem, permitindo o desvelar-se de histórias de vida que, em uma contínua reterritorialização, recomeçam na esperança. Com certeza, para além do projeto em si que nos possibilitou desvendar os meandros da fotografia e do fotojornalismo, também terá favorecido a esses menores forjar uma nova trajetória em suas vidas.

Por fim, cremos que este trabalho nos ajudou a compreender dois elementos fundamentais em relação à fotografia: a) as suas dimensões de fato e foto. O primeiro se refere ao real apreendido pela câmera fotográfica. O segundo é representação do real e, como tal, é criadora de uma imensidão de realidades que a cada novo interpretar, novas realidades e ficções são criadas. b) O invisível, não fotografável da imagem, que se revela e se esconde, que dá magia e fascínio ao ato de fotografar. É o que diferencia o ser da foto da sua aparência. O mundo sensível lida com a aparência das coisas, e com a imagem não é diferente. Isso nos certifica que tudo é representação. Durante a nossa pesquisa, refletimos sobre como o ato de representar por meio da imagem e do fotojornalismo se articula com a vida concreta.

Após esse longo percurso, nós nos perguntamos: uma vez que a fotografia, como representação, lida com a aparência, teria o fotojornalismo, inserido na sociedade do espetáculo e do consumo, possibilidades de dar visibilidade à real história dos menores? Seria o hiato entre a aparência e a essência o não-lugar da fotografia? Que

lugar ocuparão os menores na história do fotojornalismo italiano a partir do fechamento das fronteiras? Até que ponto um pesquisador, na ansiedade pela busca de respostas às suas indagações pode perscrutar na vida de um ser humano – e um ser tão vulnerável como a criança estrangeira não acompanhada – aquilo que há de mais privado e sagrado no recôndito da sua memória? A fotografia ao funcionar como acesso para a memória, não teria também um papel curador e psicoterapêutico na vida de seus interlocutores?

Não poderíamos fechar este livro sem dar espaço de fala, escutar, sensibilizar-nos, conhecer os protagonistas dessa pesquisa. Bem-vindos a este livro: Musa, Faruk, Malikah, Mbaraak, Skanford, Giti, Egzon, Ayman, Mamadou e Mohamad. Com vocês, a palavra:

"[...] somos fortes sim, mas mais forte é o nosso
Deus que fez tudo isso por nós".
Musa, 17 anos (referindo-se à travessia no Mediterrâneo).

"Nnós conseguimos fugir do campo de tortura, mas eu deixei meus amigos presos lá...".
Mbaarak,16 anos (referindo-se à sua passagem pela Líbia, no campo de tortura).

"Acho que deveriam sempre voar alto e fotografar os imigrantes no mar para conseguirem salvar as suas vidas".
Musa, 17 anos (sobre o trabalho dos fotojornalistas).

"Acho que eles devem entender o sentido da palavra empatia".
Egzon, 17 anos
(referindo-se à comunidade italiana de Lucca).

"Eu vi tantos corpos mortos no deserto, de mulheres, crianças, homens...
Eu pensava que também iria morrer".
Mammadou,15 anos.

* Frases ditas em entrevistas fornecidas entre os anos de 2016 e 2018, na Itália.

"Eu passei muita fome na viagem. Vim à Líbia para trabalhar, e eles me levaram para a prisão. Ali me pediram para chamar meus parentes na África, mas sou órfão e filho único, não tinha como chamar ninguém para mandar dinheiro".
Malikah, 15 anos

"Tive medo da morte e que o barco voltasse, pensava sempre que quando eu chegasse do outro lado, tudo iria se tornar passado. Apesar da crueldade, eu serei abençoado com uma vida feliz, humanidade e bom tratamento. Esquecer o mar e suas ondas e esperar ansiosamente para chegar ao outro lado".
Ayman, 14 anos (referindo-se à travessia no Mediterrâneo).

"Enquanto me batiam, ligavam para meus familiares para transferirem o dinheiro nas suas contas [...]. Eu decidi escrever esta história para o mundo inteiro, para que saiba que muitos de nós estamos na prisão".
Mammadou, 17 anos (sobre a vida no campo de tortura na Líbia).

REFERÊNCIAS

ABDALA Jr., Benjamin (Org.). **Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo e outras misturas.** São Paulo: Boitempo, 2004.

AMANI. Porta di Lampedusa. Disponível em: <http://www.amaniforafrica.it/cosa-facciamo/la-porta-di-lampedusa>.

AUGÉ, Marc. **Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papirus, 1994.

AUGÉ, Marc.Sobre modernidade: do mundo tecnológico de hoje ao desafio essencial do amanhã. In: MORAES, Dênis de (Org**.). Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

BARRADAS, Carlos. **Poder ver, poder saber. A fotografia nos meandros do colonialismo e pós-colonialismo. Arquivos da memória.** Antropologia, Arte e Imagem, n. 5-6. Lisboa, 2009.

BERND, Zilá. O elogio da crioulidade: o conceito de hibridação a partir dos autores francófonos do Caribe. In: ABDALA, Benjamin (Org.). **Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo e outras misturas**. São Paulo: Boitempo, 2004, p. 99-111.

BURKE, Peter**. Testemunha Ocular: o uso de imagens como evidência histórica.** São Paulo: Editora Unesp, 1937.

BURKE, Peter**.** Testemunha ocular. **História e imagem**. Bauru: EUDSC, 2004.

BURNIER, José Roberto. Boa Vista vira destino de uma legião de refugiados da Venezuela. **G1**, Roraima, 15 ago. 2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2017/08/boa-vista-vira-destino-de-uma-legiao-de-famintos-refugiados-da-venezuela.html>.

BONI, Paulo César. Editorial. **Discursos fotográficos**. v. ba5, n. 7, p. 9-10, 2009.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. 14ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BOSI, Ecléa. Memória: enraizar-se é um direito fundamental do ser humano. **Dispositiva**. v. 1, n. 2, p. 196- 199, nov. 2012/abr. 2013.

Entrevista concedida a Mozahir Salomão Bruck. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/dispositiva/article/view/4301/4454>.

CAMARA DEI DEPUTATI. Commissione parlamentare di inchiesta sul sistema di accoglienza, di identificazione ed espulsione, nonché sulle condizioni di trattenimento dei migranti e sulle risorse pubbliche impegnate. 2017. Disponível em: <https://immigrazione.it/docs/2017/dati-statistici-23-gennaio-2017.pdf>.

CAMMISOTTO, Antonio. **Aspetti socio-criminologici dell'immigrazione: il caso di Rosarno**. Dissertação (Mestrado em Criminologia). Bologna, 2017.

CAMPANIELLO, Anna. Erba, la corte di via Diaz volta pagina. Corriere di Como. 14 dez. 2013. Disponível em: <https://www.corrieredicomo.it/la-corte-di-via-diaz-volta-pagina/>.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 1998.

CASTELO-BRANCO, Rodrigo. Globalização, tratado de livre-comércio da América do Norte e migração internacional. O capital como barreira aos trabalhadores periféricos. **Revista Lutas Sociais**, v. 15/16, p. 65-76, ago. 2006.

CASTILHO, Carlos. A relação entre imprensa e público continua piorando. **Observatório da Imprensa**, 10 ago. 2007. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/codigo-aberto/a-relacao-entre-imprensa-e-publico-continua-piorando/>.

CATALÀ DOMÈNECH, Josep M. **A forma do real: introdução aos estudos visuais**. São Paulo:Summus, 2011.

CAVALIERE, Leonardo. Lampedusa: uomini, donne e bambini. Tante vite un solo coraggio. **Minori Stranieri non Accompagnati**, 3 out. 2013. Disponível em: <http://minoristranierinonaccompagnati.blogspot.com/2014/10/lampedusa-uomini-donne-e-bambini-tante.html>.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2008.

CIRULNIK, Boris. **Do sexto sentido: o homem e o encantamento do mundo**. Lisboa: Editora Odile Jacob, 1997.

CIRULNIK, Boris. **Os alimentos afetivos**. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes - WMF, 2007.

COELHO, Cláudio Novaes Pinto; CASTRO, Valdir José de (Org.). **Comunicação e sociedade do espetáculo**. São Paulo: Paulus, 2006.

CORTE, Maurizio. **Noi e gli altri.** L'immagine dell'immigrazione e degli

immigrati sui mass media italiani, 2003. Disponível em: <https://www.peacelink.it/migranti/a/121.html>.

CORTI, Paola. **Emigranti e immigrati nelle rappresentazioni di fotografi e fotogiornalisti**. I quaderni del Museo dell'immigrazione, n. 43, ed. Umbra, 2010. Disponível em: <http://www.altreitalie.it/pubblicazioni/rivista/n_43/rassegna/libri/paola_corti_emigranti_e_immigrati_nelle_rappresentazioni_di_fotografi_e_fotogiornalisti.kl>.

DAMASIO, Antônio. **O sentimento de si**. Lisboa: Publicações Europa-América, 2000.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo. Comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DESCOLA, Philippe. **Sobre a imagem.** Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/22953/22953_3.PDF>.

DIDI-HUBERMANN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Editora 34, 2010.

DUBOIS, Philippe. **O acto fotográfico**. Lisboa: Vega, 1992.

ENNE, Ana Lucia; TAVARES, Cristiane. Memória, identidade e discurso midiático: uma revisão bibliográfica**. Revista eletrônica Novo Enfoque**, v.1, n.1, jun. 2004.

FANTINI, Marli. Águas turvas, identidades quebradas: hibridismo, heterogeneidade, mestiçagem e outras misturas. In: ABDALA JR, Benjamim. **Margens da Cultura**. São Paulo: Editora Boitempo, 2004.

FONDAZIONE ISMU. Minori stranieri non accompagnati. Disponível em: <http://www.ismu.org/minori-stranieri-non-accompagnati/>.

FRANCASTEL, Pierre. **Imagem, visão e imaginação**. Lisboa: Edições 70, 1987.

FREIRE, Silene de Moraes; CARVALHO, Andréia de Souza. Midiatização da violência: os labirintos da construção do consenso. **Textos & Contextos**, v.7, n. 1, p. 151-164, jan./jun. 2008. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/3944/ 3208>.

FREUND, Gisèle. **Fotografia e Sociedade**. Lisboa: Vega, 1995.

FUÃO, Fernando Freitas. **Cidades Fantasmas**. Arqtexto, n. 1, 2001.

FULANIZAR. In: **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa.** Disponível em: <https://www. priberam.pt/dlpo/fulanizar>.

GAZZETTA UFICIALLE DELLE COMUNITÀ EUROPEE. La Carta dei diritti fondamentali dell'Unione europea. Disponível em: <http://www.europarl.europa.eu/charter/ pdf/text_it.pdf>.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart**. A identidade cultural na pós-modernidade.** 9ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HALL, Stuart; DU GAY, Paul. **Cuestiones de identidad cultural**. Buenos Aires: Amorrortu. 2003.

HARRES, Marluza Marques. **História Oral: Algumas questões básicas**. Anos 90, v. 15, n. 28, p. 99-112, dez. 2008.

HOFFMANN, Maria Luisa. Guardião de imagens: "Memórias fotográficas" e a relação de pertencimento de um pioneiro com Londrina. III Encontro Nacional de Estudos da Imagem. Londrina, 2011. **Anais.** Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais2011/trabalhos/pdf/Maria%20Luisa%20Hoffmann.pdf>.

JÚNIOR, Valdemar. Antonio da Silva. **Corpo e aprendizagem em Boris Cyrulnik e Marleau-Ponty**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/ bitstream/123456789/14627/1/ValdemarASJ_DISSERT.pdf>.

KONDER, Leandro. **A questão da ideologia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

KOSSOY, Boris. O Paradigma da Fotografia. **Seminário de Fotografia.** Chile, 19 ago. 2008. Disponível em: <http://boriskossoy.com/wp-content/uploads/2014/11/paradigma_pt.pdf>.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 5ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2016.

KOSSOY, Boris. **Tempos da fotografia. O efêmero e o perpétuo**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. São Paulo: Editora da Unicamp, 1990.

L'ESERCITO di invasione é già qui: 1 milione di minori stranieri. **Vox News**, 22 jul. 2017. Disponível em: <https://voxnews.info/2017/07/22/lesercito-di-invasione-e-gia-qui-1-milione-di-minori-stranieri/>.

LIMA. Maria Emília Amarante Torres. Análise de discurso e/ou análise de conteúdo. **Psicologia em Revista**, v. 9, n. 13, p. 76-88, jun. 2003.

LITTLE, Paul E. Territórios Sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. **Anuário Antropológico/2002-2003**, p. 251-290. Universidade de Brasilia. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro,

2004. Disponível em: <http://www.dan.unb.br/images/pdf/anuario_antropologico/Separatas%202002-2003/2002-2003_paullittle.pdf>.

LODIGIANI Rossella. La rappresentazione dei rapporti interetnici nella stampa locale. In: AMBROSINI, Maurizio. **Immigrazione e società multietnica in Lombardia**. Milão: Fondazione Cariplo-Ismu, 1996.

LOPEZ, Debora Cristina. DITTRICH, Ivo José. **A mídia brasileira e a noção de poder em Foucault.** Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/lopez-debora-ivo-midia-brasileira-Foucault.pdf>.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia**. São Paulo: Ática, 1986

MARCUS, Juliana. Apuntes sobre el concepto de identidad. **Intersticios. Revista Sociológica del Pensamiento Crítico**, v. 5, 2011.

MARTINS, Rosinha. Jornalista critica cobertura de imprensa brasileira sobre refugiados. **Conselho Nacional das Igrejas Cristãs**, 4 out. 2016. Disponível em: <https://www.conic.org.br/portal/noticias/2033-jornalista-critica-cobertura-de-imprensa-brasileira-sobre-refugiados>.

"NEGRA di m..", "ti faccio abortire". Orrore sul bus, donna incinta insultata. **Libero Quotidiano**, 18 ago. 2017. Disponível em: <https://www.liberoquotidiano.it/news/italia/13219308/rimini-nera-incinta-insultata-rapinata-bus-negra-ti-faccio-abortire.html.>.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **Intenciones enArquitectura**. Barcelona: The MIT Press, 2008.

NORBERG-SCHULZ, Christian. O fenômeno do lugar. In: NESBITT, Kate (Org.). **Uma Nova Agenda para a Arquitetura**. Antologia Teórica 1965-1995. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6ª ed. Campinas: Unicamp, 2007.

PATIAS, Jaime Carlos. O espetáculo no jornal sensacionalista. In: COELHO, Cláudio Novaes Pinto; CASTRO, Valdir José de (Orgs). **Comunicação e sociedade do espetáculo**. São Paulo: Paulus, 2006.

PRADO, Antonio Carlos; ORTIZ, Elaine. O drama da imigração. **Istoé**, 1 set. 2016. Disponível em: <https://istoe.com.br/o-drama-da-imigracao/>.

RAMOS, Luiz Felipe Gondin. **Origens da Primavera Árabe**. Dissertação (Especialização em Relações Internacionais) – Universidade de Brasília. Brasília, 2015.

ROCHA, Carlos Pires Vieira da. Comida, Identidade e Comunicação: a comida como eixo estruturador de identidades e meio de comunicação. **Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação.** Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/rocha-carla-comida-identidade-e-comunicacao.pdf>.

ROCHA, Glauber. **Revolução do Cinema Novo**. Rio de Janeiro: Alhambra/ Embrafilme, 1981.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Comunicação e Cultura**. A Experiência Cultural na Era da Informação. Lisboa: Editorial Presença, 1993.

ROGOFF, Barbara. **La natura culturale dello sviluppo**. Milano: Raffaello Cortina, 2004.

ROMILDO, José; CAZARRÉ, Marieta. ONU diz que há 65,3 milhões de refugiados em todo o mundo. **Agência Brasil**, 20 jun. 2016. Internacional. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2016-06/onu-diz-que-ha-653-milhoes-de-refugiados-em-todo-o-mundo>.

RUMBAUT, Rubén G. Imigração nos Estados Unidos: da grande inclusão à grande expulsão? **El País Brasil**, 15 jan. 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/13/internacional/1484322393_809504.html.>.

SAMAIN, Etienne. (Org.). **O fotográfico**. 2.ed. São Paulo: Hucitec/Senac, 2005.

SANTOS, Milton. **Território, globalização e fragmentação**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1998.

SANTOS, Milton. **Território, territórios: Ensaio sobre o ordenamento territorial**. 3ª ed. São Paulo: Lamparina, 2007.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: EDUSP, 2006.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado. Fundamentos teórico e metodológico da geografia**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2012.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo**. 5ª ed. São Paulo: EDUSP, 2013.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente: Contra o desperdício da experiência**. Porto: Afrontamento, 2000.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo: Para uma nova cultura política**. Porto: Edições Afrontamento, 2006

SANTOS, Boaventura de Sousa. Do pós-moderno ao pós-colonial e para

além de um e do outro. Conferência de Abertura do VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Coimbra. **Anais.** Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/misc/Do_pos- moderno_ao_pos-colonial.pdf>

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do Pensamento Abissal. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 78, p. 3-46, 2007. Disponível em: <https://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/147_Para%20alem%20do%20pensamento%20abissal_RCCS78.pdf>.

SAVE THE CHILDREN. **Atlante.** Sui minori stranieri non accompagnati. Roma, 2017a. Disponível em: <https://www.savethechildren.it/sites/default/files/AtlanteMinoriMigranti2017 .pdf>.

SAVE THE CHILDREN. **Minori stranieri non accompagnati**: tra 2012 e 2016 triplicato il numero di under 14 e quadruplicato quello delle ragazze in un sistema di accoglienza e protezione insufficiente che attende l'applicazione della nuova legge organica, 2017b. Disponível em: <https://www.savethechildren.it/press/minori-stranieri-non-accompagnati-tra-2012-e-2016-triplicato-il-numero-di-under-14-e>.

SONTAG, Susan. **Ensaios sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Arbor, 1981.

SOULAGES, François. Entrevista: o filósofo François Soulages e a estética da fotografia na era digital. **Revista Zum**, São Paulo, 2 out. 2017. Entrevista concedida a Bruno Zorzal& Gabriel Menotti. Disponível em: <https://revistazum.com.br/entrevistas/entrevista-francois-soulages-2/>.

SOULAGES, François. **Fotografia. Perda e permanência**. São Paulo: Senac, 2010.

SOUSA, Jorge Pedro. O fotojornalismo em pauta: entrevista com Jorge Pedro Souza. **Intercom**. v. 39, n. 3, p.203-211, set./dez. 2016. Entrevista concedida a Aline Gama de Almeida e Marcília Gomes da Costa Mendes. Disponível em: <http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/2566/2013>.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma leitura crítica do fotojornalismo Ocidental.** Porto, 1998.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de. *et. al*. **Geografia: Conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 77-116.

STEINBERGER-ELIAS, Margarethe Born. **Discursos geopolíticos da mídia: jornalismo e imaginário internacional na América Latina.** Fapesp/Educ/Cortez, 2005.

Sulla migrazione troppa spettacolarizzazione. **La valle dei templi.** 17 abr. 2018. Disponível em: <http://www.lavalledeitempli.net/2018/04/17/sulla-migrazione-troppa-spettacolarizzazione/>.

UCHINAKA, Fabiana. ONU diz que imigração tem custo zero aos países ricos e defende o fim das barreiras. **Uol Notícias**, São Paulo, 05 out. 2009. Internacional. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultnot/internacional/2009/10/05/ult1859u1595.jhtm>.

UNHCR. **Global Trends**, 2016. Disponível em: <http://www.unhcr.org/5943e8a34>.

VENTURINI, Patrizia. **Minori stranieri non accompagnati negli Stati dell'Unione Europea.** Altalex, 11 mar. 2013. Disponível em: <https://www.altalex.com/documents/news/2013/03/07/minori-stranierinon-accompa gnati-negli-stati-dell-unione-europea>.

VIGLONGO, Eleonora; GROSSI, Giorgio; BELLUATI, Marinella. **Mass media e società multietnica**. Milão: Anabasi, 1995.

"Tive medo da morte e que o barco voltasse. Eu sempre pensava que, assim que eu chegasse do outro lado, tudo iria se tornar passado. Apesar da crueldade, eu serei abençoado com uma vida feliz, humanidade e bom tratamento. Esquecer o mar e suas ondas e esperar ansiosamente para chegar ao outro lado"
(Ayman, 14 anos, Lampedusa, set. 2018).

Este livro objetiva mostrar minha análise sobre a representação de MENORES ESTRANGEIROS NÃO ACOMPANHADOS pelo fotojornalismo italiano no contexto das atuais migrações. Tal análise foi feita através de fotografias publicadas pela *"Agenzia Nazionale Stampa Associata"* (ANSA), principal agência de notícias da Itália, e pelo *"Corriere della Sera"*, jornal de estilo conservador e atuante no território italiano desde 1876. A interpretação iconográfica das imagens se dá a partir do pensamento do pesquisador e fotógrafo brasileiro *Boris Kossoy*, visando aprofundar as histórias escondidas por trás das imagens. Esse processo nos permitirá – apoiados numa dinâmica interdisciplinar entre comunicação, antropologia, filosofia, literatura, sociologia, história e geografia – compreender melhor os processos de imigração e a dinâmica de vida e inserção destes menores, perpassando as questões de memória, identidade, territorialidade, espaço e lugar do ser humano no mundo.

Para tanto, dialogam comigo Milton Santos, Ecléa Bosi, Jacques Le Goff, Maurice Halbwachs, Paola Corti, Maurizio Corte, Stuart Hall, Boris Kossoy, François Soulages, Susan Sontag e Peter Burke, que me auxiliam no exame detalhado das questões fotográficas, iconográficas e iconológicas. *Guy Debord* clarifica o contexto sociocultural no qual se sistematiza a produção midiática. O vértice, portanto, e a "pupila dos olhos" desta pesquisa, será a análise fotográfica feita pelos próprios menores em diversas cidades da Itália, como Lampedusa, Siracusa, Reggio Calabria, Napoli, Catania, Massa Macinaia e Lucca. No corpo do trabalho se poderá perceber um movimento e bamboleio harmonioso de interlocução entre esses menores e os estudiosos, o que dá beleza e veracidade à especulação.

CSEM